NA 16.ª PÁGINA: PONTOS E SOLUÇÕES DOS EXAMES LICEAIS

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 1969 N.º 16 701 ANO 49.º UM ESCUDO

luz verde nos caminhos da FORTUNA

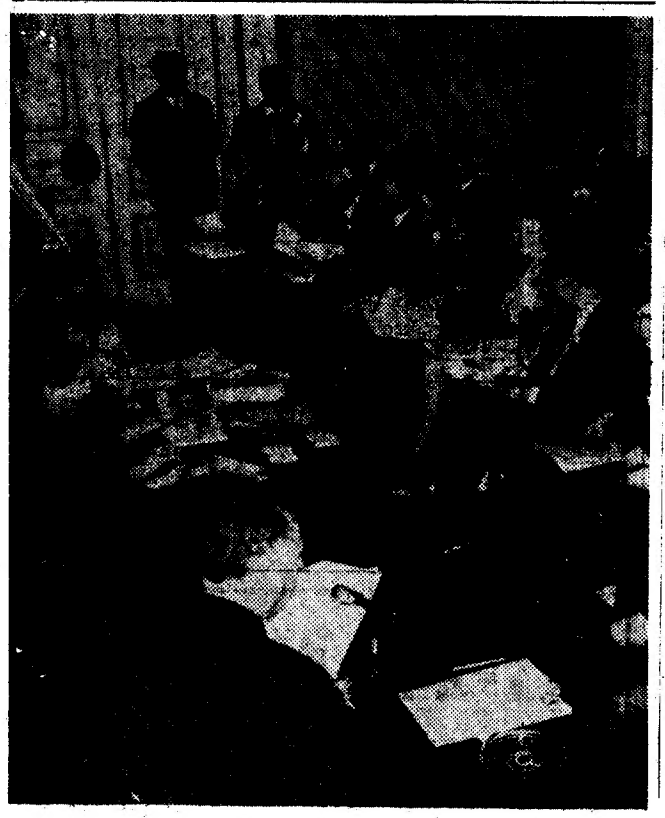
1 X 2

TOTOBOLA

"Não queremos esmolas"

—afirmou um ministro brasileiro ao enviado especial de Nixon

RIO DE JANEIRO, 19 — (F. P.) — Foi por uma crítica acerba ao «lirismo estéril» da Aliança para o Progresso que o ministro do Planeamento brasileiro, Hélio Beltrão, começou a exposição das reivindicações que apresentou a Nelson Rockefeller, durante a visita do governador de Nova York a Brasília.



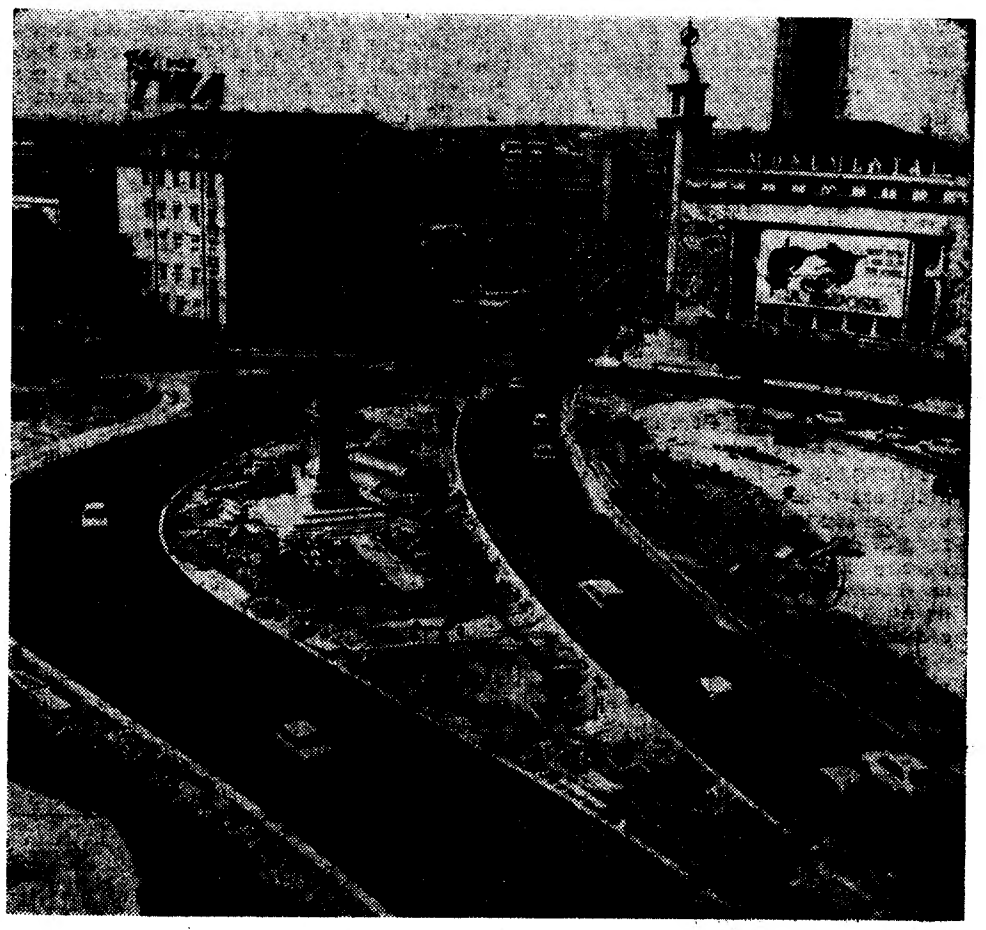
«Não queremos esmolas, mas sim um programa de cooperação», acrescentou o ministro ao enviado especial de Nixon, que por seu lado, tinha afirmado estar no Brasil «para escutar tudo o que lhe quisessem dizer, mesmo que fosse desagradável».

O ministro brasileiro pediu em primeiro lugar «um esforço racionalmente planificado», que permita eliminar certos desperdícios que considera inadmissíveis, em participar no quadro dos acordos de empréstimos dependentes da compra de material americano, que o Brasil pode produzir. Propôs em seguida um programa de «cooperação realista» entre o Brasil e os Estados Unidos:

1. Aumento progressivo das exportações brasileiras.

2. Escalonamento rigoroso dos vencimentos da dívida externa.

3. Estabelecimento de um plano racional para as importações americanas.



TRÂNSITO MAIS FÁCIL NO SALDANHA — Abriu ontem ao trânsito a segunda faixa dos novos caminhos postos à disposição dos automobilistas, no Saldanha. Deste modo, já se pode circular na importante praça tal como se fará no futuro: mais ràpidamente. (LER NA PÁGINA CENTRAL)

SERÁ REVISTA NO PRÓXIMO ANO A SITUAÇÃO DO FUNCIONALISMO

— DISSE O PRESIDENTE DO CONSELHO NA SUA QUARTA «CONVERSA EM FAMÍLIA»

Na sua quarta «Conversa em família», ontem á noite na TV, disse o Presidente do Conselho:

Desde o princípio de Abril que não venho conversar com os meus ouvintes na televisão. Mas sabem porquê. Neste intervalo de tempo tive ensejo de me dirigir ao País em várias oportunidades, sobretudo durante a visita á Guiné, a Angola e a Moçambique e por ocasião da viagem ao Porto. Essas deslocações revestiram-se de significados que não escaparam á opinião interna e internacional. As manifestações nas províncias ultramarinas foram a expressão eloquente do desejo das populações de se manterem portuguesas e de não serem abandonadas na sua defesa contra os perturbadores da paz.

É curioso notar que só existe subversão, nos nossos territórios, próximo das fronteiras com países que a alimentem, tolerando, albergando e sustentanto os terroristas. Se esses países cessasem de apoiar o nossos inimigos, que as potências comunistas instruem e armam, a subversão extinguir-se-ia. Assim, somos forçados a enormes sacrifícios de homens e dinheiro para manter um policiamento militar que proteja vidas e bens. Não temos outro caminho. A evolução económica e social das províncias, o progresso das suas populações, a ampliação da sua autonomia, tem de seguir firmemente, mas em ambiente de segurança

(Continua na 8.ª página)

Com a presença de 350 representantes das autarquias locais, indústria hoteleira, empresas ligadas ao turismo e agências de viagens, principiou esta manhã, no Palácio Foz, o I Encontro com os órgãos locais de turismo. A gravura dá-nos um aspecto de uma das primeiras sessões de trabalho numa das quatro secções pelas quais se dividem os temas a versar. (Ler notícia na última página)

Adiado o julgamento da Figueira da Foz

Foi adiado o julgamento dos implicados no assalto à agência do Banco de Portugal na Figueira da Foz.

O julgamento estava marcado para o dia 23 do corrente, ás 10 horas, no Palácio da Justiça de Coimbra e foi agora marcado para o mesmo local, á mesma hora do dia 13 de Outubro.

Amanhã o «Diário de Lisboa» publica o novo suplemento

MESA REDONDA

cujo sumário inclui entre outros temas:

Que entende por esquerda e direita?
Inquérito a que respondem o prof. Cabral Moncada e o dr. Nuno Rodrigues Santos

As inaproveitadas riquezas do oceano
Entrevista com os drs. Falcão Paredes e Marcelo Vasconcelos

Vale a pena discutir?
Debate sobre as vantagens e inconvenientes das mesas-redondas

Perfil do novo presidente francês
Pompidou — um enigma para milhares de concidadãos

O amor e a participação total na vida colectiva *por Urbano Tavares Rodrigues*

Sabe para que serve e como funciona a Assembleia Nacional?

HOJE 36 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

Nova lei sobre a dispensa de prestação de provas orais

• Para os 1.° e 2.° ciclos basta a média de 12 valores na prova escrita

O Ministério da Educação Nacional enviou para a folha oficial o seguinte diploma:

«Artigo 1.°. São dispensados da prestação das provas orais do 1.° ciclo e de qualquer das secções do 2.° os examinandos que nas provas escritas tenham obtido média não inferior a 12 valores e classificação não inferior a 9,5 valores em Língua e História Pátria, Português e Matemática. A classificação final de exame do 1.° ciclo e de qualquer das secções do 2.° será a da prova escrita.

Art.° 2.°. São dispensados da prestação das provas orais de qualquer das disciplinas do 3.° ciclo os examinandos que nas provas escritas tenham obtido classificação não inferior a 14 valores. A nota final e exame da disciplina será a da prova escrita.

Art.° 3.°. Os alunos aprovados em ambas as secções do 2.° ciclo, mas com média inferior a 9,5 valores numa disciplina em cada uma delas, poderão prosseguir estudos, ou ser providos em cargos publicos, desde que essa média não diga respeito simultaneamente ás disciplinas de Português e Matemática.

§ 1.°. Aos alunos com falta de média nas disciplinas de Português e de Matemática é facultada a possibilidade de repetirem uma delas, em Outubro no mesmo liceu, e uma ou as duas, na primeira época de anos seguintes em qualquer Liceu.

§ 2.°. A média indicada neste artigo é a resultante das classificações da prova escrita e da prova oral de cada disciplina.

Art.° 4.°. Este decreto entra imediatamente em vigor.»

*

Este diploma vai permitir que dispensem mais da oral muitos milhares e milhares — dezenas de milhares mesmo — de alunos. Repare-se que a partir de agora apenas os que tiverem 10 ou 11 valores nas provas escritas terão que fazer a oral. Assim, ficou muitíssimo reduzido o numero de orais, com — além do mais — a consequente diminuição do numero de professores necessários para presidir ás mesmas provas.

Necrologia

FUNERAIS

Mons. dr. Manuel Pereira Lopes

PORTO, 19 — Da Sé Catedral para o cemitério da Lapa, realizou-se esta tarde o funeral de mons. dr. Manuel Pereira Lopes, vigário-geral da diocese, que era natural de Ancede (Baião) onde nasceu em 23 de Julho de 1880.

Mons. Manuel Pereira Lopes completou em 1898 o seu curso de teologia, sendo ordenado presbítero em 1903, no Colégio Português de Roma, onde residia, por frequentar, então, a Universidade Pontifícia Gregoriana. Terminando em 1905 os cursos de Filosofia, Teologia e Direito canónico, foi nomeado em 1908, secretário particular de D. António Barroso, prelado do Porto. Um ano mais tarde, ocupava a sua cátedra no Seminário de Teologia sendo cónego na Sé Catedral do Porto. Em Junho de 1936 assumia as funções de vigário-geral da diocese.

Por morte em 1942, do prelado D. António Augusto de Castro Meireles, desempenhou ainda o cargo de vigário capitular.

FALECIMENTOS

Coronel Arnaldo da Silva Douwens

Faleceu no passado dia 14 do corrente o sr. coronel Arnaldo da Silva Douwens (aposentado).

O extinto, que nasceu em Penafiel a 11-6-1891, entrou para o Exército em 1898, tendo feito parte da comissão permanente dos combatentes da grande guerra e do conselho tutelar e pedagógico dos exércitos de terra e mar. Combateu na Grande Guerra, colaborou em vários jornais, em assuntos militares. Possuia as condecorações Faurragiere da Cruz de Guerra, Grande Oficialato Militar de Avis, medalhas de comportamento exemplar, campanhas do Exército português e da vitória. O sr. coronel Silva Douwens era casado com a sr.ª D. Maria da Glória Passos Douwens, pai das sr.as D. Maria Lucília Douwens Bentes Pimenta, casada com o sr. dr. Domingos Bentes Pimenta e D. Maria Luís Douwens Prats, casada com o sr. dr. Luís Prats, e avô da sr.ª D. Maria Helena Pimenta Rebelo de Andrade, casada com o sr. eng.° João Rebelo de Andrade e D. Maria Teresa Pimenta Vasconcelos e Sousa Lino, casada com o sr. José de Vasconcelos e Sousa Lino, e do sr. Luís M. Douwens Prats. Amanhã, ás 11 e 30, na igreja de Nossa Senhora de Fátima (altar de Santo António), será rezada missa por seu eterno descanso

Francisco Rato Valadas

PINHAL NOVO, 19 — Faleceu nesta localidade, onde residia, o sr. Francisco Rato Valadas, de 34 anos, casado, natural de Reguengos de Monsaraz, funcionário da «Movate», em Praias do Sado. Era casado com a sr.ª D. Joaquina Leal Valadas, e pai de uma menina de três anos.

O funeral efectuou-se para o cemitério local.

DE ONTEM PARA HOJE

OS 89 ANOS DO ATENEU

A entrega de medalhas aos atletas que mais se distinguiram nas diversas modalidades desportivas precedeu, ontem, á noite, o jantar de confraternização que se realizou no Ateneu Comercial de Lisboa, no âmbito das comemorações do 89.° aniversário da sua fundação. Presidiu o sr. professor Cruz Filipe, presidente da assembleia geral, vendo-se ainda na mesa de honra as senhoras de Jorge Rebelo e Silva e Costa e, ainda, os srs. dr. Cunha Martins, inspector da Direcção-Geral dos Desportos; dr. Jorge Ferreira Matias, director das escolas do Ateneu; dr. Manuel Fradinho presidente do Ginásio Clube Português, e Fernando da Silva Costa que, no final do repasto, exaltaram os altos serviços prestados pelo Ateneu. Falaram também os srs. eng. António Fragoso e António Joaquim Rocha. Foi lida uma carta do prof. Adelino Palma Carlos lamentando a ausência e agradecendo ter sido proposto para sócio de mérito; evocada a memória do antigo associado Vasco Ribeiro; prestada homenagem aos sócios que combatem no Ultramar; sublinhada com uma salva de palmas a presença naquele jantar dos srs. Américo Marinho, antigo presidente da direcção, e Manuel dos Santos Vaquinhas, actualmente o mais antigo associado, com 82 anos de idade e 64 de vida associativa; e esboçado o plano das comemorações que para o ano solenizarão a passagem do 90.° aniversário do Ateneu Comercial de Lisboa. Encerrou a série de discursos o sr. professor Cruz Filipe.

APARECEU O FALSO AFOGADO

Estava debaixo da cama de uma idosa viúva que lhe dera guarida o jovem açoriano Mário Nelson Medeiros (que simulara ter-se afogado na praia da Torre), quando um soldado da G. N. R. o encontrou. Foram populares que o viram entrar na casa da D. Ester, na Calçada das Lajes, e deram o alarme. Ali perto, fica o Instituto Sidónio Pais e toda a gente conhecia, mais ou menos, o Mário, que lá está outra vez, agora a refazer-se da desmoralização por que passou.

A MORTE PELA VIDA DO FILHO

Foi em Atouguia da Baleia, Peniche, quando um cabo de energia eléctrica se quebrou, caindo sobre a rua, que uma corajosa mulher, Maria Nazaré Santos, de 46 anos, casada com o rural Julio Catarino Sobrinho, mãe de 11 filhos, sete deles de menor idade, ao tentar salvar o filho mais novo, encontrou trágicamente a morte. A criança conseguiu sobreviver e apenas sofreu queimaduras superficiais.

DEITOU A FILHA AO POÇO

Entregou-se voluntàriamente á P. S. P. a servical Maria Amélia Barão, de 29 anos, solteira, natural de Granja do Ulmeiro, Soure, que estava a servir em Paço de Arcos, a qual se confessa autora de um crime de infanticídio ocorrido o mês passado. Uma filha, que lhe nasceu de uma ligação com um serralheiro da Parede, teria morrido. Então, a Maria Amélia, para se desembaraçar do pequeno cadáver, foi á Granja do Ulmeiro e deitou-o a um poço, onde veio a ser encontrado.

FUNDAÇÃO SALAZAR

Mais quatro donativos de instituições bancárias destinados á Fundação Salazar, e totalizando 6800 contos, foram entregues ao Chefe do Estado. Partiram do Crédito Predial Português (1000 contos); Banco Lisboa & Açores (4000 contos); Banco do Alentejo (800 contos) e Banco da Agricultura (1000 contos).

Outros donativos: 25 contos da população de Porto Améria e, ainda, um contributo dos mergulhadores profissionais srs. António Gil, José Luís Salgado e Fernando Pinto, este entregue ao ministro da Marinha.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, no Palácio Nacional de Belém, os srs. dr. Santos Junior, presidente do conselho de administração da Companhia Colonial de Navegação; prof. dr. Costa Leite (Lumbrales), presidente do conselho de administração da Sacor; dr. Jorge de Melo e Gorofi eng.° Manuel Gomes Guerreiro, presidente da comissão organizadora do I Congresso Nacional dos Engenheiros Agrónomos e Engenheiros Silvicultores.

TÁBUA RASA

A passagem do 30.° aniversário do Cenáculo Literário e Artístico «Tábua Rasa» foi assinalado com um jantar a que presidiu Carlos Selvagem e em que falaram não só aquele escritor como, também, os srs. Julio Cabral e dr. Cortês Pinto, tendo a sr. D. Maria de Naziade Galvão lido uma saudação em verso. Foram nomeados membros honorários da instituição diversas personalidades, entre as quais o dr. Augusto de Castro, Julieta Ferrão, Sarah Beirão, Oliva Guerra, Maria Germana Tanger, Ferreira de Castro, Ivo Cruz, Joaquim Paço de Arcos, Luís de Oliveira Guimarães, dr. António de Sousa e Carlos Selvagem.

LEITURA DE «AS AVES» DE GASTÃO CRUZ

Amanhã, ás 18 e 30, na Galeria 111, decorre uma sessão de leitura do novo livro do poeta Gastão Cruz, nosso prezado colaborador, intitulado «As Aves». Os poemas serão lidos pelo autor e por Luís Miguel Cintra.

Vinte pessoas condenadas por utilizarem diplomas falsos da terceira e da quarta classe

SETÚBAL, 19 — Em tribunal presidido pelo corregedor, sr. dr. José dos Santos Silveira, ladeado pelo juízes srs. drs. Garcia dos Santos e Marinho Barbosa Vicente Júnior, foram julgados os srs. José Cardoso Pereira, de 50 anos, Mário da Silva Anjos, de 52, Mário da Silva Santos, de 35, Jaime Domingos Ribeiro, de 35, Florindo Baptista Coelho, de 34, António da Silva Carlos, de 34, Fernando Cordeiro, de 30, Joaquim Carriço Louro, de 37, Garcia Alves, de 38, António Rodrigues Firmino, de 31 e José Manuel da Silva Pita, de 39, casados e José Casimiro Martins de 27, divorciado, todos operários, residentes em Setubal, e ainda Manuel Henriques José, de 35, Mário dos Anjos, de 37, Alfredo Esperança Salvador, de 39, Manuel Inácio Cecílio, de 40, trabalhadores; Eugénio Maria Januário, de 33, António Manuel Evangelista, de 34, Manuel Lopes Inácio, de 34 e António Agostinho da Lança, de 29, operários todos residentes em Praias — Sado, por utilização de diploma da terceira e da quarta classe falsos, que foram obtidos por intermédio de Virgílio Mendes da Costa, de 45 anos, viúvo, empregado no Alfeite. Este não compareceu para julgamento, pelo que será julgado mais tarde.

Foram condenados cada um a um ano de prisão ou multa de 10$00 por dia por igual espaço de tempo; 400$00 para o Serviço Social da Procuradoria da República; 2000$00 de imposto de justiça inconvertível em multa, por se verificar serem pobres; e 500$00 de indemnização a favor do Estado; ficando a pena suspensa por três anos para todos, á excepção do sr. Manuel Inácio Cecílio.

QUEIMADO ENQUANTO DORMIA

ÉVORA, 19 — Foi esta madrugada internado no Hospital da Misericórdia desta cidade o sr. António João Gita, com graves queimaduras em todo o corpo.

Trabalhador rural no Monte da Azenha, com a idade de 79 anos, o sr. António Gita adormeceu com um candeeiro de petróleo na mesa de cabeceira. O candeeiro tombou e pegou fogo ás roupas da cama.

É considerado grave o estado do trabalhador rural.

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que faleceram em combate, na província de Angola, os seguintes militares: soldado n.° 09118366, José Nobre Joaquim, natural de Odemira, filho de António Joaquim Lázaro e Ercília Maria Nobre, e o soldado páraquedista n.° 199/66, Augusto Magalhães, natural de Ribeira de Pena, filho de José de Magalhães e Maria Lopes.

VISITA BENFIQUISTA AO PRESIDENTE DO MUNICÍPIO

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, general França Borges, recebe esta tarde ás 16 e 15 em audiência, os elementos que constituem os órgãos sociais do Benfica.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

HI-FI NA FIL

JORGE GONÇALVES EXPÕE NO STAND N.° 534, NA GALERIA AA, O MAIS MODERNO EQUIPAMENTO DE ALTA FIDELIDADE.

Em distribuição no STAND o interessante folheto como escolher um ALTIFALANTE

FIL
X FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

ATÉ 23 DE JUNHO — UM EXCEPCIONAL FACTOR DE INTERCÂMBIO COMERCIAL E TÉCNICO

HORÁRIO:

Hoje — sòmente para visitantes profissionais — das 17 às 24 h.
Amanhã — para todos — das 17 às 24 horas — Entrada: 5$00

OS ESTUDANTES ETÍOPES PODEM CONSTITUIR UMA SÉRIA AMEAÇA PARA HAILÉ SELASSIÉ

ADDIS-ABEBA — Milhares de estudantes universitários e secundários desorganizaram o sistema de ensino na Etiópia, lançando assim um raro desafio ao imperador Hailé Selassié.

As manifestações estudantis e os boicotes levaram ao encerramento de todos os liceus de Addis-Abeba e obrigaram a Universidade Hailé Selassié, da capital, a funcionar com apenas um quarto dos efectivos normais. No resto do país, o ensino secundário tornou-se uma farsa.

O estado de espírito rebelde dos estudantes é um dos raros desafios lançados ao imperador desde que a sua guarda imperial tentou, sem êxito, expulsá-lo do Poder, em 1960.

Para um *outsider* torna-se difícil avaliar da força deste desafio. De momento, os estudantes apenas abalaram um pouco o regime de Selassié. Mas, a longo prazo, as manifestações e as greves poderiam galvanizar suficientemente as forças de descontentamento de modo a fazerem abrir brechas no regime. Num país como a Etiópia, sem partidos organizados nem sindicatos, os estudantes são o único grupo organizado que pode fazer abertamente pressão sobre o Governo.

«Estará o Governo realmente ameaçado?» — pergunta um professor americano da Universidade Selassié. «Isso depende da força do Governo e disso ninguém tem a certeza». A agitação estudantil chega num momento em que o regime etíope tem dificuldades mais do que suficientes para o fazer perigar. Além da luta com os separatistas da Etiópia, o exército teve que enfrentar levantamentos de camponeses na província de Goyan, e rebeliões tribais na província de Bale, o que provocou uma crise orçamental, pois o Governo etíope não pôde prover a todos esses gastos.

A cólera dos estudantes é causada quer pela inércia geral da vida política nesse país feudal, quer pela sua frustração perante a organização do ensino.

A Etiópia escapou ás influências modernizadoras da colonização, se não contarmos os escassos 5 anos de ocupação pelas forças fascistas de Mussolini, a partir de 1936. Em geral, é o imperador que tem estado na origem das principais iniciativas de modernização nesse país feudal — com a criação de um exército moderno e o estabelecimento de um moderno sistema de ensino.

Os estudantes e os altos funcionários jovens diplomados de fresco são a primeira consequência dessa modernização. Irónicamente entendem eles agora que o seu imperador, de 76 anos, é demasiado lento a fazer sair a Etiópia do seu passado letárgico.

A Etiópia terá talvez um sistema de ensino, mas se o tem, é o pior da África. Só o Niger e a Republica da Somália têm uma frequência escolar inferior. A Etiópia consagra menos créditos ao ensino que qualquer dos outros países africanos, em função, claro, do rendimento nacional. As estatísticas são igualmente sombrias nos outros domínios — há apenas um médico para 10 000 habitantes na Etiópia, menos que em qualquer outro ponto da África.

O que é ainda mais importante é que os jovens etíopes, que fizeram os seus estudos, entendem que as mais altas hierarquias governamentais estão nas mãos de gente incompetente, tradicionalista, lenta, incapaz de proceder ás alterações revolucionárias de que o país necessita para se modernizar.

Os jovens dos liceus têm razões de queixa mais pessoais. Sabem que só uns poucos acabarão os estudos e poderão entrar na Universidade. A maioria emigrará para Addis-Abeba e procurará em vão um trabalho. A economia etíope é tão débil que nem sequer pode absorver os poucos produtos do seu ensino.

A percentagem dos que abandonam os estudos em meio é enorme. Em 100 alunos liceais entrados no ensino secundário em 1960, 77 interromperam os seus estudos antes do fim. Dos restantes só 2 ou 3 irão para a Universidade.

«Estes estudantes estão abertos a tudo quanto lhes proponha uma alternativa á sua actual frustração», comenta um professor estrangeiro.

As agitações escolares começaram em Dezembro e Janeiro último, por razões diferentes e independentes nos diversos liceus provinciais. Em Debra Berhau, por exemplo, os estudantes protestaram contra a demissão de dois professores etíopes populares. Os alunos entraram em greve, atiraram pedras aos edifícios governamentais e obrigaram os directores das outras escolas a dispensar os alunos nesse dia. Depois a polícia disparou sobre a multidão de estudantes, tendo morto um.

Em Fevereiro, a agitação, as greves e as manifestações tinham chegado à capital, atingindo primeiro os liceus e depois a Universidade. Os alunos liceais e universitários elaboraram uma lista de 15 reclamações, incluíndo indemnizações para os pais do colega morto em Debra Berhau, a entrada automática na Universidade para todos os liceais que tivessem sido aprovados no termo dos seus estudos, a demissão do ministro da Educação, o fim do desemprego, e a partida dos professores estrangeiros pertencentes ao *Corpo de Paz* e a outros organismos.

Este ataque contra o *Corpo de Paz* deve-se ao facto de os seus voluntários constituirem cerca de um quarto do corpo docente etíope Esta assistência tornou-se um símbolo da maneira como o governo americano apoia o regime do imperador.

Durante um mês, o Governo tentou restabelecer a ordem nas escolas e na Universidade, utilizando a polícia e o exército: unidades do exército de terra, normalmente destacadas para as províncias foram chamadas a Addis-Abeba. A guarda Imperial rodeou a Universidade. Armas automáticas, baionetas, granadas lacrimogéneas tornaram-se tão correntes, em certas escolas, como os quadros pretos.

(Continua na página seguinte)

Por STANLEY MEISLER

(Exclusivo «The Los Angeles Times»-«Diário de Lisboa»)

Nota do dia

É PRECISO VER LONGE

POIS TODA A GENTE VIU a expressão de fadiga com que o prof. Marcello Caetano ontem se nos apresentou no rectângulozinho dos televisores. Nem um gesto, nem um sorriso, nem mesmo uma frase ou uma palavra de certo sentido de humor que vinha a constar do inventário de todas as intervenções anteriores. Só aquela marca de fadiga física, a palavra pausada, a respiração profunda. Julgamos que bem o sabia, que bem sabia que havia de ser assim e não de outra maneira. Por isso, ao chegar ao Poder, a todos nos falou dos «ciclópicos trabalhos que antevejo» e para os quais nos disse não lhe faltar ânimo. Contra ventos e marés, até com as restrições que mesmo aqui lhe têm sido feitas, esperamos que continue a não faltar.

Reconhecemos todavia que a tarefa não seria para qualquer que lhe pegasse. Quantas coisas estão a ser vistas e revistas ao mesmo tempo? O que possa chamar-se verdadeiramente uma reforma ainda se não viu nenhuma decretada, mas quantos sectores têm estado a ser mexidos, quantos pequenos ajustamentos, quantas pequenas correcções se viram de pronto em numerosos quadrantes da administração com pronto reflexo sobre a vida das pessoas? Quantos foram os problemas que estavam todos na represa e que ao mesmo tempo todos vieram à tona a reclamar solução?

Se quisermos falar de reformas, ainda assim se poderá dizer que, sem ter sido decretada, uma se operou na vida portuguesa e, sem ser de repercussão económico-administrativa, a consideramos de profunda repercussão política. Restringindo mais ainda, até diremos que ela não comporta qualquer grande solução política, mas traz consigo os elementos em que se hão-de encontrar as soluções para os problemas políticos do País. É o estabelecimento das condições de ambiente em que possa refazer-se o próprio jogo normal do mecanismo político.

Esse pouco já não é pouco. Havemos em consciência e sem receio de precipitados juízos reconhecê-lo e não hesitar na declaração desse reconhecimento. Não podemos fugir a essa verificação de facto. Ela está à vista, vê-se e sente-se todos os dias E se quisermos ter a palavra de justiça que devemos todos os que queremos justiça para nós próprios, então diremos que o maior problema, aquele que se julgava insolúvel, tem vindo aos poucos a resolver-se: é o problema do ambiente. O voto maior que se formulava cabia nesta palavra que pusemos em circulação: a «descompressão» da vida portuguesa. Tem vindo a cumprir-se.

Na palestra de ontem o Presidente do Conselho começou mais uma vez pelo problema-limite, o que é o maior e condicionante de todos os outros, o do Ultramar. «Devo confessar que procedi friamente ao exame...» Parece inevitável o dizer-se que isso se adivinhou como implícito no modo de atacar a questão. Quem é que lhe passa pela cabeça que o problema é moeda ao ar, sim ou não? É tudo ao mesmo tempo nos dois pratos da balança, tudo, passado, presente e futuro, pressões e contrapressões, os ventos da História e o resto. «Eu pergunto se algum governante português...»

Passando ao concreto viu-se atrair para a primeira fila das prioridades dois problemas que com essa mesma categoria e pela mesma ordem aqui têm sido mencionados: educação e habitação. São duas equações em movimento, nas quais em cada dia se introduzem valores de grandeza crescente, não só em significação social, mas como expressão numérica, com a explosão demográfica do nosso tempo: nasce-se mais e vive-se mais, morre-se menos na infância, vive-se até mais tarde. E educação é a alavanca cravada no futuro.

Disse pouco o prof. Marcello Caetano de um problema que não é de grande receptividade pública mas há-de ser dos que pessoalmente mais o preocupam, entre tantas preocupações que o seu semblante de ontem reflectia: o da reforma administrativa. A palavra, só por si, não é nem tem o efeito de um talismã, mas é preciso dar conta do que tem de encerrar de necessária transformação. É urgente. É tudo urgente. Queremos tudo ao mesmo tempo, quanto mais depressa melhor. Mas há tanto, tanto, que fazer! Para hoje, para amanhã, para depois. Principalmente para depois. É preciso ver longe.

RECTÂNGULOS DA VIDA

VELHINHAS EXTERIORMENTE

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Duas velhinhas como já não há, como já quase não há, visto que duas, pelo menos, aquelas, tinham escapado incólumes. Velhinhas como as havia com relativa frequência nos meus tempos de criança, e que depois, não sei por que mistérios da evolução das espécies, foram rareando até desaparecerem — quase — da face do mundo e até deste jardim à beira-mar plantado, onde as evoluções se processam com certa lentidão. No lugar delas passou a haver feias ou bonitas senhoras de idade ou então velhas gaiteiras. Velhinhas nunca mais. É que... Bem, creio que havia nelas o quer que fosse de meninas antigas, cuidadas, recatadas, que não tinham dado pelo correr do tempo apesar das gelhas e dos cabelos brancos. Meninas velhas. Velhinhas.

Aquelas, sentadas à minha frente, eram quase demasiado perfeitas para serem reais. Magritas, mirradas, encarquilhadas, toque de feltro com véuzinho a tapar cabelos ralos, repuxados, casacos pretos, sem forma, brilhantes pendurados nas orelhas. Nem uma cor nos rostos, só um leve pózinho branco. Velhinhas assim, em Junho de 1969, estão a ver?

Julguei-me transportada a outros tempos, ignorando tempos sem astronautas nem meias de «nylon» nem bomba atómica nem esferográficas «Bic». E sem querer pus-me a dar atenção ao que diziam. Não expliquei ainda que estávamos as três — elas, eu — num cinema, durante uma «matinée», pois claro.

«Estou muito cansada», dizia a mais pequenina. «Já não tenho idade para estas andanças. Ontem deitei-me tardíssimo, estivemos a jogar, esquecemo-nos das horas.»

«Quem estava?»

«Apareceu a minha neta e o noivo. Sabes que ela se divorciou?»

«Ouvi dizer.»

«Finalmente. O marido era um desastre. Não sei como ela suportou dez anos. Eu disse-lhe muitas vezes que não estragasse a mocidade... Este é outra coisa E ganha muitíssimo bem.»

«Óptimo. É tão boa rapariga...»

«Um amor. Por que não apareces no sábado? Jantavas connosco.»

«Quem vai?»

A outra disse quem ia.

Tenho de rever o meu conceito de velhinhas. É que às vezes as evoluções dão-se parcialmente.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

ANDARES
Vendem-se na Reboleira
4 boas ass. tel. 934613

UMA AMEAÇA PARA HAILÉ

(Continuação da pág. anterior)

Apesar de alguns incidentes violentos, durante certo tempo teve-se a impressão de que as forças da ordem davam mostras de suficiente sangue-frio para acalmarem os estudantes e os obrigarem a frequentarem novamente as aulas.

Princípios de Março: Hailé Selassié pronuncia um discurso pela TV, no qual lança a responsabilidade da agitação estudantil sobre um punhado de estudantes enganados por elementos estrangeiros. O imperador, censurando vivamente os estudantes por se estarem a revelar falhos de maturidade, declarou que o Governo ia expulsar os cabecilhas.

Os estudantes reagiram, fazendo circular um panfleto no qual descreviam o imperador como um indivíduo de espírito «decrépito».

Quatro estudantes e um profesor foram presos, julgados e condenados a penas de prisão por terem escrito e difundido esse panfleto.

Querendo provar que a agitação era obra de demónios estrangeiros, o Governo etíope expulsou, em meados de Março, dois jornalistas russos e três diplomatas checoslovacos. A maioria dos observadores entende que os comunistas ajudavam provàvelmente alguns estudantes, mas é pura loucura atribuir-lhes a responsabilidade do caos e da agitação nas escolas e na Universidade.

Nos fins de Março, parecia que todos os estudantes iriam retomar as aulas. Mas a 1 de Abril, os membros da guarda imperial, manifestamente desorientados com a reunião de um grupo importante de estudantes, no *campus* da Universidade, invadiram o terreno e prenderam um milhar de estudantes, obrigando-os a subir para camiões para os transportar para um campo de prisão, fora da capital. Um estudante caiu de um camião e matou-se. Segundo o Governo, fora atingido por uma pedra atirada por alunos dos liceus. Sem provas para apoiarem essa tese, a maioria dos estudantes supôs que fora morto pela Polícia.

A sua morte comprometia definitivamente as probabilidades de uma normalização de vida escolar na Universidade, neste ano, e quando, a 21 de Abril, as aulas recomeçaram só um quarto dos estudantes compareceu.

O Governo tentou reabrir os liceus de Addis-Abeba em Abril mas os alunos recusaram-se a voltar e as escolas foram oficialmente encerradas a 23 de Abril. Nas províncias, o Ministério da Educação deixou as escolas abertas, mas menos de 50 por cento das escolas funciona e estão constantemente a ser perturbadas por greves e desordens.

Que querem os estudantes? Talvez não saibam realmente o que querem, mas, em todo o caso, na Universidade, os dirigentes estudantis são muito claros nos seus objectivos:

«Se o Governo satisfizer os nossos 15 pontos», diz um deles, «apresentaremos mais 30. O nosso real objectivo é derrubar o Governo de Sua Majestade».

Acrescenta outro: «Tentamos utilizar o Governo para aniquilarmos o sistema».

Para além disso, os estudantes não são muito claros quanto ao que desejam. Entendem que o Governo entrava o progresso do seu país e que deve ser destruído. Mas não parecem ter a mínima ideia de como resolver os enormes problemas da Etiópia.

A maioria dos dirigentes estudantis reconhecem que têm poucas probabilidades de fazer cair o Governo, ou de dirigir, eles mesmos, o Governo, se conseguirem fazê-lo cair. Reconhecem que são apenas bastante fortes para catalizadores de uma revolução, não para seu unico agente.

Alguns sonhadores falam de uma revolução camponesa, mas essa ideia é uma ideia bizarra nesse país onde os camponeses são provàvelmente mais feudais e reaccionários que ninguém.

Certos estudantes mais pragmáticos evocam a possibilidade de um golpe de Estado militar: esperam que a desorganização do ensino enfraquecerá o Governo de tal modo que certos oficiais jovens, de ideias modernas, obrigarão o imperador a abdicar. Mas nada até agora indica que os militares estejam prontos a tomar partido pelos estudantes.

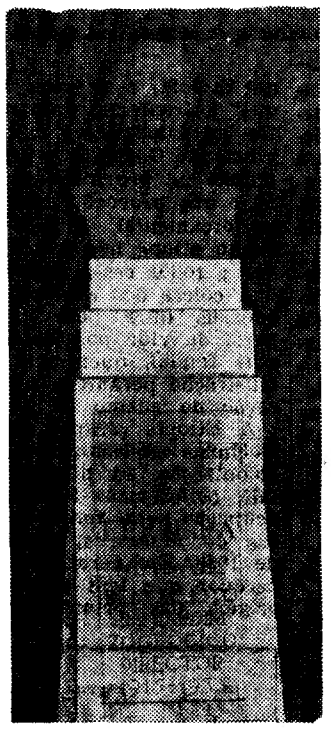
Muito depende do próximo ano escolar. Os dirigentes estudantis dão a entender que os alunos liceais e universitários voltarão para as escolas e universidade, em Setembro e, quando lhes parecer conveniente, provocarão desordens ainda maiores.

No entanto, certas considerações de ordem económica poderão refrear o seu ardor. A maioria dos estudantes perderam, pelo menos, meio ano. Para os universitários, isso significa um atraso de seis meses no acesso a um trabalho nada mal remunerado, sejam quais forem as suas frustrações. Além disso, os estudantes universitários recebem um subsídio de 20 dólares mensais quando assistem ás aulas, e não poderão dispensá-lo eternamente.

Contudo, se quiserem arriscar-se a lançar novas greves e a desorganizar novamente o ensino, a crise agravar-se-á cada vez mais e fará perigar, cada vez mais, o regime do imperador Hailé Selassié.

MONUMENTOS DE LISBOA

JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA MADAIL



Um dos três monumentos que se admiram á entrada do Jardim Zoológico de Lisboa foi erguido em memória do coronel José António Ferreira Madail, dedicado director daquele Jardim, nos anos de 1912 a 1935.

No pedestal, singelo, sobre que assenta o busto em bronze do homenageado, lê-se a seguinte inscrição:

Coronel / J. A. / Ferreira Madail / Benemérito / do Jardim / Zoológico / Director / 1912-1935.

Nascido nas Caldas da Rainha, fez os seus estudos secundários no Seminário de Santarém; entrou depois para a Escola Politécnica, vindo a finalizar os seus estudos na Escola do Exército, onde tirou o curso de Arma de Artilharia.

Promovido a oficial em 1881, a sua longa carreira militar foi exercida em Lisboa e em vários regimentos do Continente, passando à situação de reserva em 1911, com a patente de coronel.

Terminadas as funções militares, José António Ferreira Madail dedicou-se à administração da sua fortuna pessoal e ao serviço de várias actividades a que se tinha ligado.

Grande amigo e admirador de Manuel Emídio da Silva — de quem fora condiscípulo na Escola Politécnica, e onde então se lhe afeiçoara fraternalmente — foi atraído por duas instituições, a que aquele também se dedicara: o Jardim Zoológico e a Sociedade de Propaganda de Portugal, a cujos corpos directivos pertenceu longos anos, e onde deixou vincada, igualmente, a sua personalidade.

No Jardim Zoológico exerceu a sua actividade por tal modo, que os seus sucessores ali lhe perpetuaram a memória como testemunho da benemérita acção exercida.

Com 79 anos de idade, José António Ferreira Madail faleceu em 24 de Maio de 1935.

Feira Industrial e Agro-Pecuária de S. João das Lampas

SINTRA, 19. — Realiza-se nos próximos dias 24 a 28, em S. João das Lampas, sede da maior freguesia do concelho de Sintra, a I Feira Industrial e Agro-Pecuária.

S. João das Lampas, a 30 quilómetros de Lisboa e na derivante que da estrada Sintra-Ericeira conduz a Magoito, fica, de futuro, com a sua feira no primeiro domingo de cada mês.

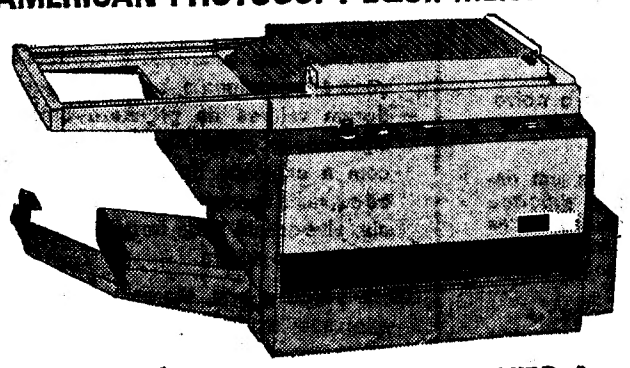
O enorme recinto que circunda a igreja matriz, monumento nacional do século XVI, será destinado ao certame. Haverá exposição de máquinas e alfaias agrícolas e apresentação de gado bovino, cavalar e caprino.

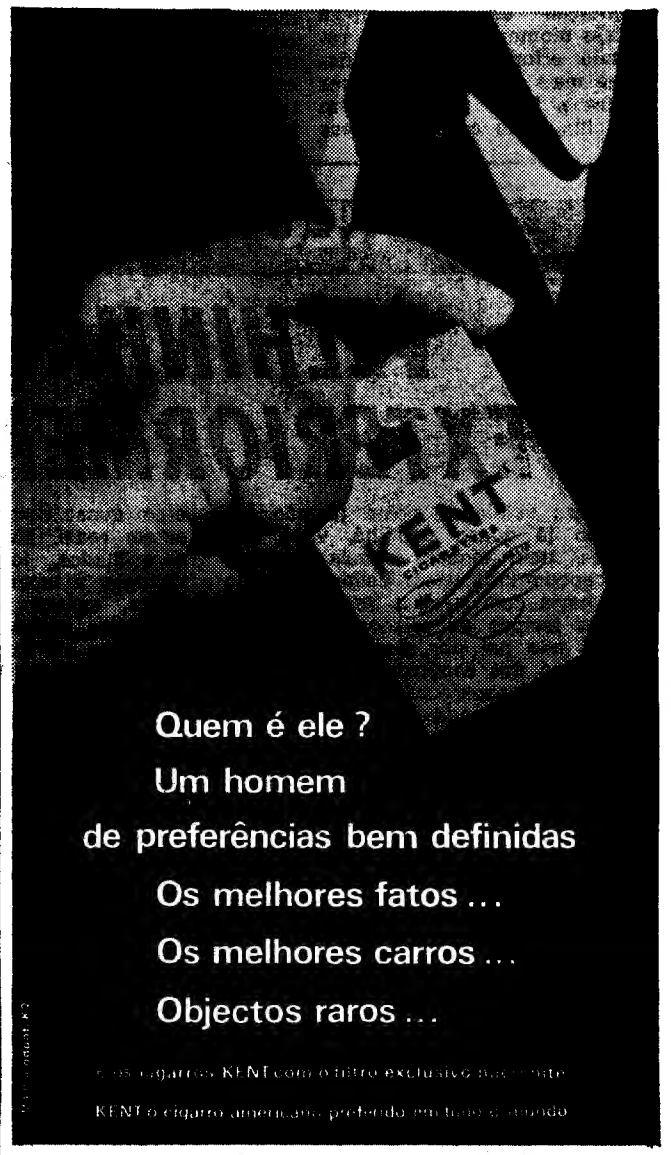
Informações são prestadas pela comissão organizadora da feira, S. João das Lampas, tel. 248985.

CONSTRUÇÃO DE HABITAÇÕES EM SETÚBAL

SETUBAL, 19 — Prosseguindo na execução do seu plano com vista a solucionar, na medida do possível, o problema da habitação, a Camara Municipal vende mais quinze lotes de terreno para construção de moradias, por preços entre 5440$00 e 6720$00.

Por outro lado o Município encarregou uma firma de Lisboa de construir mais vinte casas pré-fabricadas, para alojar famílias que não dispõem de habitação, pois está a decorrer satisfatòriamente a construção da primeira encomenda de casas desse modelo, pela referida firma.

REPRESENTAÇÕES JOSÉ PEREIRA LDA.
APRESENTAM NA
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
DE 9 A 23 DE JUNHO
PAVILHÃO A STAND 90
O NOVO MODELO DE FOTOCOPIADOR ELECTRÓNICO
APECO SUPER-STAT
DA SUA REPRESENTADA
AMERICAN PHOTOCOPY EQUIPMENT CO.
Rank Matic

MAIS CÓPIAS SECAS POR MINUTO A UM PREÇO MAIS ECONÓMICO
REPRESENTAÇÕES JOSÉ PEREIRA, Lda.
Rua do Telhal, 6 - 1º Dto - LISBOA - Telefs. 367819/06



Repr.: R. S. Contreras, Lda. - R. do Telhal, 4 - B-Lisboa - Telef. 369564
TRUE • NEWPORT • KENT • NEWPORT • TRUE • NEWPORT • TRUE • NEWPORT • KENT • NEWPORT

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ESTÚDIO

TÍTULO — «Muriel ou o tempo de um regresso» («Muriel ou le temps d'un retour» — 1963).

REALIZAÇÃO — Alain Resnais.

INTÉRPRETES — Delphine Syrig, Jean-Pierre Kerien, Nita Klein

Deveremos lamentar primeiro o escasso conhecimento que o público português possui da tão importante obra de Resnais. *Hiroshima, mon amour*, um dos mais belos produtos do cinema contemporâneo, parece que está definitivamente perdido. Depois de *Muriel*, Resnais realizou *La guerre est finie* e *Je t'aime, je t'aime*, que ainda não pudemos ver. E este *Muriel* agora estreado foi exibido pela primeira vez há três ou quatro anos no festival de cinema que se organizou na sala do Europa. Só três ou quatro anos depois é que o filme entra em circuito comercial, agora com um atraso de seis anos em relação á data da sua elaboração. Atraso que nada poderá justificar. *Muriel* é uma obra excepcional em qualquer altura, mas certos aspectos inovadores perderam-se por completo. Em compensação podemos agora melhor avaliar a importância do filme na construção de uma linguagem, e o filme com isso só ganha em inteligibilidade.

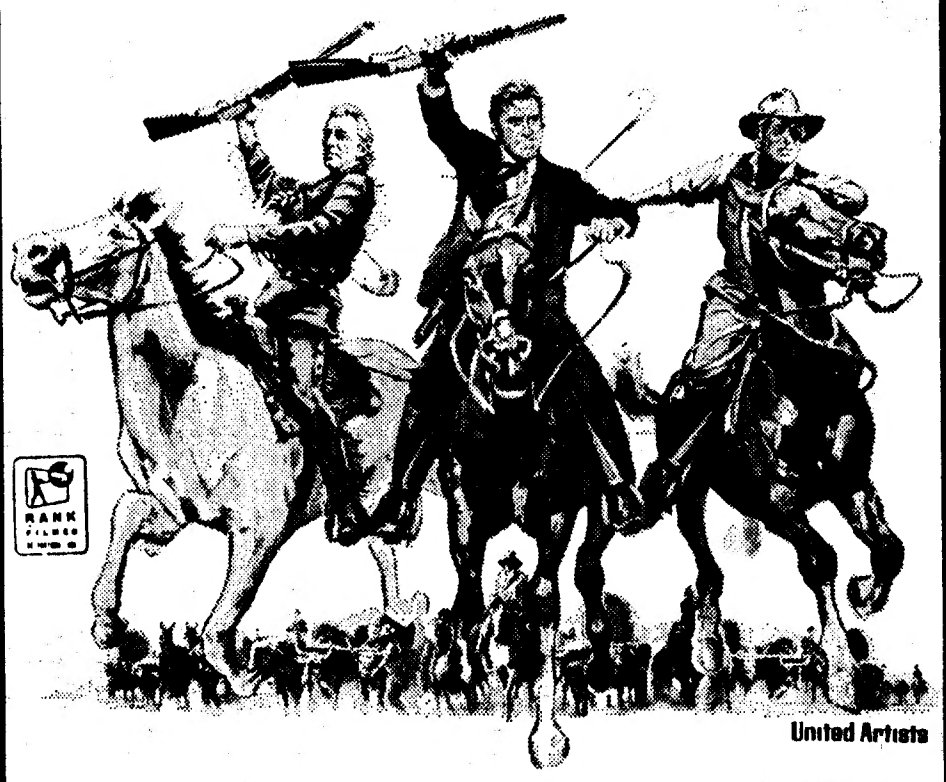
Porque *Muriel* é uma obra difícil. Não pela complexidade do tema, nada disso. O tema é muito simples, uma vez reconstituído o pequeno *puzzle*, de uma transparência total. O filme é sempre antiespectacular: as frases sem relevo, os gestos inseguros e desajeitados, as coisas baças e desagradáveis. Nada, nenhuma intenção ou sentido subentende a expressão dos elementos na tela. A realidade é aquilo mesmo, sem mais nada. O que conta aqui é a superficialidade: que o nosso olhar se prenda á superfície e que a saiba apreender. Note-se neste ponto a espantosa interpretação de Delphine Seyrig, que compõe uma figura absolutamente admirável.

Utilizando um estilo de montagem extremamente variada, rápida, sacudida, repetida e saturante, Resnais obtém um resultado importantíssimo: o espectador (tal como sucedia na sofisticada *Petúlia*) não encontra qualquer ponto de apoio numa consciência que suporte um mecanismo de identificação. A consciência, órgão da continuidade e integração, aparece destruída. A descontinuidade produz uma intensa crítica da densidade psicológica tradicional e sobretudo do mito da interioridade mais ou menos profunda. Se a recuperação de uma memória lacunar, se a restituição do passado se a adaptação de cada um a esse passado é o tema essencial do filme, esse trabalho é im-

(Continua na página seguinte)

TEATRO DA TRINDADE
(F N A. T.)
Hoje, dia 19, às 21.30 h.
2.ª Récita com as óperas
AMÉLIA AL BALLO
(Amélia vai ao Baile)
de Menotti
IL GOBBO DEL CALIFFO
(O Corcunda do Califa)
de Casavola
Pela Companhia Portuguesa de Ópera
Maiores de 12 anos
Amanhã, dia 20
5. Récita da ópera «Serrana» de Alfredo Keil

KIRK DOUGLAS
ROBERT MITCHUM
RICHARD WIDMARK
REUNIDOS NUM ESPECTÁCULO GRANDIOSO E EMPOLGANTE!



United Artists
A CAMINHO do OREGON
(THE WAY WEST)
2.ª SEMANA NO **SÃO JORGE**
PROGRAMAÇÃO RANK
ADULTOS
PANAVISION — COLOR

LAPINA
cockpit
VDO
os trunfos para o seu carro

A primeira regra da boa condução
é a confiança absoluta no automóvel.

VDO cockpit
oferece-lhe os trunfos para o conseguir:

Uma nova linha
que lhe permite obter, a todo o momento,
o diagnóstico exacto do seu carro
através de informações rigorosas
sobre o seu funcionamento.

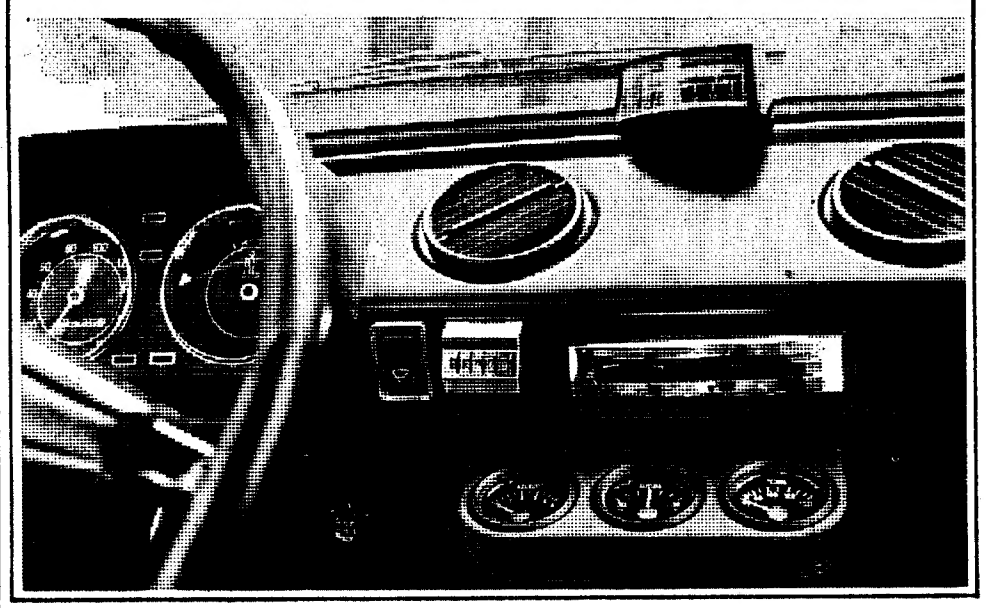
Uma linha completa:
manómetros de pressão de óleo,
amperímetros, termómetros, relógios,
voltímetros, conta-rotações
e os famosos suportes
em borracha maleável e anti-choque
para 1, 2 ou 3 instrumentos.

Uma linha moderna
concebida por grandes especialistas
e segundo
as últimas descobertas da técnica:
mostradores em preto fosco,
ponteiros vermelhos,
fundo preto e números brancos
de modo a proporcionar
uma leitura pronta e fácil.

Uma linha desportiva:
reflexos prontamente apoiados,
tranquilidade, descontracção,
ou seja:
segurança e condutor em forma,
num carro
que se sabe sempre em forma.

DÊ AO SEU CARRO OS TRUNFOS **VDO.**
SÃO TAMBÉM TRUNFOS PARA SI

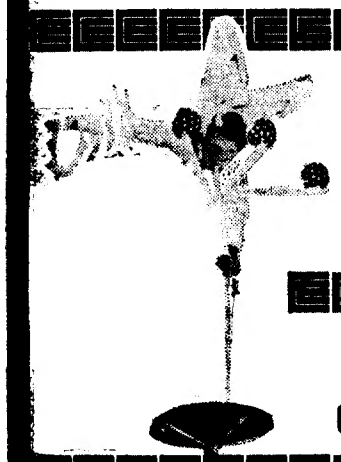
Em todos os agentes e revendedores de
ROBERT BOSCH (PORTUGAL), LDA.



NOVO CASINO ESTORIL

apresenta
HOJE, EM ESTREIA

THE FOURMOST
de novo
UM DOS GRANDES EXITOS de 1968



JOHN SEIDEL AND PARTNER

Natércia da Conceição

BENTYBER DANCERS
com CLAUDETTE WALKER e LINDSAY DOLAN

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23:30h m/17 anos — no wonder bar à 1.00h m/21 anos

FLAMME D'OR só no wonder bar

NO CINEMA ÀS 17 E 21.30
DAS ARDENAS AO INFERNO
(MAIORES DE 17 ANOS)

Em ALFARELOS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no «Restaurante da Estação da C. P.

Em ALJUSTREL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Lourenço A. Robalo Lisboa.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág. anterior)

possível, na medida em que a inexistência de uma interioridade pressupõe morte do sujeito. Reconhecer tal condição é um assumir do futuro. O passado marca as pessoas: a Bénard, que vive obsecado pela tortura que, entre outros, ele infligiu a uma rapariga argelina chamada Muriel; a Heléne que revive em palavras o grande amor que viveu. Todo o passado é irrecuperável. Tal é a lição que ignoram as pessoas que frequentam aquela vida medíocre que Resnais nos soube admiràvelmente transmitir.

Filme isolado, de um pessimismo radical, *Muriel* evoca uma vida mesquinha e sem horizontes, sensata e absurda, que apenas é perturbada pelas obsessões que emergem na memória. O tempo, diz a canção (de uma música notabilíssima), é como uma carta que ninguém tem coragem de reler, e que por isso se dispersa e fragmenta. O mesmo acontece ás imagens do filme, que tornam as personagens compreensíveis. A descontinuidade imposta por Resnais é a ruina do psicologismo — a valorização de uma imagem, total, plena totalitária. Um desespero se tece ao longo destas imagens: uma tristeza muito ambígua que se agarra aos gestos, aos pormenores, ás desfocagens e inadequações. Insólita e envolvente a obra de Resnais não ternecedora, violenta e suapode ser perdida. Muriel entra na categoria dos filmes excepcionais. Com ele descobrimos um dos momentos decisivos na evolução do cinema actual.

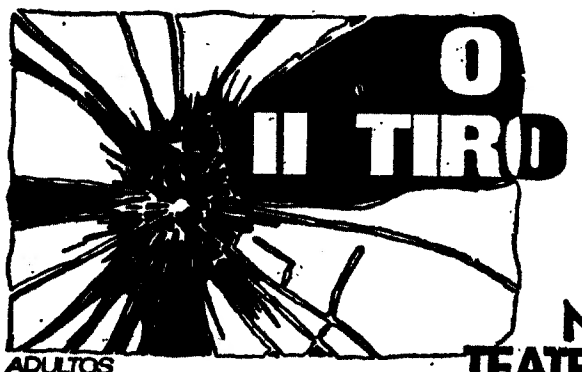
EM COMPLEMENTO: um filme de *Charlot*, que também seria imperdoável não ter o êxito que merece. Não perca. — *E. P. C.*

NO • MARIA VITÓRIA •
ÀS 20,45 E ÀS 23 HORAS
A SENSACIONAL REVISTA
• MÃOS À OBRA! •
Um espectáculo de GARGALHADA com
SALVADOR • VIANA • MARIEMA
MAX / ANITA / DORA / VITOR MENDES / HELENA CARDINALI / MARIANO FRANCO / VICTOR ESPADINHA / DINA MARIA
e a atracção
• INES MARCO
• DOMINGO, «MATINÉE» Às 16 •

INES MARCO
ADULTOS

CONTINUA A DESPERTAR O MAIOR INTERESSE DO PÚBLICO DA CAPITAL
A FEIRA POPULAR de LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE
REQUINTADO SERVIÇO DE RESTAURANTES
SEMPRE NOVIDADADES QUE SATISFAZEM OS GOSTOS MAIS EXIGENTES
ABERTURA ÀS 19 HORAS
HABILITE-SE AO SORTEIO DE UMA MOTORIZADA CASAL, OFERTA DA METALÚRGICA CASAL, DE AVEIRO

22 H



ADULTOS
NO TEATRO CAPITÓLIO
SÁBADO, ÀS 16 HORAS — TARDE
(Preços de Verão)

SÃO LUIZ/ALVALADE
ORGANIZAÇÃO DA CASA DA IMPRENSA
«MESTRES DO CINEMA AMERICANO»
PROGRAMA
AMANHÃ

DIA 20 — Adultos
GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE de Richard Brooks
com Elizabeth Taylor e Paul Newman
CORAÇÕES NA PENUMBRA de Richard Brooks
com Paul Newman e Geraldine Page

DIA 21 — Adultos
A MULHER DE DUAS CARAS de George Cukor
com Greta Garbo e Melvyn Douglas
CASAMENTO ESCANDALOSO de George Cukor
com Cary Grant e Katherine Hepburn

DIA 22 — Adultos
AMAR UM DESCONHECIDO de Robert Mulligan
com Natalie Wood e Steve MacQueen
A FLOR À BEIRA DO PÂNTANO de Sidney Pollack
com Natalie Wood e Robert Redford

DIA 23 — Adultos
LUZES DA RIBALTA de Charles Chaplin
com Charles Chaplin e Claire Bloom
A NOITE DE IGUANA de John Huston
com Richard Burton e Ava Gardner

DIA 24 — Adultos
SERENATA À CHUVA de Stanley Donen e Gene Kelly
com Gene Kelly e Cyd Charisse
CAMINHO PARA DOIS de Stanley Donen
com Audrey Hepburn e Albert Finney

DIA 25 — Adultos
FALSA ACUSAÇÃO de Joseph L. Mankiewicz
com Richard Widmark e Sidney Poitier
O PERFUME DO DINHEIRO de Joseph L. Mankiewicz
com Rex Harrison e Cliff Robertson

DIA 26 — Adultos
FÚRIA DO DESEJO de King Vidor
com Jennifer Jones e Charlton Heston
O MASSACRE DE CHICAGO de Roger Corman
com Jason Robards e George Segal

DIA 27 — Adultos
O GRANDE CARNAVAL de Billy Wilder
com Kirk Douglas e Jan Sterling
QUANTO MAIS QUENTE MELHOR de Billy Wilder
com Marilyn Monroe e Jack Lemmon

DIA 28 — Adultos
LAURA de Otto Preminger
com Gene Tierney e Dana Andrews
ESCRITO NO VENTO de Douglas Sirk
com Rock Hudson e Lauren Bacall

E AINDA:
Dia 29: UM AMERICANO EM PARIS, de Vincent Minnelli * DEUS SABE QUANTO AMEI, de Vincent Minnelli; Dia 30: VÍCIO DE MATAR, de Arthur Penn * CORRUPÇÃO, de Fritz Lang; Dia 1 de Julho: JOHNNY GUITAR, de Nicholas Ray * SEM CONSCIÊNCIA, de Raoul Walsh; Dia 2: A FLECHA SAGRADA, de Samuel Fuller * MARCADOS PARA A MORTE, de Samuel Fuller; Dia 3: JERRY, ENFERMEIRO SEM DIPLOMA, de Frank Tashlin * JERRY, 8 3/4, de Jerry Lewis; Dia 4: CONFESSO, de Alfred Hitchcock * INTRIGA INTERNACIONAL, de Alfred Hitchcock; Dia 5: A DESAPARECIDA, de John Ford * AS 7 MULHERES, de John Ford; Dia 6: DUAS FERAS, de Howard Hawks * RIO BRAVO, de Howard Hawks; Dia 7: PÂNICO NAS RUAS, de Elia Kazan * ESPLENDOR NA RELVA, de Elia Kazan.

SESSÕES ÀS 15 E 21 H.

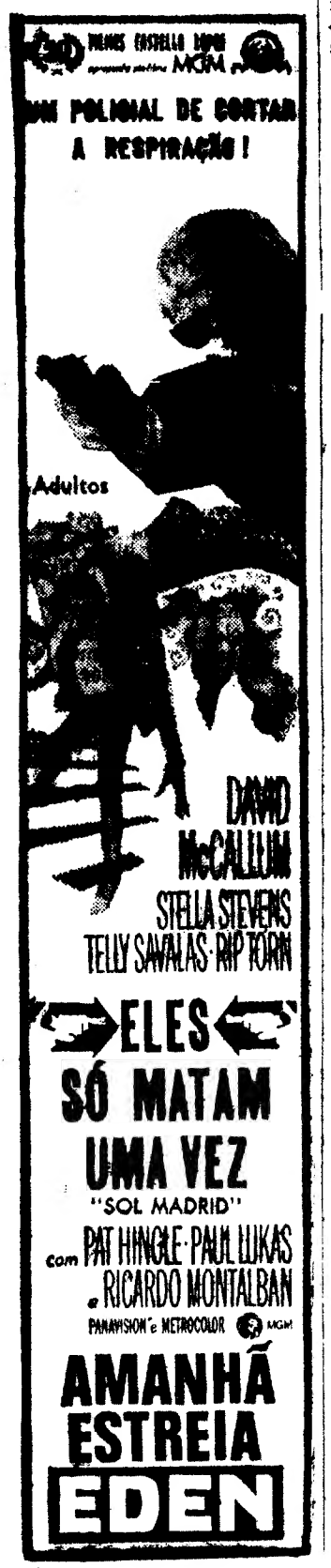
HOTEL PARQUE
S. MARTINHO DO PORTO
BAR-ESPLANADA — JARDIM — TÉNIS
Tel. 98.108

Inaugura-se amanhã no S. Luiz e Alvalade o Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa

É amanhã que se inaugura, nos cinemas São Luiz e Alvalade, o VI Ciclo Cinematográfico da Casa da Imprensa, com uma sessão dedicada a Richard Brooks, na qual se exibem os filmes «Gata em Telhado de Zinco Quente» e «Corações na Penumbra».

Brooks é um cineasta que não procura inutilmente a virtuosidade técnica que permite o sistema de produção de Hollywood. Nota-se nos seus filmes uma construção rigorosa na apresentação e desenvolvimento do tema, sempre centrado em torno de um universo humano extremamente complexo.

Acerca deste autor afirmou o crítico francês Jean-Claude Missian: «Brooks, autor de diálogos por vezes determinantes, por vezes muito demonstrativos, sempre reveladores, sabe a maneira de não impor o seu ponto de vista. Pratica com lucidez uma dialéctica elementar e, confrontando atitudes e testemunhos, apresenta, perante os seus heróis, figuras que são os seus contrários. Ele não é o cineasta das abstracções, mas o cineasta do homem moderno perante alguns dos seus problemas, sem esquematismo e sem ênfase».



COLISEU

Hoje, às 21 e 45
(MAIORES DE 12 ANOS)

Grandioso sarau de variedades a favor da família da saudosa artista MARINA NEVES

ESCOLHIDO PROGRAMA preenchido por artistas da Emissora Nacional, acompanhados pela Orquestra Ligeira, dirigida pelo maestro Tavares Belo

APRESENTAÇÃO do Centro de Preparação de Artistas da Rádio, dirigido pelo professor Mota Pereira — NOVOS VALORES!

GRANDIOSO ACTO DE «MUSIC-HALL» com a participação dos seguintes artistas: *Alice Amaro, António Mourão, Bartolo Valença* e a sua Rapsódia Portuguesa, *Carlos Coelho, Domingos Ramos, Eugénia Lima, Fernanda Amaro, Gina Maria, Helena Cardinali, Helena Tavares, Herminia Silva, Humberto de Castro, Idália Maria, José Viana, Luís Miguel, Manuel Craveiro, Maria Armanda, Maria da Glória, Maria Marise, Maria Valejo, Mariema, Miguel, Milucha, Mirene Cardinali, Neto de Carvalho, Neusa Maria, Paula Ribas, Rui Dinis, Sandra, Sissi, Tonicha, Tino Costa e Tony Rivera.*

Conjuntos de José Pedro e «Primavera»

LOCUÇÃO de Fernando Correia, Fernando Ruas, Fialho Gouveia, Manuel Aragão, Miguel Simões, Oscar Martins Caro, Serra e Moura, etc.

BILHETES À VENDA **PREÇOS POPULARES**

ICI
'Vymura'
O PAPEL DE PARede REALMENTE LAVÁVEL
PERGOL — RUA D. ESTEFÂNIA, 153-C — LISBOA

Canon
A MELHOR ÓPTICA FOTOGRÁFICA DO MUNDO
STAND 565 — F.I.L.

As vantagens começam no piso...

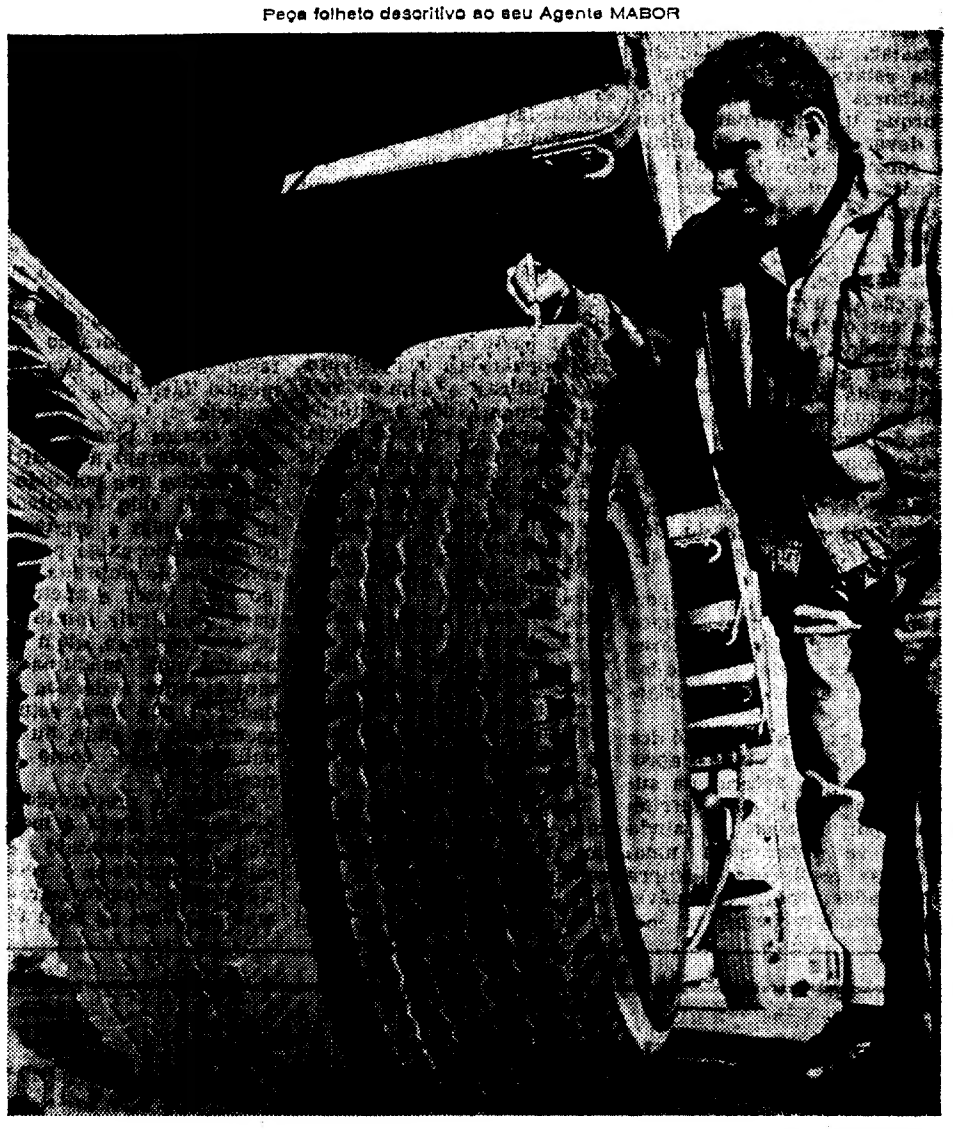
Super Expressway é um pneu superior. Tem o piso mais largo, espesso e profundo. Mais borracha para mais quilómetros.
E muitas outras vantagens. Para o mais baixo custo por quilómetro.
Ombros com sulcos de ventilação. Arrefecimento eficaz. Piso de ranhuras e nervuras contínuas. Aderência constante. Carcaça robusta. Muito mais recauchutagens.

Não admira, pois, que Super Expressway seja o pneu preferido para transporte de carga e passageiros. Em cidade e estrada.

Super Expressway

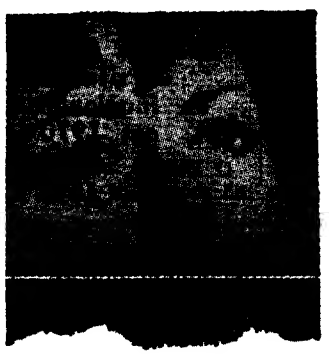
MABOR GENERAL

Peça folheto descritivo ao seu Agente MABOR



CASA DA COMÉDIA
Rua S. Francisco de Borja, 22
LISBOA
HOJE, ás 22 h.
FOLCLORE DE ANGOLA
danças rituais / exotismo / arte
MARCAÇÕES: TEL. 67 72 99
(maiores de 12 anos)
Subsidiado pelo Fundo de Teatro.

SINTRA ESPERA-O
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.



VASCO MORGADO • RAUL SOLNADO apresentam
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de lisboa
HOJE às 21.45 h.
UMA PEÇA DE VIOLÊNCIA E EMOÇÃO
ADULTOS
com JO ALVARENGA na protagonista
e por ordem de entrada em cena
ADRIANO REYS • JOÃO GUEDES • SINDE FILIPE • ROLANDO ALVES • CÉLIA DE SOUSA • DAVID SILVA • COSTA VAZ
Uma excitante experiência em «suspense»

BLACK-OUT
«OLHOS NA ESCURIDÃO»

Ultramar, educação, habitação e administração foram os principais temas da palestra do Chefe do Governo

(Continuação da 1.ª página)

que só a presença das nossas tropas pode garantir.

As despesas que fazemos em África dificultam, como é natural, iniciativas e decisões que desejaríamos tomar noutros sectores da vida nacional. Mas ninguém pense que o abandono do Ultramar, se fosse admissível, facilitaria as nossas coisas. Além de profundo golpe moral na consciência da Nação resultariam daí imensos problemas humanos, económicos e sociais, que haviam de solicitar durante muitos anos novas e grandes despesas também. Pense-se só nas centenas de milhares de refugiados que teríamos de acolher, albergar e readaptar á vida!

«Procedi friamente ao exame do problema ultramarino (...) para ver se haveria outras soluções a ensaiar»

Devo confessar que, ao assumir a chefia do Governo, procedi friamente ao exame do problema ultramarino, do princípio ao fim, para ver se haveria outras soluções a ensaiar, diferentes daquela que estava a ser seguida e melhores do que ela. Fi-lo, porque um governante tem o dever de não se esquivar á consideração de todas as hipóteses antes de optar por aquela que considere preferível. E quando, no discurso proferido em 27 de Novembro de 1968, afirmei que «a posição de Portugal não podia ser outra», enunciava a conclusão de uma séria, reflectida e imparcial revisão crítica da política ultramarina portuguesa. Política que a Nação exige. Política que o povo compreende e aprova, como o demonstrou nas manifestações dispensadas na Metrópole ao Chefe do Governo depois do seu regresso do Ultramar.

Tenho dito e redito, porque é verdade: não fazemos as grandes despesas militares actuais por gosto: fazemo-las porque a elas somos obrigados.

Todos os anos o Comité dos 24, das Nações Unidas, aprova resoluções acerca da autodeterminação dos territórios portugueses e ainda agora vai votar mais uma. Nessas resoluções, sempre inspiradas por lastimável facciosismo incompatível com a objectividade que deveria reinar nas relações internacionais, Portugal é intimado a retirar imediatamente das suas províncias ultramarinas todas as forças militares «e outras» (portanto as próprias forças de polícia), a conceder uma amnistia política incondicional, de maneira a permitir que se instalassem e actuassem livremente os homens dos vários movimentos chamados de «libertação», e a transmitir depois todos os poderes a instituições representativas das populações indígenas (é assim que a resolução diz) livremente eleitas.

Faj-se ideia do que seria a liberdade do sufrágio das populações indígenas, depois de retiradas todas as forças que asseguram a ordem e de introduzidos, em lugar delas, os movimentos terroristas!

Eu pergunto se algum governante português consciente e responsável pode ceder a tal intimação

Os quatro pontos fundamentais da política do Governo em África

Em vez desse programa de desagregação dos territórios portugueses, anunciei nos discursos que fiz em África os pontos fundamentais da nossa política: consolidação das sociedades multirraciais que cultivamos e das quais está ausente toda e qualquer discriminação de cor, raça ou religião; autonomia progressiva do Governo das províncias, de acordo, segundo a Constituição, com o respectivo estado de desenvolvimento e os seus recursos próprios; participação crescente das populações nas estruturas políticas e administrativas; fomento dos territórios com ampla abertura á iniciativa, á técnica, ao capital de todos os países sob a única condição de se proporem valorizar a terra e a gente, e não explorá-las.

Todos podem comparar os dois programas — o das Nações Unidas e o do Governo português — e ver qual é o mais humano. Qual é o que, á luz das lições colhidas nas prematuras independências africanas, dá mais garantia ás populações nativas e á paz do Mundo.

Infelizmente, temos de reconhecer que a maior parte dos países não se move por considerações racionais, mas por interesses e por paixões. E já mais de uma vez notei que para as potências comunistas a África portuguesa é um alvo procurado para ferir e enfraquecer a Europa Ocidental Por isso, essas potências estão a redobrar de apoio e de auxílio aos movimentos terroristas

«Os estudantes universitários tomam para ponto de partida determinadas deficiências do ensino»

Entretanto, vamos fazendo face, na medida do possível, aos problemas internos. Gostaria de me referir a vários deles: a educação, a habitação, a reforma administrativa, pelo menos, por serem os que estão mais na ordem do dia. Vamos a ver se o tempo dá para tudo.

O primeiro dos problemas portugueses, para mim, é o da educação Quero explicar, para já, que educar não é só instruir. Educar é formar homens válidos para enfrentarem as tarefas da comunidade nos tempos futuros, o que implica a formação do carácter e da consciência cívica, a preparação física e a aprendizagem das noções e das técnicas essenciais.

Este problema atingiu em todos os países, nos ultimos anos, enorme acuidade, porque a educação geral recai cada vez mais sobre a escola e, felizmente, a escola é hoje procurada e frequentada por muito mais gente do que no passado.

Mas, enquanto a afluência dos alunos, em número crescente de ano para ano, é um acontecimento que se impõe por si só, já a construção de escolas e a preparação de professores não sucedem com a mesma facilidade e espontaneidade.

Os nossos planos de fomento dotaram a construção de edifícios que por todo esse País têm sido levantados e se continuam a erguer. Mas cada edifício exige projectos, concursos de empreitada, tempo para fazer e apetrechar; para construir muito e depressa requer-se, além de dinheiro, uma máquina com muita gente e de boa qualidade; e por mais estugadamente que se ande, nunca se vai tão rápido como seria preciso.

Quanto á preparação dos professores ainda é mais difícil. O professorado exige saber, capacidade e vocação. Não é fácil improvisar nesta matéria. Nem se pode forçar muito, sob pena de enchermos os quadros com pessoas que não estejam á altura das graves responsabilidades educativas que lhes incumbem.

Um ministro da Educação nos tempos que correm não tem, em qualquer país, lugar invejável. Os problemas escolares surgem todos os dias e de todos os lados e interessam a toda a gente. Ainda por cima a agitação estudantil que está na moda dos nossos dias vem embaraçar, muitas vezes, o estudo e a resolução das questões.

Os estudantes universitários tomam para ponto de partida dos seus movimentos determinadas deficiências do ensino. É inegável que as deficiências existem, é preciso supri-las quanto possível, mas longe de facilitar o suprimento dessas deficiências, a agitação dificulta-o. Um tempo precioso é gasto com as questões estudantis, por parte dos governantes, autoridades escolares e elementos docentes, com o dispêndio de muitas energias dignas de melhor emprego. Em vez de facilitar o diálogo em termos correctos, a contestação violenta dificulta-o, endurecendo posições. E o mais grave é que estes movimentos, em toda a parte — como se viu na revolução de Maio de 1968, em França — são rápidamente politizados. Uns tantos dirigentes exploram meros pretextos, apropriam-se dos comandos, excitam as paixões e os entusiasmos juvenis, fazem a sua doutrinação, e, embora ás vezes afirmando em publico, para efeitos tácticos, o carácter exclusivamente académico das atitudes, manobram de facto, com subtil habilidade, no sentido favorável a certas tendências político-sociais — em geral anarquizantes.

No nosso País este problema universal reveste aspectos particulares, por Portugal se achar na situação de ter de defender as suas províncias africanas contra uma coligação internacional onde se destacam as potências comunistas.

Os estudantes universitários de boa fé e recta intenção, que são a maioria, fácilmente verificarão não estarmos em tempo adequado a movimentos cuja natureza dificulte a preparação dos futuros dirigentes e educadores do País e embaracem o esforço de defesa da integridade pátria.

O Governo a que presido afirmou desde início a sua disposição de se devotar aos problemas da juventude, e tem mostrado quanto se interessa e como está disposto sempre a considerar as reais necessidades do ensino. Não podemos é admitir o regresso ás formas primitivas de confrontação de interesses, em que cada indivíduo ou cada grupo queira impor a sua lei, sem admitir ou acatar uma autoridade e uma lei superiores.

Qualquer governo tem de assegurar a disciplina das instituições e fazer observar as leis do País. Os contestadores, por esse mundo, costumam agora suscitar a desordem e chamar provocação ao aparecimento das forças que têm por missão manter e restabelecer a ordem. E também faz parte da sua técnica denunciar a repressão das acções ilegais que eles próprios praticam como sendo uma violência do Poder. Pois é preciso que o publico se não iluda e mantenha lucido o senso comum. Quem provoca é quem promove e faz as desordens e não a polícia que evita o perigo delas ou restabelece a ordem e a segurança. Quem pratica a violência é aquele que viola as leis do Estado — e não a força publica que, ao serviço da colectividade, repõe a legalidade

«O problema da habitação económica tem-me preocupado desde o primeiro dia de Governo»

Os direitos dos individuos não passariam de palavras se não tivessem um suporte económico. É por isso que o Governo não pode deixar de ter sempre presente a necessidade de que haja emprego para quantos queiram trabalhar, salário suficiente, previdência e assistência ao trabalhador, habitação capaz.

O problema da habitação económica tem-me preocupado desde o primeiro dia de governo. É daqueles problemas que nunca se podem dar como resolvidos. A população cresce, as exigências de conforto também, a corrida dos campos para as cidades é contínua e, por isso, quanto mais casas se constroem, mais são necessárias.

Há um longo caminho a percorrer até se poder assegurar que dispomos de casas baratas para quantos delas careçam. O que é preciso é não descurar o problema e fazer o possível por aumentar o ritmo da edificação, numa acção combinada do Estado com os municípios e as entidades privadas.

O Fundo de Fomento de Habitação agora criado no Ministério das Obras Publicas destina-se a ser o instrumento da política habitacional do Estado. Note-se que os particulares, sobretudo as empresas agrícolas e industriais, têm tido e deverão continuar a ter papel de relevo na resolução do poblema habitacional dos seus empregados. Assim como a Previdência continuará a realizar a sua meritória acção. Não queremos impedir que, além do Estado, outros trabalhem neste campo: pelo contrário, todas as ajudas são bem-vindas. Promover o concurso de todos os competentes para o estudo das soluções mais ajustadas a esta grave e premente necessidade, é, justamente, o objectivo do Colóquio sobre a Habitação que vai realizar-se dentro em breve.

Prevista a revisão da situação do funcionalismo em 1970

O Estado, além do problema social em geral, tem responsabilidades especiais quanto aos seus servidores. Noutros tempos os funcionários publicos eram considerados os mais favorecidos de quantos no nosso País prestavam serviço a entidades patronais. Entretanto, as actividades económicas multiplicaram-se e prosperaram, o direito do trabalho fez notáveis progressos e em certos domínios o funcionalismo publico já não está tão beneficiado como os empregados particulares.

Desta circunstancia tem resultado a dificuldade de preencher as vagas do funcionalismo, a tolerancia com as acumulações de empregos, a fraca produtividade do trabalho nas repartições publicas, o atraso de muitos serviços.

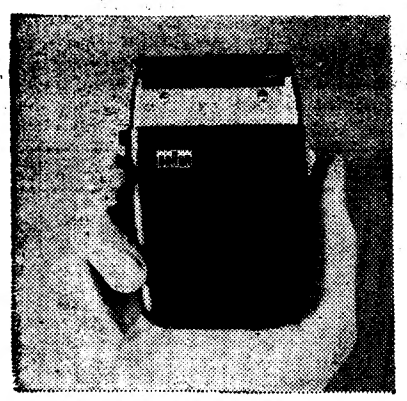
O funcionalismo é, porém, tão numeroso que qualquer providência tomada para o favorecer custa logo rios de dinheiro. E se num ou noutro sector podem reduzir-se os quadros, noutros não: justamente os do ensino, por exemplo, não só não podem ser diminuidos, como todos os anos têm de ser alargados.

Daí que não se possa pensar nos problemas do pessoal sem se lhes ligar a reforma administrativa. A reforma administrativa consiste em remodelar estruturas e modernizar o funcionamento da Administração, melhorando processos e métodos de trabalho, suprindo formalidades inuteis, simplificando a acção das repartições, recorrendo largamente ás máquinas, de modo a aliviar a burocracia e a beneficiar o publico.

É uma obra que vai levar algum tempo, e que tem de ser realizada com continuidade e persistência. Mas entretanto vamos tomando, quanto ao pessoal, as providências que é possível.

Assim, no passado dia 27 de Maio foi publicado um decreto-lei que veio dar aos assalariados do Estado e das autarquias locais, incluindo os dos serviços municipalizados, algumas apreciáveis regalias e alargar aquelas de que já gozavam os funcionários. Ao mesmo tempo começou a vigorar o novo esquema da Assistência na doença aos servidores do Estado, já bastante amplo e que se espera seja cada vez mais eficaz.

Prosseguem activamente os estudos, complexos e melindrosos, no sentido de no fim do ano e para entrar em vigor no início de 1970, ser revista a situação dos funcionários e outros agentes do Estado e a constituição dos quadros — tendo sempre em vista, além das conveniências do pessoal, a melhoria do serviço e os interesses do publico. E em muitos Ministérios levam-se a cabo estudos de simplificação de métodos de trabalho cujas conclusões em certos sectores do Ministério da Justiça, por exemplo, já foram traduzidos em lei.



Braun Sixtant

A única máquina que escanha para o dia inteiro

Poderá ser um feliz possuidor de uma máquina de barbear BRAUN Sixtant, se efectuar o seu teste no stand da FRIAL na Feira Internacional de Lisboa, de 9 a 23 de Junho de 1969. Sorteamos 25 máquinas de barbear entre os que, fazendo uma experiência, emitirem a sua opinião.

VISITE O STAND DA FRIAL NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

FRIAL • INSTALAÇÕES FRIGORÍFICAS E ARTIGOS DOMÉSTICOS, LDA.
AVENIDA BRASIL, 40-A • LISBOA • TELEF. 788903/4/5

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

A SURDEZ

A audição é recuperável com um aparelho auditivo adequado Se não ouve bem consulte sem compromisso MICROSOM, casa especializada

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º, E.

PORTO: Praça da Batalha, 3

ora diga-nos...

— Qual é a estátua de que mais gosta em Lisboa?

— Uma estátua é como um cais. Dizemos nós, para podermos dizer como o Fernando Pessoa que é «uma saudade de pedra»...

O sr. Manuel Emídio Mendes Pola, por exemplo, **conhece** muitas estátuas...

— *Há, para aí, tantas!*
— *Mas de qual gosta mais?*
— *Talvez, da do Marquês de Pombal.*
— *Porquê?*
— *Porque é a dum tipo que foi um grande homem.*

O sr. José dos Reis Bernardo também *conhece* muitas estátuas. Ele até...

— *Conheço todas as que há em Lisboa.*
— *E de qual gosta mais?*
— *Daqueta que há ali... Já sei: a dos Mártires da Pátria.*
— *Parece-lhe a mais bonita?*
— *Bonita não, mas a mais trabalhosa.*

Por sua vez, o sr. Daniel David Silva (que, a si próprio, gosta que chamem o «Daniel dos Leilões») *conhece* todas as estátuas de Lisboa. Portanto...

— *Sei lá qual é a que gosto mais!*

Mas, logo acrescenta:

— *Aquela do Eça, ali na Rua do Alecrim, parece-me uma bela peça!*

A sua linguagem de apreciador reflecte, como se vê, a do leiloeiro.

MALDITA CORVINA!...

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 19 — O sr. Tomás de Sousa Caleiro, de 52 anos, casado, estivador, estava a pescar numa lancha, no Guadiana, no sítio da Ponta Areia. De subito, fisgou uma corvina e, quando procurava puxá-la para bordo, o peixe, que tinha cerca de 20 quilos, deu-lhe um estirão, fazendo com que caísse á água. Como não voltasse á superfície, outro pescador, Alvaro Salgadinho, de 50 anos, lançou-se também á água para tentar salvar o colega. Este encontrava-se, porém, enleado no fio da pesca, o que tornava difícil o salvamento. Entretanto, o guarda-fiscal Ismael Anastácio, de 25 anos, que assistira á ocorrência, lançou-se ao rio e retirou os pescadores da situação crítica.

O Tomás Caleiro deu entrada no hospital, onde ficou internado, por ter bebido muita água.

REUNIÃO DE CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

Para comemorar o 35.º aniversário da sua formatura, vai reunir o curso que concluiu, em 1934, a licenciatura em ciências médico-veterinárias da Escola Superior de Medicina Veterinária.

Deste curso fazem parte os doutores António Correia Madeira e Joaquim Monteiro Conceição, professores, respectivamente, da Universidade Técnica de Lisboa e da Universidade de Angola; o coronel José Almeida Graça, da Direcção do Serviço de Saúde Militar; os drs. Fernando Furtado Coelho, Teodósio Marques Antunes e Teófilo Lopes Frazão, da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, com as funções, respectivamente, de inspector-chefe e intendentes de pecuária de Viana do Castelo e de Beja, sendo o último também deputado da Nação; o dr. José Oliveira Carvalho, da Junta Nacional dos Produtos Pecuários; o dr. Jerónimo Osório de Castro, secretário-geral da Corporação da Pesca e Conservas, e os drs. Manuel Amaro Martins e António R. Cabral, da Câmara Municipal de Lisboa, além de médicos veterinários ao serviço dos principais concelhos de norte a sul do continente.

Do programa consta, amanhã, às 10 horas, concentração na antiga Escola Superior, seguida de cumprimentos ao director e aos professores e, às 19.15 horas, missa na Igreja da Luz, por intenção dos condiscípulos falecidos; no dia 21, às 9 horas haverá visita ao Matadouro Municipal de Aves, no Mercado Municipal de Alvalade Norte e, às 11 horas, visita ao Centro de Inspecção e Classificação de Ovos, no Matadouro Frigorífico Municipal, nos Olivais. Finalmente, no dia 22, às 21 horas, jantar de confraternização, num restaurante do Castelo de S. Jorge.

PÁRA-QUEDISMO CIVIL

Estão abertas as inscrições para o 4.º Curso de Pára-quedismo Civil da Metrópole, o qual, á semelhança dos três anteriores, é organizado pelo Departamento Aeronáutico da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico e realizado em colaboração com o Regimento de Caçadores Pára-quedistas, de Tancos.

O curso tem a duração aproximada de três semanas e decorrerá durante os meses de Verão.

As informações são dadas no departamento aeronáutico da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, de segunda a sexta-feira, das 12 e 15 ás 13 e, ás terças e sextas-feiras, das 18 e 15 ás 19 e 30.

ANDORRA
de 6 a 16 de Julho
Visitando VALÊNCIA, BARCELONA, MADRID — Esc. 3.800$00

PANORAMA EUROPEU
De 6 a 30 de Julho
Por: ESPANHA, FRANÇA, BÉLGICA, HOLANDA, ALEMANHA, ÁUSTRIA, SUÍÇA, ANDORRA — Esc. 10.000$00

PARIS
De 14 a 30 de Julho
Por: LOURDES, MADRID, etc. — Tudo incluído 5.500$00

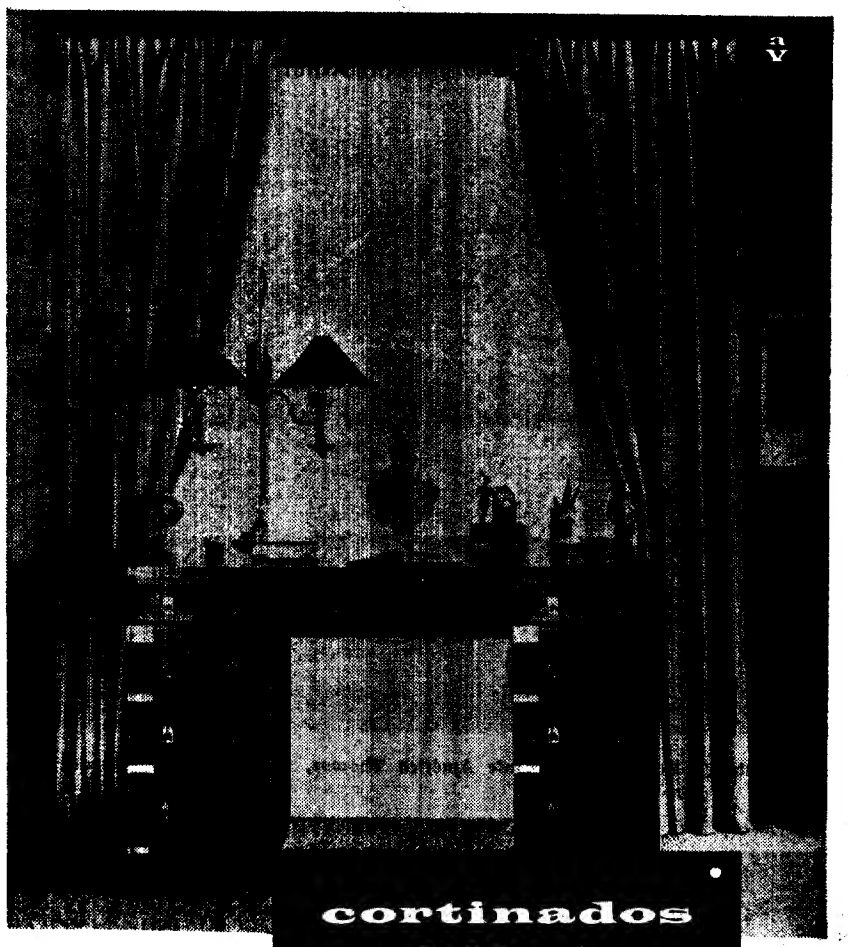
Volta Cantábrica
De 16 a 27 de Julho
Visitando San Sebastian, Bilbau, Santander, Guielho, Jigon, Corunha, Santiago, Vigo, etc. — 3 900$00
Partida assegurada em luxuoso autocarro de turismo

LUSANOVA
TURISMO
Avenida João XXI, 9 - A
Largo Martim Moniz, 5 - A
Telef. 726115 - 862194
726116 — LISBOA

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Aos Arquitectos e Decoradores

CHEGOU...
o tecido ideal
para os seus cortinados!



cortinados robilon Glass em fibra de vidro

porquê?

porque (como é óbvio...)

O vidro não deixa entranhar a sujidade, apenas a permite à superfície...

O vidro resiste à humidade...

O vidro é refratário ao míldio, e também não apodrece...

O vidro é o material de mais fácil lavagem...

O vidro nunca encolhe nem alarga.

O vidro nunca é passado a ferro...

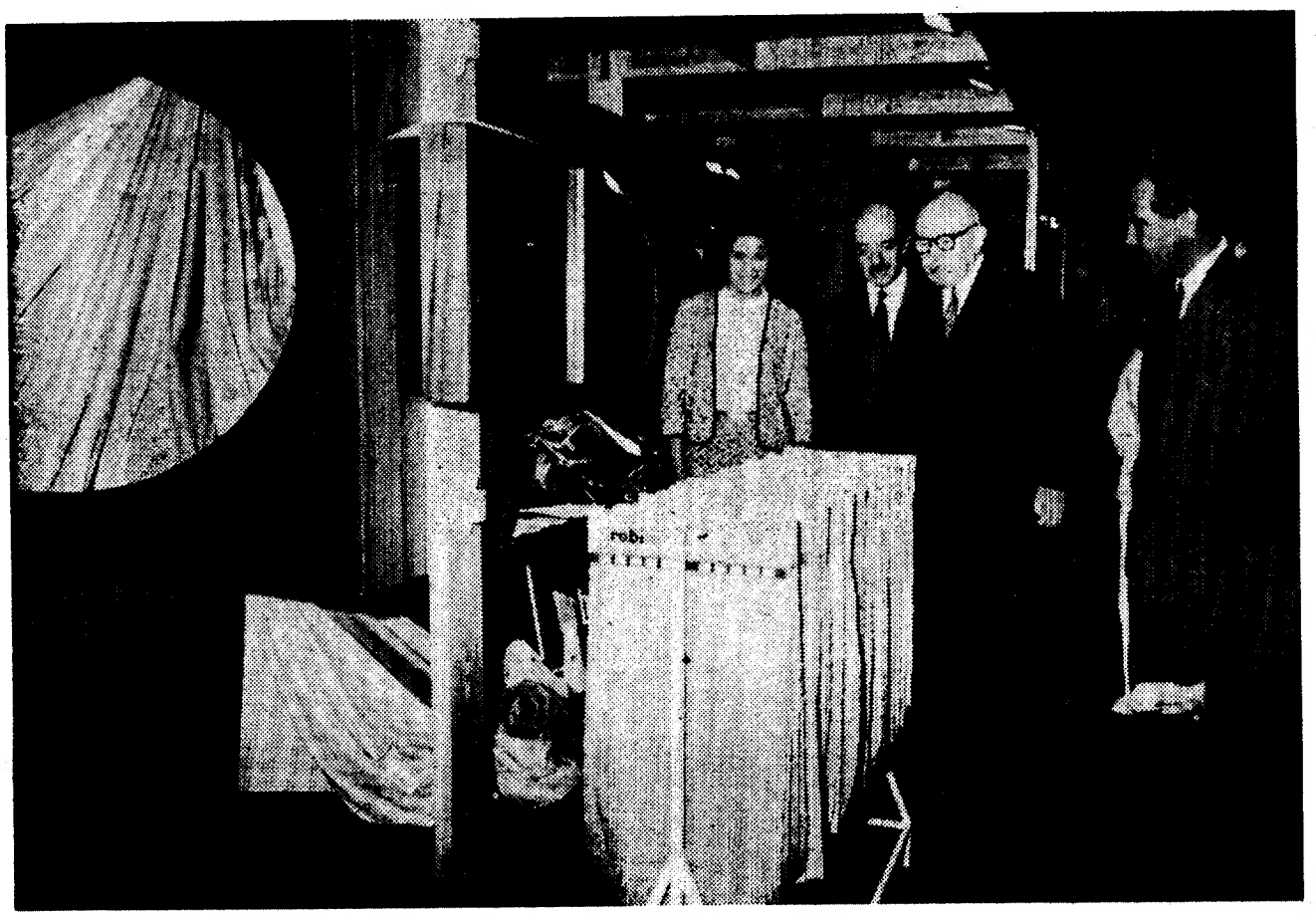
O vidro é inflamável...

...e a não menos importante, de cores extremamente resistentes aos efeitos solares

Sinceramente, será que os seus actuais cortinados lhe oferecem Todas estas garantias?

visitem o stand robilon Glass na FIL
Feira Internacional de Lisboa
PRAÇA DAS INDÚSTRIAS
LISBOA-3 — (Portugal)

O «STAND» ROBILON NA FEIRA INTERNACIONAL FOI VISITADO PELO CHEFE DO ESTADO



O sr. Presidente da República, almirante Américo Thomaz, apreciando os cortinados ROBILON GLASS em fibra de vidro

O Chefe do Estado e outras individualidades, quando visitavam o sector de Alcatifas da Lousã, no «Stand» ROBILON

O «Stand» Robilon de malhas, tecidos, alcatifas e fios industriais, ao ser visitado pelo Presidente da Republica na visita que efectuou á Feira Internacional de Lisboa, onde foi recebido pelo sr. José d Almeida Rodrigues, dirigente daquela Empresa dedicada ao Comércio e Indústria Têxteis.

CAMPOS DE FÉRIAS PARA RAPARIGAS

O Movimento Internacional Católico «Graal», cuja secretaria nacional tem a sua sede nesta cidade, organiza, novamente, este Verão encontros de raparigas com vista á sua valorização e conhecimento de grandes questões do mundo de hoje, procurando, desta forma, corresponder ás necessidades e aos apelos da Igreja actual.

No nosso País haverá dois encontros internacionais, destinados, respectivamente, a raparigas estudantes e jovens profissionais, o primeiro de 1 a 17 de Agosto, em Sagres, terá como tema: «Para uma comunidade nas fronteiras»; e a segunda, de 18 a 30 do mesmo mês, nos Remédios (Cabo Carvoeiro), sob o tema: «A sociedade nova — Realidade? Ficção?».

Para as raparigas de 15 a 18 anos, o «Graal» organiza dois campos de férias e trabalho: o primeiro na Serra da Estrela, de 20 a 27 de Julho; e o segundo, em Vila Nova de Milfontes, de 18 de Julho a 2 de Agosto.

Reunião da U. N.

É aguardado amanhã nesta cidade, o sr. dr. José Guilherme de Melo e Castro presidente da Comissão Executiva da União Nacional, que, nesta cidade, terá uma conferência com vários elementos daquela organização política.

DE COIMBRA

Sinalização automática para o Largo do Arnado e para a Praça 8 de Maio

Na reunião da Câmara Municipal, o presidente, sr. eng. Araujo Vieira falou sobre o programa das obras da cidade, na maior parte realizadas por meios próprios e sem necessidade de uma rigidez absoluta, pois podem atender-se outras de maior urgência, como é o caso da Rua Dr. António José de Almeida, que tem preferência à conclusão do Nó de S. José, cuja ligação ao Estádio ficará concluida esta semana.

O presidente da edilidade manifestou ainda o seu agradecimento aos habitantes da rua Dr. António José de Almeida, pela sua compreensão, sujeitando se a todos os prejuízos sem uma reclamação, o que demonstra que estão bem a par das dificuldades que têm aparecido e referiu-se, depois, às obras da Rua Lourenço Almeida e Azevedo, cuja demora se deve à falta de pessoal e ás más condições atmosféricas, mas mostrando-se esperançado em que se concluam dentro em breve, bem como as das ruas dos Combatentes e Arantes e Oliveira.

Ainda no uso da palavra, o sr. eng. Araújo Vieira deu conta de ter sido constituída uma Comissão de Estudos, sob a orientação do Inspector Adminisitrativo, sr. dr. Manuel Pereira, que acedeu a que fosse criado esse gabinete junto da Presidência da Câmara, sendo a comissão constituída pelos srs. dr. Ezequiel Correia Umbelino, chefe dos Serviços Administrativos dos Serviços Municipalizados; Jorge Madeira Santos, 1.º oficial da Secretaria da Câmara e o chefe dos Serviços Mecanográficos, sr. Manuel da Silva Soler.

O Presidente da Camara encareceu os serviços a prestar pelo referido gabinete, tanto em benefício do concelho como também da região, acabando por apresentar uma proposta que foi aprovada por unanimidade não só para a criação do referido Gabinete como sobre o seu funcionamento.

O sr. dr. Viriato Namora apreciou a criação do referido Gabinete e referiu-se também ao aproveitamento do subsolo da Praça da República, fazendo a propósito várias considerações e sugerindo que, uma vez que a Câmara Municipal não possa, por falta de verba, fazer a obra, que se solicitasse a iniciativa privada, desde que o Governo concedesse a Coimbra as regalias do decreto 49 046, aplicável a Lisboa e Porto.

O vereador sr. eng.º Azevedo Sobral informou a Câmara de que a J. A. E concordou com o estudo para o arranjo do Largo do Arnado com vista à regularização do trânsito e respectivo comando por semáforos e que a referida Junta vai ainda proceder á remodelação necessária do referido largo, o que permite instalar a sinalização automática em curto prazo. Assim, sugeriu também que a Câmara promovesse a realização de obras de construção civil na Praça 8 de Maio, para se poder montar o sistema de semáforos, cujo material já há muito foi adquirido.

Vai ser construído o Hotel D. Dinis

Segundo informações dignas de crédito, foi apreciado superiormente o projecto de construção do Hotel D. Dinis, na margem esquerda do Rio Mondego, a montante da Ponte de Santa Clara.

A construção deste hotel no referido local levantou grande celeuma, discutindo-se se iria prejudicar a urbanização do local e, sobretudo, se tiraria a perspectiva da cidade aos visitantes. Depois de várias deligências, entre as quais a exposição de uma maqueta, foi o projecto submetido à apreciação superior que o aprovou.

Primeiro aerotáxi no aeródromo de Cernache

Ontem, ás 15 e 34, aterrou no Campo de Aviação de Cernache, um táxi-aéreo, bimotor que trazia a bordo seis industriais estrangeiros em trânsito para a Figueira da Foz.

A aterragem fez-se em condições absolutamente normais, e foi este o primeiro taxi-aéreo que aterrou no aeródromo de Cernache.

Residências para estudantes

A Fundação Calouste Gulbenkian vai construir, na encosta do P. da Saudade, virada para o Estádio Municipal, residências para estudantes, estando já concluído o anteprojecto, que deverá ser apreciado pela Câmara Municipal antes de firmado o contrato para a compra do terreno.

Dia da unidade no R. A. L. n.º 2

No próximo sábado, no Regimento de Artilharia Ligeira n.º 2, em Santa Clara, comemora-se o «dia da Unidade», com várias cerimónias, entre as quais formatura geral do Regimento, imposição de condecorações, inauguração de uma lápida em memória de um soldado falecido no Estado Português da Índia e almoço de confraternização.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Bullitt» (17 anos).

AVENIDA — Às 21 e 30: «Pendulo» (17 anos).

TIVOLI — Às 21 e 30: «002 contra Al Capóne» (12 anos)

ESPLANADA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — Às 21 e 45: «Sarilhos de fraldas» — (12 anos).

Farmácias de serviço

VILAÇA — Rua Ferreira Borges (Tel. 22043)

NEVES MORGADO — Rua da Moeda (Tel. 23738)

BAPTISTA — Praça da República (Tel. 23747)

OLIVAIS — Rua Bernardo de Albuquerque (Tel. 22804)

Diário do PORTO

Jovem assaltada na rua

Esteve numa esquadra da P. S. P. a jovem Crestantina de Jesus Soares Ferreira, de 19 anos, cartonageira, residente no Bairro Pio XII, a declarar que quando transitava pela Rua dos Anjos, cerca das 18 horas de ontem, parou junto de si um automóvel de marca «Volkswagen», no qual seguiam três indivíduos. Dois deles apearam-se e sem lhe dar tempo de esboçar a defesa taparam-lhe a boca com um lenço e, depois de a manietarem, furtaram-lhe um casaco de malha, no valor de 140$; um porta-moedas com 22$50 e um fio que trazia ao pescoço, após o que a lançaram ao chão. Assim, não teve tempo de ver a matrícula do automóvel e só sabe indicar que os assaltantes são rapazes entre os 20 e os 25 anos.

Novo chefe do Estado-Maior do Exército

Para suceder ao general Câmara Pina, no cargo de chefe do Estado-Maior do Exército, acaba de ser nomeado (e já hoje assumiu as suas funções) o general Alberto de Andrade e Silva, que ocupava o lugar de vice-chefe.

Suspeita-se que tenha sido assassinada uma senhora desaparecida há 13 anos no Brasil onde fora receber uma herança

A sr.ª D. Zélia da Mota Cardoso, casada, funcionária dos C. T. T., apresentou hoje na P. S. P. uma participação em que pede para que as autoridades policiais a ajudem na procura de uma sua irmã, Judite da Mota Cardoso, que a estar viva terá 57 anos e da qual nada sabe há 13 anos, quando foi ao Brasil para receber uma herança.

Aquela senhora, com quem nos avistamos, suspeita o que aliás comunicou também á Polícia, de que sua irmã tenha sido assassinada por um indivíduo que ela conheceu a bordo, durante a viagem para o Brasil e com quem viveu durante três anos.

Até essa altura, a vida da desaparecida é mais ou menos conhecida mas dali em diante tudo é mistério. Foram informações recentes que a levaram a pensar na possibilidade de um crime.

Um emigrante chamado Aurélio...

Contou-nos a sr.ª D. Zélia da Mota Cardoso que a irmã foi avisada de que seu padrinho, sr. Avelino da Mota Mesquita, irmão do falecido proprietário da Ourivesaria Aliança, no Porto, pessoa muito conhecida na cidade, havia falecido no Rio de Janeiro e que nos documentos de herança deixara á afilhada uma determinada quantia, que parece ter sido da ordem dos 200 contos. A irmã, solteira, resolveu ir ao Roa de Janeiro habilitar-se áquele espolioi. Mas rurante a viagem, segundo depois contou em cartas que escreveu, conhecera um emigrante, Aurélio osé da Silva, da Maia, concelho do Porto.

Nunca disse ao certo qual a importancia recebida, nem o que fizera ao dinheiro. Apenas se referia á vida normal com aquele indivíduo. Mas, passados três anos, as caras para a irmã eram um pouco estranhas, falando sem nexo em santos, mandando figuras de alguns e até com frases de «Valha-me Deus» e outras semelhantes. De repente, não mais escreveu.

A irmã insistiu na correspondência, mas nunca mais obteve respostas. Escreveu variadas vezes para o indivíduo que com ela vivia, para pessoas amigas, depois para a Polícia brasileira e, até, para a Embaixada de Portugal.

Estranhos factos recentes

Entretanto, há tempos, umas pessoas residentes no Brasil informaram um seu familiar de Amarante de que tinham ouvido dizer pela rádio que uma patrulha da Polícia havia encontrado sua irmã assassinada, mas que não podiam confirmar ao certo.

Voltou então aquela senhora a insistir, escrevendo para o tal indivíduo uma carta com aviso de recepção, e ele, embora tenha assinado o aviso, não deu resposta. Escreveu então para uma prima e esta veio a saber que o Aurélio José da Silva era proprietário do prédio em que vivera com a irmã em Olaria, mas que ali agora só tinha um apartamento onde ia buscar a correspondência e vivia noutro sítio, com outro nome, Aurélio da Silva Torres e que da prima nada se sabia.

Aquela senhora foi á Maia falar com a família do Aurélio, sabendo ali que este vivia com outra mulher.

Todo este mistério levou a sr. D. Zélia Cardoso a pedir a intervenção das autoridades, as quais, por intermédio da família do Aurélio, poderão vir a averiguar o paradeiro ou a sorte da irmã.

Espectáculos para hoje

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «Antígona» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «No pisto dos diamantes» (12 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «O Salto» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Ataque á Muralha do Atlântico» (12 anos).
OLÍMPIA — Às 21 e 30: «Ricardo, Coração de Leão» (12 anos)

Amanhã, à tarde

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «No pisto dos diamantes» (12 anos)
COLISEU — Às 15 e 30: «A revolta dos cossacos» (12 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Ataque à muralha do Atlântico» (12 anos).
ESTÚDIO — Às 15 e 30: «As cartas do escorpião» (17 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «Duas raparigas em Londres» (17 anos).
BATALHA — Às 15 e 30: «Jerry em Londres» (12 anos)
AGUIA DE OURO — Às 15 e 30: «Vingança sem piedade» (12 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «Ricardo, Coração de Leão» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 15: «O sargento Riker» e «Mosqueteiros do mar» (12 anos).
JÚLIO DINIS — Às 15 e 30: «Os crimes de Dellinger» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «O pai tirano» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Milhões escaldantes» (17 anos).
AGUIA DOURO — Às 21 e 30: «Vingança sem piedade» (12 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Ame-te, ame-te» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Arquivok» e «Tempos difíceis» (17 anos).
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Os crimes de Dillinger» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «O pai tirano» (12 anos)
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Os devassos» (17 anos).

Farmácias de serviço esta noite (4.º turno)

ALIRIO DE BARROS, SUCRS., R. Costa Cabral, 240 (Tel 40598) • BOAVISTA, Rua da Boavista, 50 (Tel 2-5443 • BOTELHO, Rua da Alegria, 863 • (Tel. 4-0069) • CENTRAL, Rua de Santo António, 208 (Tel 21684) • CONTUMIL, Rua de Contumil, 540 (Tel 45755) • CORUJEIRA, Rua de S R do Lameiro, 473 (Tel 5-1928) • GARANTIA, Rua Fernandes Tomás, 696 (T 2-4645) • LEMOS & FILHOS, Pr de Carlos Alberto, 3 (Tel 2-1509) • MAIA, Rua do Campo Alegre, 192 (Tel 6-4450) • PENINSULAR, Rua Chã, 00-02 (Tel 2-0707) • PINHEIRO MANSO, Rua de S. João de Brito, 25-29 (Tel 6-0692) • SÁ, Rua Vale Formoso, 81 (Tel 40427) • FOZ, Rua Senhora da Luz, 382 — Foz (Tel 68-0127) • SERPA PINTO, Rua de Serpa Pinto, 645 (Tel 4-8697)

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	530$
Consolidado 3%	—	540$	545$
Consolidado 3 1/2%	—	642$	645$
Centenários 4%	1.520$	1.515$	1.525$
Obrig. Tesouro 5%	—	1.008$	1.010$
Externo 1.ª Série	—	600$	—
Externo 1.ª Série e.	—	670$	—
Externo 3.ª Série	—	—	900$
Externo 3.ª Série e.	—	—	930$
Cautelas 3.ª Série	—	—	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A. P. I. 5% 56	—	—	970$
A. P. I. 5% 58	—	—	970$
E. P. 4 1/2% 65	—	—	—
C. P. 5 1/2% 67	—	—	1.000$
C. U. F. 6%	1.006$	1.005$	1.007$
C. U. F. 6% 68	1.015$	1.012$	1.017$
Gás Elect. 4% 48	—	825$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	840$	870$
Gás Elect 5% 52	910$	—	915$
Gás Elect 5% 58	—	—	925$
Gás Elect 5% 59	—	—	925$
Gás Elect 5% 62	—	925$	—
Gás Elect 5% 63	—	—	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	—	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	830$	835$
H. E. Cávado 5%	—	—	—
H. E. Cávado 6%	—	1.013$	—
H. E. Douro 5%	845$	845$	855$
H. E. Douro 6%	1.013$	1.010$	1.013$
H. E. Norte Port 5%	—	840$	—
H. E. S. Estrela 6%	1.010$	—	—
H. E. Zêzere 5% 55	—	860$	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	1.004$	1.004$	1.005$
Metropolitano 4%	—	—	920$
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac. Electr. 5%	—	—	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	900$	—
Port. Celu. 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	920$	940$
Sacor 5% 60	910$	—	915$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	840$	900$
T. A. P. 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	—	—
U. E. P. 3 3/4%	—	—	—
U. E. P. 4%	—	—	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	84$	83$	84$5
U. E. P. 5% 60	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	870$	—
AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.185$	1.185$	1.200$
Alentejo	715$	710$	715$
Angola	—	2.330$	2.400$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	2.750$	2.740$	2 760$
E. Santo	—	—	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	—
L. & Açores p.	5.500$	5.450$	5.550$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	—	6.100$	—
Portugal n.	2.700$	2.700$	2.800$
Portugal p.	—	3.300$	3.500$
Totta Aliança	6.000$	5.980$	6.050$
Ultramarino n.	2.200$	2.190$	2.200$
Ultramarino p.	2.495$	2.490$	2.500$
Seguros			
Alentejo	—	—	74$
Douro	—	930$	1.200$
Mundial	535$	580$	540$
Sagres	—	1.300$	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	12.000$	30.000$
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	760$	750$	760$
Ag. Cassequel	—	700$	710$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	—	400$
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	—
Buzi	83$	82$	83$
Cabinda	—	205$	210$

Ultramarinos	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.520$	1.515$	1.520$
H. E. Revué	640$	640$	—
Ilha do Príncipe	—	950$	—
Moçambique	—	115$	120$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	376$	375$	377$
Zambézia	81$5	81$5	82$
Angolano	—	84$	—
Diversos			
Cidla	—	7.650$	7.900$
Cim. Leiria	3.500$	3.400$	3.600$
Cim. Tejo	—	6.200$	6.250$
Co. Navegação	—	970$	1.000$
C. U. F.	1.320$	1.300$	—
Ina. Aliança	—	—	—
Nac. Navegação	—	3.000$	3.050$
Petroquímica	2.290$	2.280$	2.300$
Port. e Colónias	1.560$	1.572$	1.600$
Port. Celulose	—	3.750$	4.000$
Port. Pesca	—	1.230$	1.240$
Port. Tabacos	675$	675$	680$
Sacor	—	5.200$	5.300$
Siderurgia Nac.	1.450$	1.450$	1.460$
Sacor	—	—	2.800$
Tabacos de Portugal	980$	970$	990$
Tabaqueira	—	—	—
[illegible]	790$	785$	800$
Aguas, Electr. e Gás			
Aguas Lisboa p.	410$	—	415$
Aguas Lisboa 34	—	—	—
Aguas Lisboa 36	—	—	—
Elect. Beiras	—	1.580$	1.600$
Gás Electr.	428$	427$	429$
H. E. Alto Alentejo	163$	163$	164$
H. E. Cávado	1.290$	1.280$	1.300$
H. E. Douro	1.288$	287$	1.290$
H. E. Norte Portugal	310$	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	—	1.330$	1.340$
Nac. Electricidade	—	1.375$	—
Termoeléctr. Port.	1.375$	1.370$	1.380$
U. E. P.	200$	200$	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	175$2	180$5
C. D. E. S.	—	114$6	118$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

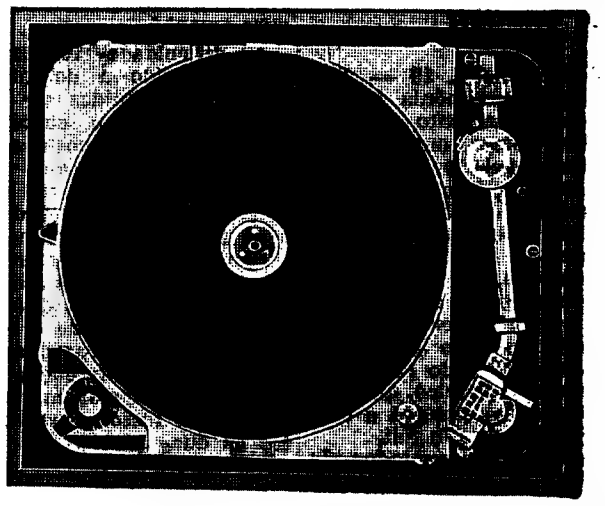
	11/6/69	17/6/69	18/6/69
GERAL	124,4	126,3	126,6
METROPOL.	121,9	123,8	124,1
ULTRAM.	143,0	144,5	144,8

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul		
— Rands de 1 a 4	35$00	37$50
— Rands de 5 a 20	36$00	38$50
Américas		
— Dollars de 1 a 4	28$25	28$65
— Dollars de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$80	7$80
Espanha — Peseta	$40	$415
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$20	69$20
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirham	4$60	5$10
Bélgica — Franco	$51,5	$55
França — Franco	5$25	5$70
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro		
Inglaterra — Libra soberano	350$00	365$00
Inglaterra — 1/2 Libra	260$00	280$00
Ouro fino — Barra	38$00	39$50

J. BURNAY, L.DA — Notas estrangeiras — Papéis de crédito — Tel. 321273 — RUA DO OURO 72

THORENS
preferido por melómanos e profissionais

TD 124
o melhor gira-discos do mundo para cadeias de alta fidelidade



PEÇA CATALOGOS E UMA DEMONSTRAÇÃO AOS PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.
RUA NOVA DO ALMADA, 89-97 LISBOA
No norte: VADECA — R. de S.to António, 215 — PORTO

THORENS em exposição nos stands 513/514 na F. I. L.

Actualidade internacional

PREVÊ CLARK CLIFFORD:

RETIRADA NORTE-AMERICANA DO VIETNAM ATÉ 1970

NOVA YORK, 19 — (A. N. I.) — Até ao fim do ano poderão ser retirados do Vietnam uns cem mil soldados norte-americanos e quando 1970 chegar ao fim talvez seja possível retirar daquele país todas as forças terrestres norte-americanas — sugeria o antigo secretário da Defesa, Clark Clifford, num artigo escrito antes de ter sido anunciada pelo presidente Nixon a substituição de 25 000 soldados norte-americanos por sul-vietnamianos e publicado no presente numero da revista «Foreign Affairs».

BOMBARDEADAS 34 POSIÇÕES

SAIGÃO, 19 — (A. N. I.) — Os guerrilheiros comunistas bombardearam 34 posições aliadas, durante a noite de ontem e a madrugada de hoje, mas apenas em 16 foram registadas baixas ou danos materiais — anuncia o comando militar norte-americano.

Entre os objectivos militares bombardeados pelos norte-vietnamianos figuram o quartel-general da 9.ª Divisão de infantaria norte-americana, em Dong Tam, a 64 quilómetros a sudoeste de Saigão, e o campo de forças especiais em Ben Het, nas montanhas centrais. Não houve mortos em qualquer dos dois ataques.

PROIBIDA EM SAIGÃO A «NEWSWEEK»

SAIGÃO, 19 — (R.) — O Governo do Vietnam do Sul proibiu hoje o ultimo numero do semanário norte-americano «Newsweek».

Segundo um informador oficial, o numero de 23 de Junho continha um artigo «com argumentação falsa e prejudicial á estabilidade nacional».

O numero traz dois artigos sobre o Vietnam, sendo o que foi considerado ofensivo o que tem por titulo «Êxodo no Vietnam: Alguns favorecidos».

O artigo descreve os preparativos que estão a ser feitos pelas pessoas abastadas do Vietnam do Sul para saírem do país, medida de precaução contra uma eventual subida dos comunistas ao Poder.

Muitas centenas de pessoas ricas exilaram-se de livre vontade na Europa e nos Estados Unidos, havendo outros tantos que se preparam para fazer o mesmo — revela o artigo.

JÁ FORAM MORTOS 36 378 MILITARES NORTE-AMERICANOS

Entretanto, o numero de norte-americanos e governamentais mortos em acção durante a ultima semana aumentou bruscamente.

Os numeros publicados hoje pelo comando militar norte-americano revelam que, entre 8 e 14 do corrente, morreram em combate 335 militares «yankees», ou sejam, mais 83 do que na semana anterior.

O numero de mortos governamentais em combate atingiu 516, registando um aumento de 59.

Por outro lado, o numero de comunistas mortos foi de 4360 ou seja aproximadamente mais 1000 do que na semana anterior.

Com estes numeros eleva-se para 36 378 o de norte-americanos mortos no Vietnam desde o principio da guerra.

As baixas comunistas atingem 516 087 desde a mesma data.

OITO ÁRABES MORTOS

TEL-AVIV, 19 — (R.) — Morreram oito elementos de infiltração árabes em dois recontros travados com patrulhas israelitas — anunciou hoje um infomador do Exército de Israel.

O primeiro recontro deu-se cerca das 21 e 30 de ontem, quando uma patrulha israelita que se deslocava a oriente de Hushaniyeh, nos Montes Golan, avistou um grupo de árabes e disparou sobre eles.

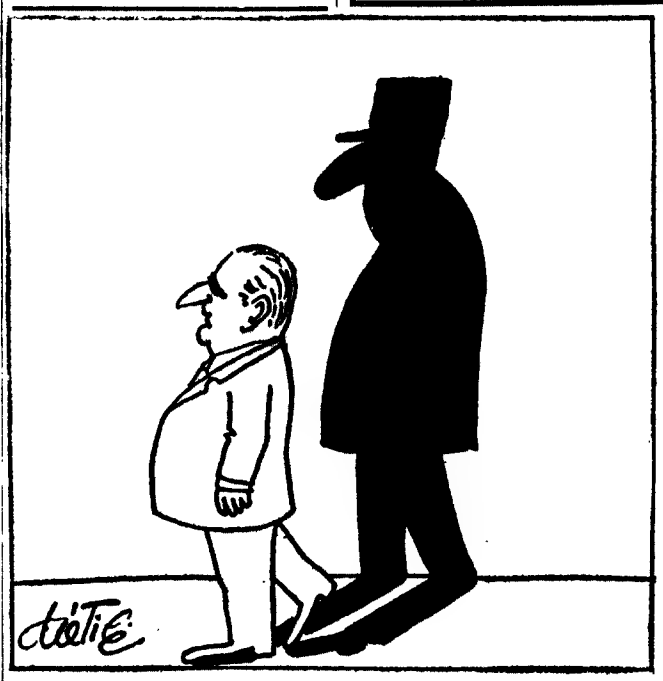
Depois do tiroteio, foram encontrados quatro corpos. Julga-se que o grupo com fins de reconhecimento, se teria infiltrado pelo território na posse dos israelitas.

Foram encontradas junto dos corpos quatro carabinas de assalto Kalatchnikov.

No outro recontro, ocorrido a oriente de Mefalsim, proximo da faixa de Gaza, foram mortos quatro árabes.

Em ambos os recontros, as tropas israelitas não tiveram baixas — acrescentou o informador.

Esta manhã, cerca das 7 e 20, um veículo militar israelita chocou com uma mina, a sul de Dabussiyeh, tendo ficado ligeiramente ferido um dos soldados que nele viajava.



A SUCESSÃO EM FRANÇA
(Desenho publicado no jornal «Yan»)

«FOSSO» ENTRE OS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA E OS ESTADOS UNIDOS

PORT-OF-SPAIN (Trinidad), 19 — (R.) — Ontem á noite, em Port-of-Spain, malograram-se os esforços desenvolvidos para chegar a acordo sobre um projecto de resolução entre os Estados Unidos e os países latino-americanos. O projecto tinha como objectivo a revisão da cooperação inter-americana e a aceleração do desenvolvimento latino-americano.

A sessão final da reunião de uma comissão ao nível de peritos durou apenas seis minutos, na assembleia que tem estado reunida na capital de Trinidad.

Nenhum dos lados recuou nas suas propostas respectivas para chegar a uma resolução conjunta, pelo que o problema será agora tratado a nível ministerial no Congresso de Economia e Desenvolvimento que se inaugura amanhã.

As dificuldades levantaram-se devido á delegação dos Estados Unidos ter recusado aceitar o contexto total de uma proposta conjunta, latino-americana pedindo modificações no comércio dos Estados Unidos e na política de cooperação.

Daniel Szabo, vice-secretário de Estado, para os assuntos inter-americanos, disse á saída da reunião que o memorando latino-americano apresentava diferenças de conceito e linguagem, deixando um fosso aberto entre as duas partes.

SATISFAÇÃO E ALÍVIO NO LABOUR

LONDRES, 19 — (F. P.). — Satisfação e alívio no campo trabalhista, a indignação no dos conservadores —estas as reacções no mundo político britânico depois do acordo feito entre o Governo de Harold Wilson e o Trades Union Congress.

Os parlamentares trabalhistas aclamaram o seu chefe que, segundo os conservadores, «perdeu tudo, o rosto e a camisa».

Os jornais de tendência conservadora de hoje, «Daily Mail», «Daily Telegraph» e «Daily Express» dão a toda a largura da primeira página um titulo idêntico: «Capitulação».

O «Times», independente, afirma que os dirigentes sindicalistas conseguiram impedir o Governo de governar».

Para os observadores, há duas conclusões a tirar:

1 — A plataforma poupa para já o Labour a uma desagregação de que a ameaça se acentuava á medida que se azedavam as discussões á volta das causas penais previstas pelo Governo para pôr termo ás greves «legais».

2 — Duas pessoas saem vitoriosas do confronto: Victor Feather, secretário-geral interino do Tuc, e James Callaghan, ministro do Interior — adversários mais duros da lei de Barbara Castle.

MITTERRAND REGRESSA À CENA POLÍTICA

PARIS, 19 — (R.) — Precisamente na altura em que o general de Gaulle voa para França, depois do seu curto exílio voluntário na Irlanda, o socialista François Miterrand, que forçou o gera linha da cena política francesa, após um ano de silêncio.

Miterrand, que forçou o general de Gaulle a um escrutínio de emergência na eleição presidencial francesa de 1965, delineará as suas ideias sobre o futuro da ala esquerda numa conferência de Imprensa marcada para esta tarde.

Aguarda-se que na reunião com os jornalistas — a sua primeira conferência de Imprensa desde Maio de 1968 —Mitterrand apele para uma ampla frente unida da ala esquerda, que se oponha ao presidente eleito Georges Pompidou, lembrando-se, para o efeito, que o político esquerdista foi, durante três anos, chefe de uma oposição combinada esquerdista contra o presidente de Gaulle.

Tal agrupamento contra Pompidou deverá incluir os comunistas, que apoiaram Miterrand em 1965.

Cercado por manifestantes um Ministério na capital do Uruguai

MONTEVIDEU, 19 — (F. P.) — Cerca de 150 estudantes cercaram a noite passada o Ministério uruguaio dos Negócios Estrangeiros para protestar contra a próxima visita de Nelson Rockefeller.

Houve um principio de incêndio no gabinete de Venâncio Flores, ministro dos Negócios Estrangeiros, mas os bombeiros dominaram rápidamente o sinistro. Não houve vitimas e os prejuizos são de pouca monta.

«FORA ROCKEFELLER»

Os estudantes uruguaios ocuparam vinte estabelecimentos de ensino secundário e a Escola Politécnica. Sobre os edifícios foram colocados cartazes com os dizeres «Fora Rocefeller».

Entretanto, a Federação dos Estudantes Universitários e a Convenção Nacional dos Trabalhadores anunciaram paragens de trabalho e manifestações para sábado, dia em que o kenviado especial do presidente Nixon chegará ao Uruguai.

O Governo tinha decidido encerrar até ao fim do mês todos os estabelecimentos de ensino, desde as escolas primárias ás Universidades, devido a uma epidemia de gripe, mas os estudantes entenderam que esta medida visava impedi-los de se manifestarem contra a visita de Rocefeller.

Foram observadas paragens de trabalho em vários sectores.

Advertência de Israel à Jordânia

TEL-AVIV, 19. — (F. P.) — O ataque aéreo israelita de ontem, contra a Jordania, não foi apenas uma operação de represálias, mas, sobretudo, uma advertência extremamente severa, destinada a definir os limites da paciência israelita — dizem os círculos bem informados de Tel-Aviv.

«A operação foi precedida de repetidos avisos israelitas, que parecem não ter sido escutados. Em vez de recomendar a moderação aos «comandos», o Governo jordano concede-lhes total liberdade de movimentos» — declarou no Parlamento, a noite passada, o ministro israelita da Informação, Galili.

Também o informador do Exército israelita explicou: «Nos ultimos dois meses, têm-se multiplicado e agravado os actos de agressão cometidos a partir do território jordano. Desde 13 de Maio, os bombardeamentos jordanos tornaram-se quase diários e concentraram-se na zona do Mar Morto». O informador indicou que, nestes dois meses, houve 128 incidentes, em que foi usada artilharia pesada, de que apenas dispõem as forças jordanas e iraquianas.

Comentando a importante operação de ontem, os observadores dizem que a morte de uma jovem turista norte-americana, vitimada na terça-feira por um obus iraquiano numa praia do Mar Morto, foi a gota que fez transbordar o copo. Israel quis mostrar que não tolerará o menor atentado ao turismo, que constitui uma das suas principais fontes de receita.

Novas tapeçarias de Chagall

JERUSALÉM, 19 — (R.) — Numa cerimónia realizada no Parlamento de Jerusalém, foram ontem apresentadas pela primeira vez, em publico, três grandes tapeçarias desenhadas pelo pintor franco-judaico Marc Chagall.

O artista, já octogenário, esteve presente á cerimónia. As tapeçarias servem de decoração do salão de banquetes do edifício do Parlamento nacional judaico, que desde ontem se passará a chamar Salão de Chagáll.

Os temas apresentados são bíblicos e representam «A Criação», «Êxodo», e a «Entrada em Jerusaléms».

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

NOVE MINEIROS SOTERRADOS

TAGAWA (Japão), 19 — (A. N. I.) — Nove mineiros morreram soterrados devido a um desmoronamento numa galeria situada a uma profundidadt de 250 metros.

Resultaram infrutíferas todas as tentativas das equipas de socorro para os salvar.

ARMSTRONG COLOCARÁ NA LUA UMA BANDEIRA DOS E. U. A.

CAPE KENNEDY, 19 — (R.). — A NASA, além de ter anunciado ontem á noite que o astronauta Neil Armstrong colocaria, ao descer em solo lunar, uma bandeira dos Estados Unidos na superfície do nosso satélite, anunciou também que os três tripulantes da Apolo-11 experimentaram ontem os seus fatos espaciais na prática das experiências científicas que têm que levar a cabo.

INQUIETAÇÃO INGLESA PERANTE O REFORÇO DA POSIÇÃO ALEMÃ

LONDRES, *Junho* — Wilson, de modo indirecto, mas claro, condenou, há dias, mais uma vez as propostas de Strauss referentes á criação de uma força de dissuasão nuclear europeia. O primeiro-ministro atacou, especialmente, Heath, chefe da oposição conservadora que, numa recente viagem privada a Washington, declarou: «*Mais tarde ou mais cedo, os europeus deverão ter a sua capacidade nuclear.*» Para Wilson, trata-se de uma declaração «*muito perigosa e irresponsável*» que equivale a querer dar armas nucleares á Alemanha ocidental, em violação do Tratado de Bruxelas.

Verdadeiramente, Wilson interpreta muito amplamente as declarações de Heath que, respondendo aos jornalistas, em 25 de Maio, em Washington, se declarou interessado pelos projectos de Strauss que visam o abandono das forças de dissuasão nacionais. As forças nucleares da Grã-Bretanha e da França, esclareceu Heath—sem fazer a menor referência á Alemanha Ocidental — deveriam formar conjuntamente um «trust» para a Europa.

Por motivos eleitorais evidentes, Wilson procura deste modo travar um debate com Heath que, até nova ordem, não considerou util responder-lhe. É verdade, no entanto, que existe inquietação nos círculos próximos do governo, pela crescente influência de Strauss não só na Alemanha como também na Grã-Bretanha. Os círculos políticos, nomeadamente os conservadores, consideram-no já após a retirada do gen. de Gaulle, o homem mais importante da Europa. Contudo, no movimento trabalhista, há muitos que se inquietam com o aumento do potencial da Republica Federal em todos os planos, com o papel predominante que esta considera que é chamada a desempenhar na Europa, devido ao eclipse temporário da França. Os mesmos pensam que o regresso em força da Alemanha deve levar os franceses a aliviar a sua posição acerca da candidatura britanica ao Mercado Comum.

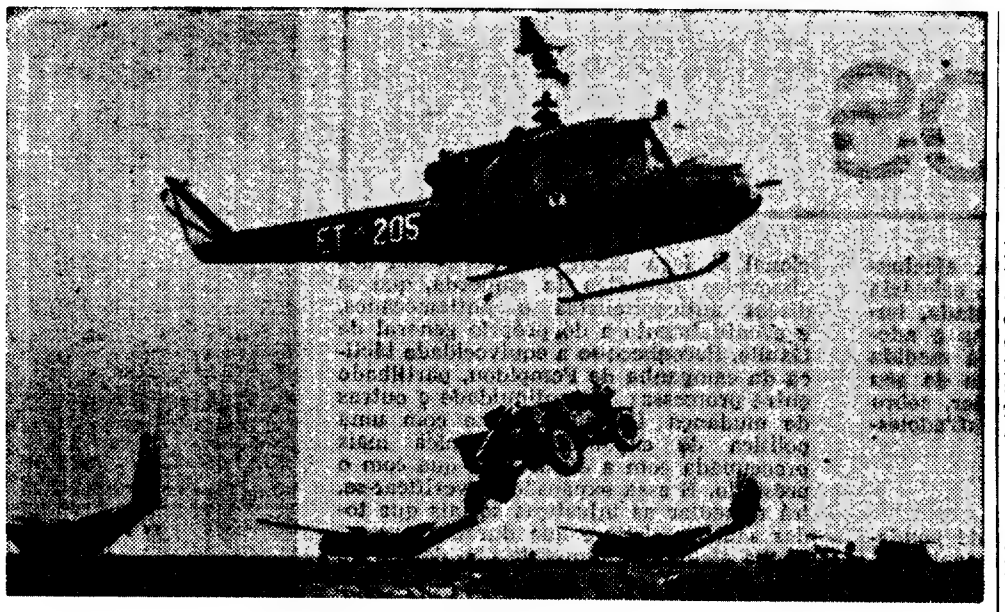
Na verdade, a nova política em relação á Europa está ainda em gestação. Sabe-se unicamente que Wilson e Stewart mantêm as suas reservas em relação ás concepções federalistas e que o objectivo do governo continua a ser o alargamento da Comunidade dos Seis, sem com isso, negligenciar a cooperação política no seio da U. E. O.

O «*Times*» comentando o ataque de Wilson a Heath, bem procurou sublinnhar que nunca governo britânico algum cooperou tanto com a Alemanha no domínio militar como o de Wilson. E deu como exemplo a cooperação anglo-alemã a propósito das centrifugadoras nucleares, as recentes sugestões feitas em comum pelos ministros da Defesa, Healey e Schroeder, na Nato, para acelerar a decisão sobre o uso das armas nucleares tácticas. Mas, precisamente, certos elementos ligados ao governo inquietam-se com uma cooperação anglo-alemã que poderia ser util, como meio político, na época do gaullismo triunfante, mas que, hoje, perdeu muito da sua justificação. Esses elementos olham evidentemente para o lado da França, a fim de se compensar o ascendente da Alemanha Ocidental.

No entanto, subsistem as duvidas em relação a Pompidou. Segundo o «Economist», este será até ás eleições alemães (e implicitamente até uma possivel ascensão de Strauss ao Poder) a *individualidade dominante na Europa*». Ora, segundo aquele semanário, sendo menos hostil que o general De Gaulle á entrada da Inglaterra na Europa, apresentará ainda os velhos obstáculos. Em tais condições, julga o «Economist», um esforço de pressões conjuntas deve ser exercido pelos Cinco e também pelos Estados Unidos, e conlui: «*Tendo em conta este apoio exterior, grande numero de franceses que se sentem cansados de um isolamento que nada acrescentou á grandeza da nação poderão persuadir Pompidou a deixar entrar a Grã-Bretanha na Comunidade. Mas não é uma eventualidade que possa dar-se rápidamente, sendo duvidoso que a vitória de Pompidou constitua uma boa noticia para Wilson.*»

HENRI PIERRE

Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»



Três mil e duzentos homens, quinze aviões tácticos, vinte e seis de transporte e nove helicópteros, iniciaram na Galiza o exercício «Azor 1», com a participação dos Exércitos espanhóis da Terra e do Ar. Na foto: um momento da operação aerotransportada. Entretanto, registaram-se na América do Norte protestos contra a participação de forças dos E. U. A. em exercícios conjuntos com unidades espanholas

NOVA «GUERRA DO ARENQUE»?

LONDRES, 19 — (A. N. I.) — Receia-se a eclosão de nova «guerra do arenque»: unidades da Royal Navy foram destacadas devido ás queixas de pescadores escoceses, cujas redes foram danificadas por embarcações holandesas e polacas que pescam nas águas do Northumberland, no Mar do Norte.

SUPERPETROLEIROS

MOSCOVO, 19 — (A. N. I.) — Os russos estão a estudar a hipótese de construir superpetroleiros de 120 000 toneladas, semelhantes aos que estão a ser produzidos no Japão — anuncia a revista de Moscovo «Marinha Mercante».

A China em Moscovo

De acordo com os telegramas das agências noticiosas, o documento principal da conferência de Moscovo pronuncia-se pela «restauração dos direitos da Republica Popular Chinesa na O.N.U.» e pelo termo da «ocupação da Formosa pelas forças americanas». São estas as unicas referências expressas das conclusões da conferência á China e áquilo que eufemísticamente se designa por «problema chinês». A Leste e a Oeste esperava-se uma condenação das posições maoistas e, afinal, é um apelo á admissão do filho pródigo na sociedade internacional que se produz e divulga. Porquê?

Tenha-se presente, antes de mais, que a China recusou participar na conferência, tal como tem recusado integrar-se nos vários organismos do chamado «bloco socialista», ou seja, no grupo de países chefiado pela U. R. S. S. Não aceitando uma estrutura, um jogo, um campo de acção política, a Republica Popular não aceita combater com as armas que a superpotência Russia escolheu: ganhará ou perderá com outras, não com essas.

Na via ousada que escolheu e pratica, a China não se encontra, aliás, sózinha. Além do Partido do Trabalho da Albania, estão a seu lado alguns dos partidos em directo afrontamento com os E. U. A. e com os seus aliados: os da Coreia do Norte e do Vietnam do Norte (no Poder), e os do Vietnam do Sul, da Tailandia e do Laos, integrados nas frentes populares ou nacionais dos respectivos países. E a própria participação do P. C. cubano (marcada por todas as reticências que um estatuto de observador pressupõe) filia-se, não naquilo que poderia denominar-se uma prática política pró-soviética, mas nas hesitações teóricas que desde sempre têm caracterizado a revolução cubana.

Por outro lado, e independentemente da significativa ausência de chineses e outros, uma expressa condenação da China encontraria (encontrou) a oposição de todos os partidos que, admitindo a direcção do «bloco socialista» pela U. R. S. S., aderindo ao e integrando-se no sistema de relações em que a política internacional se encontra estruturada, nesta época de blocos e superpotências, pugnam por uma independência em relação a Moscovo, que lhes permita uma liberdade de movimentos a nível interno e a definição de uma via nacional de actuação. E' o caso (típico) do partido italiano, secundado, com maior ou menor brilhantismo, pelos da Espanha, da Suíça, da Finlandia, da Inglaterra, da Bélgica, da Reunião, e, numa posição evidentemente específica, pelo P. C. romeno.

Em nome de alguns mitos políticos propostos á circulação na sociedade internacional posterior á 2.ª guerra mundial — não interferência nos assuntos internos, legitimidade dos «caminhos nacionais», etc. ... — estes partidos têm-se oposto ao colosso soviético e aos seus «diktats» teóricos, o ultimo dos quais, a «doutrina» dita de Brejnev, que estipula a «soberania limitada» dos estados e dos partidos «irmãos», a U. R. S. S. não logrou incluir no documento principal da reunião.

Procurando garantir a sua autonomia, quase todos os partidos que prosseguem «vias nacionais» recusaram pois («et pour cause») a «análise da situação» e as referências ás relações entre os vários P. C., contidas no «documento principal».

A unanimidade foi apenas possível no capítulo dedicado á «luta contra o imperialismo» — definida em moldes suficientemente amplos e suficientemente vagos para que, como «questão de princípio» que é, possa por todos ser aceite. Onde e sempre que os parâmetros dessa luta se concretizaram, deparou-se com oposições expressas: assim aconteceu com a referência ao Médio Oriente e á «luta contra o sionismo», de cujos termos os partidos marroquino e sudanês afirmaram discordar. (Diga-se — a propósito e de passagem — que num outro momento foi possível obter a unidade desejada: na romagem académica ao mausoléu de V. Ilitch, dito Lénin, que foi o fundador do primeiro Estado socialista).

A China e a comunidade internacional

Do que fica dito pode concluir-se que Moscovo-69 não foi para a U.R.S.S. a vitória esperada? Evidentemente que não.

Em primeiro lugar, e pelo simples facto de se ter realizado, a conferência foi uma consagração das teses soviéticas sobre a organização e repartição do poder da comunidade socialista e até da comunidade internacional. Com a sua participação (plena ou condicionada, com ou sem restrições), setenta e quatro «partidos irmãos» legitimaram essas teses e tudo o que delas decorre.

Em segundo lugar, há omissões e omissões, a importância e o significado de umas não são iguais aos de outras. Se é certo que o documento principal não consagra declaradamente a «doutrina Brejnev», nenhum dos seus parágrafos condena também a U.R.S.S. pela intervenção na Checoslováquia — e as tropas russas continuam em território checo. Se é certo que a China não é expressamente condenada, é a «coexistência pacífica» e não o «internacionalismo proletário» — para referirmos uma das questões básicas do diferendo sino-soviético — que é afirmada como princípio fundamental da política dos países socialistas e dos partidos comunistas.

Por ultimo, a unica alusão do documento principal ao problema chinês — referida no início desta nota — aparentemente favorável á Republica Popular da China e repleta de boas intenções dialogantes é, ela própria, cheia de equívocos e consagra um mal-entendido...

Propõe-se, substancialmente, que a China de Mao Tsé Tung seja admitida na O.N.U. — isto é, na Comunidade Internacional. Pequim sempre recusou, porém, todo o sistema de relações característico dessa «Comunidade», a partilha do poder político no seu seio, as suas ideologias e as suas mitologias.

Para «imperialistas» e para «revisionistas» a China Popular tem sido o «enfant terrible» ou, o que é bem pior, o desmancha-prazeres (ou acordos), e a participação nas instancias de uma «Comunidade» dirigida pelas superpotências não parece seduzi-la particularmente.

Como antídoto ao princípio de subversão que a R. P. C. representa a nível mundial, «conselheiros», intelectuais e liberais norte-americanos têm proposto com frequência a admissão do Governo de Pequim nas organizações internacionais e na Comunidade Internacional. Algo de semelhante fez a conferência que, neste mês de Junho de 69, reuniu em Moscovo 75 partidos «comunistas e operários».

AMADEU LOPES SABINO

Reivindicação razoável

SAN FRANCISCO (Califórnia), 19 — (A. N. I.) — As bailarinas que se exibem de tronco nu nos clubes nocturnos de Chicago pediram ás autoridades que seja criada uma zona onde possam tomar banhos de Sol sem qualquer peça de roupa a ocultar o busto.

As bailarinas explicaram que gostam, como toda a gente, de se queimar um pouco, mas que o não podem fazer, pois as roupas deixam zonas brancas no seu «material de trabalho».

FALECIMENUO DE UM GENERAL SOVIÉTICO

MOSCOVO, 19 — (R.) — O jornal do Ministério soviético da Defesa, «Estrela Vermelha», anunciou hoje que o general Terenty Y. Ivanov morreu trágicamente «no desempenho das suas funções».

O «Estrela Vermelha» não deu mais pormenores sobre o falecimento, nem indicou a data. O jornal afirma que a comunicação da morte fora feita pelo distrito militar de Moscovo, mas não revelou quais as actividades militares do general.

O falecimento de Ivanov é a continuação de uma série de mortes de generais soviéticos anunciadas nos ultimos dois meses. Este ultimo parece ter sido o sétimo falecimento no serviço activo.

Dos outros seis generais, dois faleceram trágicamente, três por doença e um por causas desconhecidas.

Não há provas de que tão elevado numero de mortes em tão curto prazo seja mais do que uma estranha coincidência, apesar de ter havido especulação sobre as hipóteses de acidente ou depuração.

ECOS

SEGUNDO inquéritos recentes, efectuados em França, a escola primária proporciona, quando bem orientada, importantes satisfações às crianças e adolescentes das classes pobres, na medida em que as liberta das misérias do seu meio de origem. Vale a pena ler, sobre este e outros temas análogos, «L'adolescence», de Maurice Debesse.

*

EIS algumas palavras dignas de ponderação da autoria de Emmanuele Arsan: «A reabilitação moral do prazer e a legitimação da beleza atacam os bastiões edificados sobre os ancestrais terrores da espécie, a angústia que a natureza alimenta com os seus enigmas, a submissão aos ritos do passado e ao hábito da desgraça.

*

CONSIDERANDO o momento actual da vida política francesa, que se apresenta confuso e difícil, dado que apenas uma minoria dos franceses — e uma escassa maioria do eleitorado — elegeu o presidente Georges Pompidou, o jornal «Le Monde» considera, em editorial, o jogo provável das diversas formações políticas. Opina, por exemplo, que os «diabos» oriundos do centro vão ter decerto as suas exigências, acrescidas pelas do grupo de Giscard d'Estaing. Admite mesmo o articulista que na Assembleia Nacional se faça sentir a discordância dos chamados gaullistas da esquerda, que se dizem anticapitalistas e antiamecanos, e eventualmente a do próprio general de Gaulle, Reconhece-se a equivocidade táctica da campanha de Pompidou, partilhado entre promessas de continuidade e outras de mudança. Há quem conte com uma política de expansão económica mais preocupada com a eficácia do que com o prestígio. E essa expansão. a verificar-se, irá remediar as injustiças sociais que todos sabem existir e que durante a campanha eleitoral a esquerda não deixou de revelar?

A inteligência e a habilidade de Pompidou estão fora de causa. Importa, sim, ver se ele respeita a linha de liberalismo que definiu na sua fase de conquista do eleitorado.

*

RAROS livros aparecem entre nós com o alto nível especulativo e crítico, a vasta e profunda informação, e até com a humildade (que é fruto de saber e interioridade) deste ensaio de Óscar Lopes «Ler e Depois», que compila textos vários, alguns deles absolutamente notáveis, como os que se referem a D. Francisco Manuel de Melo (como protagonista dos seus textos e como espécime de uma época e formação social), ou o romance «Grande Sertão Veredor» de Guimarães Rosa que realiza uma possibilidade moderna do grande poema épico.

O almirante Américo Thomaz junto do almirante Fluckey, do Comiberlant, durante a visita ao aquartelamento de Rio de Mouro

«O mar é o laço mais forte que une a Aliança Atlântica» — disse o almirante Fluckey esta manhã no Comiberlant

No âmbito das comemorações do 20.º aniversário da assinatura do tratado do Atlântico Norte, o Presidente da República visitou, esta manhã, o quartel-general do Comando da Área Ibero-Atlântica, provisóriamente instalado em Rio de Mouro.

Acompanharam o Chefe do Estado os ministros da Defesa, do Exército e da Marinha, secretário de Estado da Força Aérea, o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, os chefes do Estado-Maior dos três ramos das Forças Armadas, etc.

A sua chegada á Comiberlant, o sr. almirante Américo Thomaz foi recebido pelo almirante Engene B. Fluckey, que fez o elogio dos marinheiros e considerou «o mar o laço mais forte que une a Aliança Atlântica».

Daí a momentos, um oficial convidava, os jornalistas a abandonarem a sala em que decorria a cerimónia. Cá fora, aviões da Base Aérea 1, de Sintra, sobrevoavam o aquartelamento.

Trânsito mais fácil na Praça do Saldanha

Estão já abertas ao transito as duas novas faixas de rodagem construídas á beira da estátua do Duque de Saldanha, na praça do mesmo nome.

As obras, começadas há poucos meses, fizeram-se em bom ritmo, contràriamente ao que costuma suceder nesta Lisboa que já foi de sete colinas. Deste modo, a ligação entre as avenidas Fontes Pereira de Melo e da Republica faz-se, agora, com maior facilidade e rapidez.

Entretanto, prosseguem os trabalhos de arranjo da placa central da praça, em forma de quarto crescente (ou minguante...), a qual se prevê venha a ser ajardinada.

Obras (nocturnas) na Avenida da Liberdade

Também a maltratada Avenida da Liberdade está a ser objecto de cuidados camarários: ontem á noite, sem ninguém o esperar, vinte operários e meia duzia de possantes máquinas começaram a tratar-lhe do piso. O pavimento começou a ser parcialmente removido e logo substituído por alcatroado semelhante ao da Avenida Fontes Pereira de Melo.

Pela manhã, foram interrompidos os trabalhos, que hão-de continuar nas próximas noites. Os buracos vão acabar. Alegremo-nos...

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos ultimos modelos
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

REUNIU-SE O PESSOAL SUPERIOR DA C.P.

Na sala do conselho da administração da C. P., reuniu-se ontem o pessoal superior da empresa, para assistir a mais um ciclo de palestras.

Falaram o coronel Fernando Valença, administrador, e os drs. Alfredo Franco e Cordeiro Pereira, estes chefe e subchefe dos Serviços Médicos, respectivamente.

O primeiro orador referiu-se ao novo regime da previdência e assistência médica e medicamentosa, recentemente introduzido no caminho-de-ferro; o segundo falou sobre a organização dos Serviços Médicos face á nova reorganização das estruturas da C. P. e o terceiro abordou o tema da «surmenage» dos dirigentes ferroviários.

A reunião foi presidida pelo dr. Neto de Carvalho.

M/6 anos
CAMPO PEQUENO
HOJE, ÀS 21,30 HORAS
CORRIDA DE GALA
À ANTIGA PORTUGUESA
A FAVOR
DA LIGA PORTUGUESA CONTRA O CANCRO
A QUE SE DIGNA ASSISTIR O SENHOR
PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Concurso de ganadarias
7 TOIROS dos HERDEIROS DO CONDE DE CABRAL, ENG. JOAQUIM GRAVE, SOCIEDADE AGRÍCOLA DE RIO FRIO, DAVID RIBEIRO TELLES, MANUEL & MÁRIO VINHAS, JOSÉ PEDROSA E CONDE DE MURÇA, que faz a estreia da sua ganadaria
(O juri é constituído pelos críticos da especialidade)
Cavaleiros
MANUEL CONDE - PEDRO LOUCEIRO - RIBEIRO TELLES
MALDONADO CORTES - ALFREDO CONDE - FREDERICO CUNHA
e o rojoneador MORENO PIDAL
FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
comandados por José Manuel Soutto Barreiros
(Telefs.: 77 18 19, 76 15 39, 32 17 12 e 3 07 69)

CIESA-NCK 5-12
Ford á fre
Ford 17M - o carro
FORD 17 M
A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD
EM LISBOA
STAND MODERNO Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A - Telef. 4 96 69 — R. João Saraiva, 15 (Alvalade) - Telef. 71
JÓIAS
Antigas e modernas. Compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 225
Pasta Medicinal Couto
Evita e [illegible] doenças da boca

Q EX-REI DE ITÁLIA PARTIU PARA NICE E ASSISTIRÁ AO CASAMENTO DA FILHA

Seguiu hoje para Nice o ex-rei Humberto de Itália, que vai assistir naquela cidade francesa ao casamento de sua filha Maria Gabriela com o milionário Roberto de Baltrany, que será celebrado no próximo sábado.

Foi aliás no avião particular do futuro genro que o ex-soberano partiu esta manhã do aeroporto da Portela. Entretanto, sabe-se que Roberto Baltrany, que esteve recentemente em Lisboa, frequentou festas e reuniões a que Humberto não compareceu, embora tenha sido convidado.

Também já seguiu para Itália o padre salesiano Francesco Ipoane, professor de História da Filosofia da Escola Salesiana do Estoril, que vai presidir á cerimónia nupcial.

REUNIÃO DO CURSO JURÍDICO (LISBOA) DE 1934/39

Nos dias 26, 27 e 28, decorre uma reunião do curso jurídico de 1934-39 da Faculdade de Direito de Lisboa.

As inscrições podem fazer-se no escritório do dr. Francisco Bahia dos Santos, no Largo da Biblioteca, 16, telefone 327588.

Torre de Babel

por João Medina

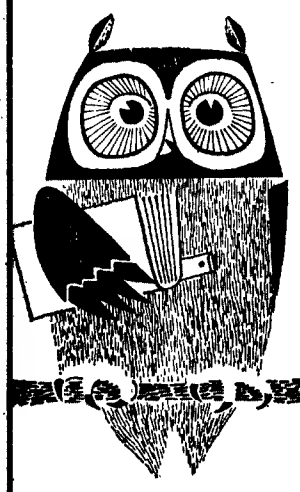
Reflexões (apolíticas) sobre uma Primavera defunta: A FESTA OU A SESTA?

A MEDIDA QUE, a pouco e pouco, a França inteira resvala para o conservadorismo e que o ardente mês de Maio-68 vai entrando na lenda, nos livros e, portanto, nas prateleiras das bibliotecas, à medida que a hipótese de novas e «terríveis esperanças» (Rimbaud) se dilui no azul da Utopia ou no cinzento-chumbo destes dias, destas semanas e destes meses seguidos sem sol e sem alacridade, à medida que todos os gritos, imprecações, palavras-de-ordem, inscrições murais e outras flores de retórica e da mitologia da passada Primavera se esbatem, esgarçam, desbotam, murcham, secam e vão sendo recolhidas, uma a uma, pelos contabilistas da História, pelos entomologistas do Exótico ou ainda pelos herbanários da Esperança, à medida que a palidez do céu e o fúnebre cortejo dos dias destila e deixa cair sobre este hexágono os filtros do conformismo, uma grande sonolência alastra pelo país de lés a lés, invade a Bretanha, atravessa o território, desce as cristas dos Vosgos, inunda a Alsácia e dissolve-se lentamente nas águas do Reno.

Sonolência? Tédio? Há pouco mais de um ano, sentados em frente desta mesma máquina, escrevia eu que a França se entediava; estávamos então em fins de Abril. Depois foi o que se sabe. Hoje, passado o primeiro e triste aniversário de Maio-68, escondidos nos sotãos das ideias e das casas as bandeiras rubras e negras, a França reencontra a paz e, com ela, o tédio. Mas será o Tédio um mal, o Mal? Não me atrevendo a pronunciar sobre questão tão metafísica, contento-me em constatar que o Tédio voltou, que a França boceja e se aborrece mortalmente, apesar de várias tentativas de a entreter com jogos eleitorais e com a álgebra das sondagens à opinião pública, jogos que parecem sobretudo não entusiasmar ninguém nestas paragens renanas. A França joga à bisca, lê o jornal da tarde, aposta no «tiercé» (o «Totobola» hípico), vai às compras ao supermercado da esquina, coleciona tampas de refrigerantes e rótulos de doces em lata, folheia os catálogos de venda por correspondência, escuta distraidamente a cotação do ouro na bolsa de Paris, deposita todos os fins do mês na Caisse d'Epargne o pé-de-meia tradicional, assiste impassível aos grandes traumatismos do mundo de hoje, chega mesmo ao verdadeiro paroxismo abúlico de ver um Bonaparte tombar num Waterloo eleitoral sem pestanejar, sem um treno ou um hossana de júbilo, sem uma lágrima ou um sorriso.

Como a «Melancholia» da célebre gravura de Dürer, a França deste mês de Junho-1969 assiste apática ao desfile de maravilhas, tormentas, banalidades, estridências e uivos do Processo Histórico. Os americanos preparam-se para anexar a Lua? O Concorde ergue-se no céu como um triângulo de prata? As armas ladram no Médio Oriente ou em Africa? A França boceja e continua a jogar à bisca. Um grupo de diplomatas sentados depois do almoço em torno de uma mesa decidem da guerra e da paz no Sudoeste asiático? Os cavaleiros do Apocalipse foram vistos no Biafra ou no Laos? A França não cuida dessas notícias; o francês tricota, economiza, gasta, poupa, compra, vende, importa, exporta. Como o diria um escritor francês nascido na Argélia, saudoso dos ardores e dos fulgores dos céus africanos: «La France veut se gorger de béatitude et de sécurité.» Precisamente: como um jogador de bisca ou um piqueniquista no Bois-de-Boulogne, o habitante médio deste país quer sobretudo quietude e felicidade, não o êxtase, a volúpia atormentada ou o desespero criador das grandes horas dos outros Maios passados. Não, o símbolo da França não está exactamente no Rimbaud do «barco ébrio» nem no jovem e divino Saint-Just da Grande Revolução; nem sequer nas cóleras e na audácia das multidões de Paris em Agosto de 92 ou em Maio de 1968. Não. Em vez da «festa» como a entendiam Robespierre e os jovens do bairro latino, a França prefere a sesta, como a concebia o prudente sr. Homais. A sesta, ou seja, uma espécie de domingo eterno, de infindável partida de bisca no Café du Commerce. Quer o queiram quer não, é isto o que o francês realmente deseja, mal-grado o vociferar ou o ranger de dentes de quantas Cassandras se agitam ainda pelo hexágono fora.

Estrasburgo, Junho de 1969.



fracasso não é comigo!

Estudo é um trabalho intelectual complexo que exige esforço e concentração, implicando o desgaste do sistema nervoso.
Para que o estudo renda é necessário que as células nervosas estejam em condições de produzir. Se não estão a receber toda a proteína e fósforo de que necessitam para se reconstituir, o sistema nervoso desiquilibra-se e todo o trabalho será vão.
Sanatogen é o alimento que fornece às células nervosas toda a proteína concentrada, fósforo orgânico e vitaminas que elas necessitam, mantendo assim o equilíbrio e a eficiência.

Por isso,
com Sanatogen não há fracasso!

Sanatogen
THE PROTEIN NERVE TONIC

diese PRODUTOS DIETÉTICOS, LDA. – Av. da República, 46 r/c – LISBOA 1

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)
FUNDADA EM 1870

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

frente em elegância
ro concebido para si
2 e 4 portas e Station (5 portas)
Ford 17 M
Ford
Telef. 71 10 66 • LINCURI Av. da República, 32-A - Telef. 77 70 91

E
EMERSON
A marca de qualidade
FRIGORÍFICOS DE LUXO A PREÇOS NORMAIS
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
43 Rua dos Douradores, Telef. 361763, LISBOA

néctar de maracujá
bebida de mesa sempre agradável, natural e revitalizante rica em ferro e vitaminas A e C
agora disponível em dois tipos, normal e não açucarado, este especial para diabéticos, hepáticos, gastro-intestinais e para dietas com baixo teor de açúcar.

Pedidos à diese
Av. da República, 46 r/c – Tel. 76 71 41 – Lisboa 1

ita
oca PORQUE É MEDICINAL

No TORTOSENDO o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na LIVRARIA E PAPELARIA CENTRAL — Praça Almeida Garrett.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

OS EXAMES DO ENSINO LICEAL

1.º ciclo — 1.ª chamada

Prova escrita de Língua e História Pátria

Repetimos, a seguir, o ponto de Língua e História Pátria (1. ciclo), que ontem publicámos na nossa edição da noite. Damos também agora a respectiva solução.

TEXTO

Grande, pacífico e gordo, tinha uma cara vermelhusca, um largo riso amarelo e longas farripas de cabelo loiro, jamais penteado caídas pela testa baixa, até os pequeninos olhos castanhos infantis e gulosos...

Era de Ilhavo e trouxera para o mar trsê coelhos vivos: dois para preparar a ceia pascal e um terceiro disponível, para um qualquer dia... hoje, por exemplo Assim foi. E combinou o festim com o Chibante e outros da mesma terra. Ora, quando se preparava para sacrificar o coelhito este, dum salto, conseguiu escapulir-se ..

Perseguido pelos cães do navio o Tódi á frente, e, logo depois, pelos homens ululantes, o pobre bicho, espavorido, atravessou o barco da proa para a ré e foi esconder-se, mesmo ao pé de mim, entre duas barricas de carne salgada Ninguém viu. Só o Tódi Eu agarrei o animalzito aflito meti-o debaixo do blusão e, calmamente, atravessei a ré. por entre os homens do convés, todos empenhados em procurar o coelho .

Percebi mais tarde que era uma fêmea e dei-lhe o nome de Gigi. Ela é tão graciosa, tão afectiva e peludinha que, estou disso certo, também vocês me aprovariam, se a vissem!...

Já tenho a Gigi no meu camarote há mais dum mês: acostumou-se comigo e vivemos em feliz camaradagem.

Agora mesmo, está ela no meu colo a roer sôfregamente um talo que, com algum esforço, consegui roubar na cozinha...

Ela pára por momentos de roer a couve, olha-me muito atenta e, naquele seu jeito habitual de levantar os bigodes ao franzir o lábio superior, mostra-me dois grandes e cómicos incisivos...

— Tu ris, Gigi?!

Como que envergonhada, baixou logo o focinhito e continuou a roer nervosa, apressada...

Quem nunca me perdoou foi o Tódi: ele viu, ele sabe! Se, por acaso, nos encontramos, o cão sempre rosna um bocado, olhando-me hostil, nitidamente zangado

Quanto ao dono da Gigi, o tal gordo de Ilhavo, também não mais foi para mim o que antes era: há qualquer coisa, um pressentimento, uma quase suspeita...

BERNARDO SANTARENO

I

1 — Como reagiram o dono da coelha e os seus companheiros, quando a viram escapulir-lhes?

2 — Ao qualificar de «ululantes» os homens que perseguiam o pequeno animal, o escritor parece olhá-los com simpatia ou antipatia? Porquê?

3 — Como julga a atitude do tutor para com a coelha? Justifique

4 — Que atitudes tomam, depois, o cão Tódi e o homem gordo de Ilhavo para com aquele que defendeu «o animalzito aflito»?

5 — Que impressão lhe deixou a leitura deste conto? Indique as razões da sua resposta.

II

6 — Os adjectivos podem ser determinativos e qualificativos. Como se classificam os que se encontram no primeiro parágrafo? Porquê?

7 — No texto encontra-se a expressão «até aos pequeninos olhos castanhos». O seu significado seria o mesmo se se dissesse «até aos pequenos olhos castanhos»? Justifique.

8 — Qual é a função do advérbio em relação ao verbo? Justifique a sua resposta com as expressões: «e calmamente atravessei a ré» e «o cão sempre rosna».

9 — Com que substantivo concorda a forma adpectiva «Perseguido»? Qual a função que desempenha na oração de que faz parte?

10 — a) Indique e classifique as proposições do primeiro período do quarto parágrafo.

b) Analise sintácticamente: «Percebi mais tarde que era uma fêmea».

III

Redacção

Certamente todos têm par contar um caso passado com um animal. Experimente contá-lo com o pormenor que lhe seja possível e usando a expressão que ache mais conveniente

SOLUÇÃO

1 — Perseguiram-na, aos gritos, pois não queriam perder o pitéu que para eles a coelha representava.

2 — O escritor parece olhá-los com antipatia, mas uma leitura mais atenta revela-nos que, a par da profunda sensibilidade que o leva a proteger e adoptar a coelhinha, ele compreende também, com irónica indulgência, a atitude dos pescadores.

3 — É a atitude terna e protectora de uma pessoa a quem todo o ser vivo inspira amor. Além disso, a situação do bicho acossado predispõe-no á piedade. As palavras *espavorido* e *aflito* caracterizam um estado de pânico do animal que comove o escritor. Quanto ao seu sentimento de ternura, que ele deseja tornar extensivo aos leitores, exprime-se do seguinte modo: «Percebi mais tarde que era uma fêmea e dei-lhe o nome de Gigi. Ela é tão graciosa, tão afectiva e peludinha que, estou certo disso, também vocês me aprovariam, se a vissem!...»

4 — O cão Todi, que presenciou o salvamento da coelha, toma uma atitude de aberta hostilidade para com o escritor, enquanto o homem gordo de Ilhavo apenas exprime, através de uma frieza desconfiada, a suspeita de que tenha sido ele quem o privou de se regalar com o «animalzito aflito».

5 — Este conto é comovedor e exemplar. Através do caso da coelha subtraída pelo escritor à morte que a esperava, traduz-se uma generosa visão do mundo, em que predomina o instinto de defesa dos fracos e oprimidos.

II

6 — Grande, pacífico, gordo, vermelhusca, largo, amarelo, longas, loiro, baixa, pequeninos, castanhos, infantis e gulosos qualificam substantivos, enquanto os adjectivos verbais penteado e caídas definem atitudes, referem-se á acção verbal. Adjectivos próprìamente determinativos, ou seja, pronomes adjunto, não os há neste texto.

7 — Não. O emprego da forma diminutiva dá à frase uma maior carga afectiva, acentuando o sentimento de piedade pela vítima da perseguição.

8 — É o verbo que na proposição exprime a acção. O advérbio acrescenta a essa acção circunstâncias complementares de modo, tempo ou lugar. Define-a portanto. *Calmamente* (complemento circunstancial de modo) diz-nos como atravessou o escritor a ré do navio. Na segunda oração o advérbio *sempre* exprime o tempo: o cão rosna todas as vezes que encontra o defensor da coelha.

9 — Concorda com *bicho*. Desempenha a função de atributo.

10 — a) Percebi mais tarde — preposição principal; que era uma fêmea — proposição integrante;

e dei-lhe o nome de Gigi — proposição coordenada à principal copulativa sindética.

b) 1.ª proposição — sujeito: eu; predicado: percebi; complemento directo: a oração seguinte (que era uma fêmea); complemento circunstancial de tempo: mais tarde.

2.ª proposição: sujeito: ela (a coelha); predicado: era uma fêmea (sendo *uma fêmea* o nome predicativo do sujeito).

III

Cada aluno faz a redacção consoante a sua experiência, imaginação, gosto literário e capacidade de coordenação de ideias, pelo que é impossível apresentar-se um modelo.

1.º ciclo — 1.ª chamada

Prova escrita de Francês

Vous allez connâtre Poum, un petit garçon très gentil mais un peu étourdi, qui, en ce moment, joue dans son jardin.

Poum se balance au trapèze. Ses pieds vont frôler les feuilles du platane. Il est très fier. Sa maman le regarde, elle l'admire, pas trop rassurée.

— Pas si fort, Poum!

Il se lance plus énergiquement. Boum! la culbute! Poum tombe. Le menton fendu par une pierre, il s'évanouit. Sa maman l'emporte, elle crie, elle a du sang dans sa robe claire.

— Courez chercher le docteur!

On lave le menton de Poum, il crie. Depuis qu'il a vu ouverte sur une table, la trousse du docteur, les petits couteaux, les ciseaux, les pinces, il est persuadé que tous ces couteaux, tous ces ciseaux, toutes ces pinces n'attendent qu'une occasion pour le dépecer.

Il a l'air terrible ce médecin.

— Voyons un peu! — dit-il.

Et contenant Poum qui pousse des cris, il explore la profondeur de la déchirure.

Un lavage, une application de taffetas gommé, un mouchoir fixé en bandeau autour de la tête de Poum.

C'est tout: est-ce possible? O joie! Il referme la trousse, et, regardant Pierre, cet homme terrible qui n'a pas dit trois mots, déclare:

— Pour permettre aux bords de la coupure d'adhérer rapidement, il faut éviter l'effort de la mastication et donner à cet enfant des choses liquides ou fondantes; des gelées de viande — aimez-vous les geléas, mon ami? — (si, Poum les aime!...) et des crèmes au café ou au chocolat. Aimez-vous les crèmes, mon ami? Poum les adore. C'est délicieux. Poum ne regrette plus son accident.

Paul et Victor Margueritte

«Poum»
(adapté)

I

Répondez par des phrases complètes au questionnaire suivant:

a) Quels sont les personnages de cette scène?

b) Poum a souffert un accident. Lequel?

c) La maman qu'a-t-elle fait quand elle a voulu transporter Poum qui était évanoui?

d) Qui a été appelé d'urgence?

e) Qu'est-ce qui a provoqué la terreur de l'enfant?

f) Indiquez le moment le plus douloureux de la consultation.

g) Le garçonnet a-t-il aimé ce que le docteur lui a prescrit comme régime alimentaire? Pourquoi?

h) Expliquez le choix du docteur.

i) Quel était l'état d'esprit du petit après la consultation?

II

Lisez les morceaux suivants et copiez-les en faisant les modifications signalées.

A. *Remplacez les tirets par les formes verbales convenables:*

La maman a immédiatement appelé le médecin. Enfin il — — (*«arriver»*). Quant à la trousse du docteur, Poum l'— — (*«contempler»*) très inquiet. Les petits couteaux, les ciseaux qu'il — — (*«voir»*) l'— — (*«couvrir»*) de sueur. Heureusement il — —(*«entendre»*) des prescriptions vraiment agréables.

B. *Complétez le passage suivant au moyen d'adjectifs determinatifs et de pronoms:*

A présent, Poum doit être sage et doit bien — alimenter. Il — pense avec plaisir et sourit. — maman — regarde, elle — est contente. Tout à l'heure viendront — petits amis et — conversations seront très agréables. Ils demanderont ce — s'est passé. Après — accident, Poum — sent un petit héros.

III

Poum est malade et alors sa petite cousine Colette vient le visiter. Comme la maman de Poum veut faire une belle fête au jardin et y donner un bon goûter aux enfants, quand son petit sera guéri, ils en parlent.

Dans *un petit dialogue* (10-15 lignes) vous reproduirez leur conversation.

SOLUÇÃO

I

a) Ce sont: le petit Poum, sa maman et le médecin.

b) Poum tombe du trapèze.

c) Tout en l'emportant, la maman crie, elle a même du sang dans sa robe.

d) Ce fut le docteur.

e) L'enfant crut que la trousse du docteur, les petits couteaux, les ciseaux et les pinces allaient le dépécer. Voilà sa terreur

f) Le moment où le docteur explore la profondeur de la déchirure.

g) Oui. Il s'agissait, en effet, d'un régime qu'il aimait, habituellement.

h) Ce choix obéit, probablement, à deux raisons: d'abord, pour permettre aux bords de la coupure d'adhérer rapidement; ensuite, pour plaire au petit blessé.

i) Poum ne regrette plus son accident.

II

A — La maman a immédiatement appelé le médicin. Enfin, il *est arrivé*. Quant à la trousse du docteur, Poum *l'a contemplée* très inquiet. Les petits couteaux, les ciseaux qu'il *a vus l'ont couvert* de sueur. Heureusement il *a entendu* des prescriptions vraiment agréables.

B — A présent, Poum doit être sage et doit bien s'alimenter. Il *y* pense avec plaisir et sourit. *Sa* maman le regarde, elle *en* est contente. Tout à l'heure viendront *ses* petits amis et *leurs* conversations seront très agréables. Ils demanderont *ce qui* s'est passé. Après *cet* accident, Poum *se* sent un petit héros.

III

Colette — Délicieuse, cette idée de tante Louise. Une fête au jardin! Du monde, un bon goûter, une robe neuve! Mes compliments, Poum, pour ta petite blessure!

Poum — Merci, Colette! Je me sens vraiment orgueilleux, presque un héros! Vous avez été tous si gentils. Il faut que je vous prépare à mon tour, un cadeau à moi.

Colette — Ne te ruine pas pour nous, mon cousin.

Poum — Ma petite chérie, je te remercie bien de ton souci. Mais, mon cadeau ne sera pas acheté et je suis sûr qu'il vous plaira, quand même.

Colette, les yeux brillants de joie, interroge Poum Qu'est-ce que cela peut bien être? Pourquoi ne pas lui expliquer ce secret, à elle seule? Poum adore la petite. Désarmé, il lui confie son projet.

Poum — En bien, Colette, la surprise que je vous prépare je la demanderai à une voix très douce que j'écoute parfois: celle de la Poésie.

3.º ciclo — 1.ª chamada

Prova escrita de Latim

Repetimos, a seguir, a solução do ponto de Latim (3.º ciclo), que publicámos ontem na nossa segunda edição e na edição da noite.

SOLUÇÃO

1) A expressão «expugnaturum se urbem» é uma oração subordinada integrante substantiva de forma infinitiva, por estar dependente dum verbo sensitivo; o sujeito é o acusativo «se», o predicado «expugnaturum» (esse) e «urbem» o complemento directo.

2) «Senatum» está em acusativo do singular. É um complemento circunstancial de lugar para onde sem a preposição, por esta já estar expressa na composição do verbo — «adit».

3) É um ablativo absoluto oracional, com o seu elemento predicado — «abdito» e elemento sujeito «ferro».

4) «Daretur» está no modo conjuntivo, porque é predicado duma oração subordinada circunstancial causal de «cum»; «agnet» encontra-se igualmente no modo conjuntivo por ser predicado duma oração coordenada cupulativa sindética à oração causal.

5) «Animi» está em genti-

(Continua na página seguinte)

EXAMES PARA AMANHÃ

ENSINO LICEAL

1.º ciclo — 1.ª chamada

(20 de Junho, 6.ª-feira)

Ciências Geográfico-Naturais — 15 horas (90 minutos)

Desenho Geométrico — 17 h. (120 minutos)

OBS. — Para as provas de Ciências Geográfico-Naturais e Desenho o aluno deve levar o material que recomendámos anteriormente para Matemática, Desenho, L. H. Pátria e Francês.

Na prova de Desenho Geométrico antes de iniciar o desenho, leia com atenção todo o ponto e procure compreender a figura. Note as alturas máximas do desenho. É permitido o uso do curvilíneo.

3.º ciclo — 1.ª chamada

História e Ciências Naturais — 9 horas (90 minutos cada)

Francês e Alemão — 11 horas (90 minutos cada)

OBS. — É permitido o uso do dicionário.

NOVOS CURSOS
EM CLASSE E LABORATÓRIO
cial
CENTRO DE LÍNGUAS
R. D. Estefânia, 48
Tel. 53 37 33
EXTERNATOS
Av. da República, 83
77 90 47 e 76 96 20
CRISFAL
INSTITUTOS
LICEU — 2.ª ÉPOCA

SÁ MIRANDA
EXTERNATO LICEAL E PRIMÁRIO
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 — LISBOA

OS EXAMES DO ENSINO LICEAL

(Continuação da pág. anterior)

tivo do singular dependente do advérbio de quantidade «minus».

6) Porsena tinha esperança que conquistaria a cidade, quando Caio Múcio, jovem nobre, resolveu primeiro, por sua livre vontade, penetrar no acampamento dos inimigos e em seguida dirigiu-se ao senado e disse: «Ó senadores, quero atravessar o Tibre e entrar no acampamento dos inimigos».

Os serradores aprovam. Escondida uma arma no vestuário, parte. Logo que ali chegou, parou junto do tribunal real, no meio duma multidão muito densa. Aí, como por acaso se pagasse o soldo aos soldados e um escriba sentado com o rei e com um trajo quase igual, se ocupasse de muitas coisas, mata-o em vez do rei.

Como, feita uma correria em direcção aos brados, os guardas reais o tivessem levado preso, então até mais para temer do que temendo disse: «Não tenho menos coragem para morrer, do que tive para matar.»

II

1) Dixit se transire Tiberim et intrare castra hostium velle.

2) Cum concursus ad clamorem fieret (ou factus esset).

3) Mucius Porsenam, Romanorum esse magnas difficultates ferre vincereque, intelligere et corpus pro nihilo (ou nihili ou até nihil) esse eis qui magno proposito inflammarentur, voluit.

4) Tito Lívio foi um historiador do século de Augusto, época de entusiástico patriotismo, e como tal elaborou uma história, cuja finalidade principal era exaltar os feitos romanos, coincidindo assim com o objectivo do poeta Virgílio, seu contemporâneo, ao realizar o poema épico «A Eneida».

3.º ciclo — 1.ª chamada
Prova escrita de Geografia

Repetimos, a seguir, o ponto e solução de Geografia (3.º ciclo) que ontem publicámos na nossa edição da noite.

I

Cosmografia

1 — *a)* Faça um desenho representativo da esfera celeste para um lugar situado a 23º 27' de latitude do hemisfério onde está fazendo exame, e que sirva para explicação da desigualdade de duração dos dias e das noites.

b) Diga que relação de grandeza há entre o dia e a noite, naquela latitude, nas datas dos equinócios e dos solstícios.

2 — Indique os valores das coordenadas absolutas do Sol nos equinócios e nos solstícios.

II

Geografia Física

1 — Ao estudar a influência da exposição geográfica na distribuição da temperatura, encontrou referência a «encostas soalheiras».

Diga o que são e justifique o facto.

2 — Cite dois tipos de nuvens e caracterize-os.

3 — Brisas e monções são ventos periódicos.

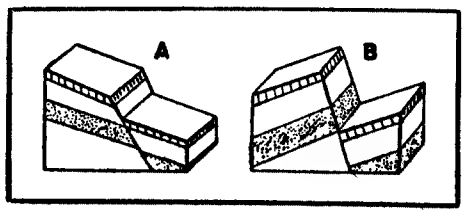
a) Por que razão se denominam assim?

b) Refira-se à semelhança de processos que as originam.

4 — Que entende por «inversão de relevo»? Exemplifique.

5 — Que diferença existe entre meandros divagantes e meandros encaixantes?

6 — *a)* Classifique e caracterize as formas estruturais representadas na figura.



b) Aquelas formas podem, em determinadas circunstâncias, resultar de movimentos orogénicos. Explique porquê.

III

Geografia Humana

1 — Em que consiste o género de vida agrícola seminómada ou itinerante?

2 — Indique **três** razões económicas para o estabelecimento de indústrias transformadoras numa região.

IV

Geografia de Portugal

Desenvolva o tema a seguir indicado, orientando a sua exposição pelas respectivas alíneas:

População das Províncias Ultramarinas

a) Regiões do ultramar português mais propícias á fixação humana.

b) Emigração metropolitana para os territórios ultramarinos; seu significado.

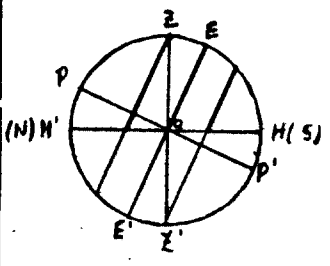
c) A imigração estrangeira: vantagens e inconvenientes.

SOLUÇÃO

I

Cosmografia

1 — *a)* EOZ = 23º 27'



b) Nos equinócios — 21 de Março e 23 de Setembro — a declinação do Sol é igual a 0, visto este astro descrever a circunferência do Equador; logo o dia é igual à noite.

No solstício de Junho, a declinação do Sol é igual à latitude do lugar de observação, 23º 27' N, e o dia é maior do que a noite.

No solstício de Dezembro, a declinação do Sol é igual, mas de sinal contrário, à latitude do lugar de observação, 23º 27' S; logo o dia é menor do que a noite.

2 — As coordenadas absolutas do Sol têm os seguintes valores:

Equinócio de Março:
ascensão recta = 0º
declinação = 0º

Equinócio de Setembro:
ascensão recta = 180º
declinação = 0º

Solstício de Junho: Ascensão recta: 90º; declinação: + 23º 27' (máxima).

Solstício de Dezembro: ascensão recta = 270º; declinação = − 23º 27' (mínima).

II

Geografia Física

1 — No hemisfério norte, os lugares acidentados, a latitudes superiores à do Trópico, apresentam condições de aquecimento diferentes, conforme as encostas estejam viradas a sul ou a norte. As primeiras são mais fortemente aquecidas, por oferecerem aos raios solares superfícies de pequena ou nula obliquidade; são, por isso, as «encostas soalheiras». Idêntico facto se verifica pelas mesmas razões nas encostas viradas ao norte, no hemisfério sul.

2 — Entre os 10 tipos de núvens considerados internacionalmente, podemos citar:

Cirros — núvens altas (entre 8000 e 11 000 metros), formadas de cristais de gelo. São brancas e anunciam mau tempo e tempestades.

Estratos — núvens baixas, a alturas inferiores a 1000 metros. Dispõem-se em faixas paralelas e horizontais, como que estratificadas. Normalmente, anunciam bom tempo.

3 — a) As brisas e as monções são ventos periódicos, porque, periòdicamente, invertem as suas direcções dominantes.

b) Todos os ventos resultam do desequilíbrio das pressões atmosféricas.

Porém, no caso das brisas e das monções, verifica-se uma alternância periódica na localização das zonas de altas e baixas pressões, resultante das diferentes condições de aquecimento dos mares e continentes.

Assim, no Verão, um continente fortemente aquecido opõe-se a um oceano que o está muito menos e sobre o qual, portanto, se situam zonas de alta pressão; o vento, monção marítima, sopra do mar para terra. No Inverno, a situação inverte-se e sopra a monção terrestre.

Também junto ao litoral, a qualquer latitude, há, durante o dia e durante a noite, um desequilíbrio local de pressões que origina a brisa marítima (de dia) e a brisa terrestre (de noite).

4 — Verifica-se uma «inversão de relevo» quando a morfologia do solo não corresponde à estrutura. É o caso, por exemplo, dos anticlinais esventrados pela acção erosiva das águas correntes (erosão normal) e que se assemelham a verdadeiros sinclinais. É muito característico do relevo jurassiano, com os seus vales anticlinais e os sinclinais alcandorados.

5 — Os rios que correm pelas planícies de nível de base deslocam-se lentamente, descrevendo curvas mais ou menos acentuadas que se deslocam e alteram ao longo dos tempos — são os meandros divagantes.

Nas zonas montanhosas, em que os rios correm entre margens côncavas, cortadas a pique, e convexas, levemente inclinadas, dispostas alternadamente de um lado e outro, há igualmente meandros, sinuosos, mais encaixados nas altas vertentes.

6 — a) A — Falha normal; B — Falha inversa.

As falhas resultam da separação dos estratos por quebra de continuidade, resultantes da acção de forças que os fracturam. No caso da falha normal, a fractura deu-se no sentido em que as camadas se dispunham. No caso da falha inversa, a fractura verificou-se em sentido contrário à inclinação natural dos estratos.

b) Os movimentos orogénicos originam o cruzamento dos estratos mas, como a elasticidade destes tem limites e é variável consoante a sua natureza, pode chegar a dar-se a sua ruptura e originarem-se, portanto, as falhas ou fracturas

III

Geografia Humana

1 — O género de vida agrícola seminómada ou «itinerante» encontra-se entre alguns povos das florestas equatoriais e tropicais, nas savanas e nas estepes quentes. Caracteriza-se genèricamente pelo seguinte:

Antes do começo das chuvas, procede-se á «queimada» de uma certa área préviamente escolhida e onde, se se trata de floresta, foram primeiro derrubadas as árvores; a terra é, em seguida, ligeiramente revolvida com instrumentos rudimentares para melhor se espalharem as cinzas da queimada, unico fertilizante do solo; procede-se finalmente á sementeira, em regime de policultura, tendo por base um cereal (milho e milho miudo) ou um tubérculo (mandioca por exemplo). Ao fim de dois ou três anos, a terra está esgotada e é necessário abandoná-la a um pousio, por vezes de muitos anos. As populações deslocam-se então para outras zonas, onde vão proceder de igual modo.

2 — O estabelecimento de industrias transformadoras pode depender de vários factores, mas são normalmente razões dominantes: a existência de mão-de-obra, de fontes de energias e a existência de uma rede de comunicações eficaz e económica.

Geografia de Portugal

As províncias ultramarinas portuguesas, na sua quase totalidade situadas no continente africano, apresentam variadas, consoante a latitude e, principalmente, a natureza e forma do relevo. De facto, é a altitude que, em muitos casos, condiciona o clima e, tratando-se de regiões tropicais, o atenua e torna mais semelhante aos climas temperados, aqueles a que o homem branco está, nauralmente, adaptado.

É precisamente o que se verifica nos altos planaltos de Angola e Moçambique e até nas zonas elevadas da longínqua Timor.

Mas, uma emigração metropolitana devidamente planificada, não pode pôr igualmente de lado as zonas de grande altitude das ilhas cabo-verdianas e de S. Tomé.

No entanto, e apesar das evidentes condições favoráveis á colonização europeia, só um tanto tardiamente os portugueses da Metrópole começaram a dirigir-se em numero avultado para os nossos territórios de além-mar.

A princípio, a colonização incidiu principalmente sobre as orlas litorais, nomeadamente de Angola e Moçambique onde as cidades-portos de grande desenvolvimento comercial atraíam os emigrantes. No entanto, desde há cerca de 10 anos o numero de emigrantes tem aumentado extraordináriamente e a sua distribuição por zonas altas do interior não é, de certo, alheia ao surto de desenvolvimento económico que as províncias atravessam.

A par de uma colonização livre, infelizmente ainda diminuta, há a colonização dirigida e financiada pelo Estado que, embora onerando bastante o orçamento, é indispensável em se tratando de emigrantes da camada rural, de muito fraco potencial económico. Com esse fim se criaram os colonatos, dos quais pode citar-se o do Limpopo, em Moçambique, como um modelo de colonização moderna.

Evidentemente, a emigração dos metropolitanos é indispensável ao desenvolvimento das províncias de África, de fraca densidade populacional (Angola ainda não atingiu os 4 habitantes por km 2) e é igualmente uma via de solução ao descongestionamento de algumas áreas rurais superpovoadas da Metrópole, como o Noroeste, ou de fracos recursos económicos, como as terras planálticas de Trás-os-Montes e Beiras interiores.

A necessidade de quadros, imperiosa no desenvolvimento industrial do Ultramar tem levado igualmente ao apelo á imigração estrangeira, sobretudo tratando-se de técnicos e especialistas de várias matérias. É claro que a contribuição estrangeira, no campo dos conhecimentos e até dos capitais pode ser muito util, é talvez mesmo indispensável, mas há que usar de prudência, já que um aumento considerável de colonos não portugueses pode vir a comprometer a assimilação e a integração das populações nativas, algumas ainda naturalmente muito atrasadas, na cultura portuguesa. Isto é, um numero exagerado de residentes estrangeiros pode pôr em perigo a unidade real dos territórios portugueses e, por consequência, a liberdade de cada uma das suas parcelas.

Infelizmente, embora se trate de casos esporádicos já houve que lamentar a acção pouco digna de alguns desses residentes.

De tudo o que se disse, pode concluir-se: o ideal será, a par da formação das populações locais e da sua melhoria económica, fomentar a emigração dos portugueses da metrópole, técnicos e mão-de-obra, e usar, com cautela, a contribuição estrangeira que, sendo útil, pode tornar-se perigosa.

3.º ciclo — 1.ª chamada
Prova escrita de Matemática

Leia com atenção os enunciados. Indique todos os cálculos que tiver de efectuar.

1. Considere a equação

$$\frac{x^2}{2} - 3x + 1 = 0$$

a) Sem a resolver, determine a natureza das suas raízes.

b) Construa uma nova equação cujas raízes estejam relacionadas com as da equação dada pela condição $y = 2x + 1$.

2. A expressão $f(x) \equiv \frac{x^3}{2} - 3x + 1$, define uma função real de variável real. Estude a variação de função, determine os máximos e mínimos que porventura existam e indique as coordenadas do vértice da parábola que é a sua imagem geométrica.

3. Dada a circunferência de equação $x^2 + y^2 + 4x + 6y - 12 = 0$ e o ponto P (2,0).

a) Mostre que o ponto P pertence á circunferência.

b) Determine as coordenadas do ponto Q sabendo que $\overline{PQ}$ é um diametro da circunferência.

4. Resolva a equação $\operatorname{sen}(2x) + 2\cos^2 x = 0$.

5. Sendo $f(x) \equiv \operatorname{tg} x \cdot \operatorname{sen} x$, em que $x \neq (2k+1)\frac{\pi}{2}$ e k um inteiro relativo, prove que $f'(x) = \operatorname{sen} x\,(2 + \operatorname{tg}^2 x)$.

6. Se multiplicarmos o número $A = 2^x \cdot 3$ por 12, o número dos seus divisores triplica. Calcule x.

II

1. *a)* Para cada valor natural de n, a expressão

$$P(x) \equiv (x+3)^n + (x+2)^{4n} - 1$$

é equivalente a um polinómio em x.

a) Prove que, qualquer que seja n, natural, P (x) é divisível por x+2 e por x+3.

b) Para n=2, P (x) é redutível a um polinómio do 8º grau. Calcule, desse polinómio (suposto na forma canónica) os dois termos de maior grau e o termo de grau zero.

2. Considere a função (plurívoca) definida por $y = \operatorname{arc\,sen}(x^2 - 8)$. Determine o seu domínio.

3. Demonstre que num referencial cartesiano, as coordenadas do pontos médio de um segmento de recta são iguais ás médias aritméticas das coordenadas homólogas dos extremos do segmento.

SOLUÇÃO

I

1 — *a)*

$$\frac{x^2}{2} - 3x + 1 = 0$$

$$-x^2 - 6x + 2 = 0$$
$$x^2 + 6x - 2 = 0$$

$\Delta = 11$	$\Delta > 0$
$P = -2$	$P < 0$
$S = -6$	$S < 0$

A equação admite duas raízes reais de sinais contrários sendo a de maior valor absoluto negativa.

b)

$y = 2x + 1$ donde $x = \frac{y-1}{2}$

Portanto

$$\left(\frac{y-1}{2}\right)^2 + 6 \times \frac{y-1}{2} - 2 = 0$$

ou simplificando

$$y^2 + 10y - 19 = 0$$

2 — $f'(x) = -x - 3$

A função cresce quando $-x - 3 > 0$ ou seja $x < -3$.

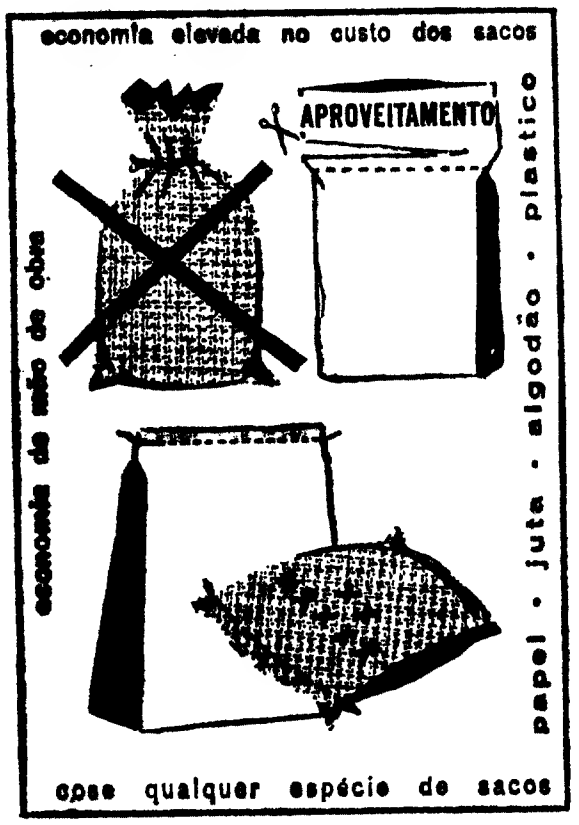
A função decresce quando $-x - 3 < 0$ ou seja $x > -3$.

A função admite um má-

(Continua na 19.ª página)

LICEU-INSTITUTOS
1.º, 2.º E 3.º CICLOS
2.º CICLO POR SEC. E DISCIPLINAS
CURSOS DE LÍNGUAS
Francês * Inglês * Alemão
ESCOLA SÃO VICENTE — R. do Paraíso, 28 — T. 865904
EXTERNATO MARQUÊS DE POMBAL — Rua Carrilho Videira, 10 — T. 834658; R. Edith Cavell, 8, 1.º — T. 820221
Manter-se-ão aulas durante as férias
Cursos a iniciar em 1 de Julho

economia elevada no custo dos sacos



economia de mão de obra

papel • juta • algodão • plastico

opse qualquer espécie de sacos

A MÁQUINA QUE REDUZ OS CUSTOS EM MILHARES DE EMPRESAS !

elcu

MÁQUINAS DE COSER SACOS

CARACTERÍSTICAS

Peso: 2,8 kgs. • Velocidade 12 m/min. • Comprimento do ponto 6,5 mm. • Motor eléctrico incorporado, de baixa tensão (44 v.) completamente fechado, com dispositivo de auto-arrefecimento. • Tesoura automática para cortar a linha. • Acessórios grátis: Transformador de corrente e correia ajustável.

MODELOS MANUAIS E AUTOMÁTICOS

REPRESENTADA POR

PEDRO S. PIRES, LDA.

RUA NEVES FERREIRA, 16 • LISBOA

PRESENTE NA FIL-69 NO STAND Nº 387-PAVILHÃO D

DUAS CRIANÇAS QUEIMADAS PELA EXPLOSÃO DE UM CARTUCHO

ÉVORA 19. — Os irmãos João Carlos Fernandes, de 7 anos, e Maria Inácia Fernandes, de 5 anos, residentes no Pátio Albino Afonso, desta cidade, encontraram, numa estrumeira, um cartucho de espingarda.

Inocentes, lançaram-lhe fogo, o que fez com que o referido cartucho explodisse.

Muito queimadas, as duas crianças foram internadas no hospital local.

EXCURSÃO DA C. P.

Domingo 22 de Junho

Comunica-nos a C. P. de que realiza no próximo dia 22, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Tomar e Foz da Sertã, com circuito por estrada e passeio fluvial na Barragem do Castelo do Bode, incluindo a viagem em 1.ª classe no comboio rápido que parte de Lisboa (Santa Apolónia) ás 8 e 30 e no que chega a esta estação ás 23 e 40.

Preço da excursão completa ..... 240$00

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do caminho-de-ferro em Lisboa, onde são distribuídos programas.

Roulottes Residenciais Lynton 9,00 x 3,00 m.

A solução ideal para a sua coutada, a sua quinta ou o seu terreno. Totalmente mobiladas e com acabamentos de grande beleza e conforto. Quartos separados, grande sala de estar, com efire-place, cozinha e casa de banho.

E a extraordinária vantagem de poderem ser rebocadas de um local para outro, deixando o terreno livre.

Representante exclusivo:

FONSÉ, LIMITADA

A MAIOR ORGANIZAÇÃO CARAVANISTA DO PAIS

Calçada da Ajuda, 72-B (garagem) — Telefone 632999 — Lisboa-3

SOCIEDADE HIDRO-ELÉCTRICA DO REVUÈ

S. A. R. L.

Sede: Av. 5 de Outubro, n.º 95-2.º — Lisboa

CAPITAL REALIZADO: 200.000.000$00

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

1.ª emissão de 30.000 contos — 5 % — 1954
2.ª emissão de 25.000 contos — 5 % — 1955

No dia 20 do corrente mês de Junho, pelas 11 horas, proceder-se-á na Sede Social, ao sorteio de 599 obrigações da 1.ª Emissão e 475 obrigações da 2.ª Emissão.

Estas obrigações serão amortizadas pelo seu valor nominal a partir de 1 do próximo mês de Julho, conforme consta do respectivo quadro de amortização e juros.

Lisboa, 17 de Junho de 1969

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇAO

Em FERREIRA DO ALENTEJO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Lopes.

CALDAS DA RAINHA

FRANCISCO DE ALMEIDA CAIADO

MISSA DO 7.º DIA

Os colaboradores de F. A. Caiado Indústrias de Produtos Alimentares S. A. R. L. participam a todas as pessoas das suas relações e amizade que no próximo sábado, dia 21, às 13 horas, será celebrada missa na Igreja de N. Senhora da Conceição nas Caldas da Rainha sufragando a alma daquele seu saudoso chefe e amigo.

CALDAS DA RAINHA

FRANCISCO DE ALMEIDA CAIADO

MISSA DO 7.º DIA

F. A. Caiado Indústrias de Produtos Alimentares S. A. R. L. participa que no próximo sábado, dia 21, às 13 horas, será celebrada missa na Igreja de N. Senhora da Conceição nas Caldas da Rainha sufragando a alma daquele seu saudoso presidente do Conselho de Administração.

CALDAS DA RAINHA

FRANCISCO DE ALMEIDA CAIADO

MISSA DO 7.º DIA

Sua viúva, filhos, noras, netos e restante família participam a todas as pessoas das suas relações e amizade que no próximo sábado, dia 21, às 13 horas, será celebrada missa na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, nas Caldas da Rainha, sufragando a alma daquele seu ente querido.

OS EXAMES DO ENSINO LICEAL

(Continuação da 17.ª página)

ximo no ponto $x = -3$ cujo valor é

$$y = -\frac{(-3)^2}{2} - 3(-3) + 1 = \frac{11}{2}$$

As coordenadas do vértice são portanto $\left(-3, \frac{11}{2}\right)$

3 — *a)* Substituindo na equação x e y pelas coordenadas de P vem:

$4+8-12=0$ ou seja $0=0$

b) As coordenadas do centro são $(-2; -3)$.

Como o centro é o ponto médio do segmento $\overline{PQ}$ será

$$x = \frac{x_1 + x_2}{2}$$

$$y = \frac{y_1 + y_2}{2}$$

donde

$$-2 = \frac{2 + x_2}{2}$$

$$-3 = \frac{0 + y_2}{2}$$

ou seja

$$x_2 = -6$$
$$y_2 = -6$$

Portanto

$$Q \equiv (-6; -6)$$

4 —

$2 \operatorname{sen} x \cos x + 2\cos^2 x = 0$

$2\cos x (\operatorname{sen} x + \cos x) = 0$

donde $\cos x = 0$

ou $\operatorname{sen} x + \cos x = 0$

De $\operatorname{sen} x + \cos x = 0$

vem $\cos x = -\operatorname{sen} x$

ou $\cos x = \cos(x + 90^\circ)$

Portanto de $\cos x = 0$

vem $x = 90^\circ$

ou $x = 360^\circ k \pm 90^\circ$

de $\cos x = \cos(x + 90^\circ)$

vem $x = 360^\circ k \pm (x + 90^\circ)$

ou $x = 180^\circ k - 45^\circ$

5 —

$f'(x) = \sec^2 x \cdot \operatorname{sen} x + \operatorname{tg} x \cdot \cos x =$

$= \sec' x \cdot \operatorname{sen} x + \operatorname{sen} x =$

$= \operatorname{sen} x (\sec^2 x + 1) =$

$= \operatorname{sen} x (1 + \operatorname{tg}^2 x + 1) =$

$= \operatorname{sen} x (2 + \operatorname{tg}^2 x)$

6 — $A \times 12 = 2^3 \times 3^{x+1}$

Donde $4(x+2) = [2(x+1)] \times 3$

ou $2x + 4 = 3x + 3$

ou $x = 1$

II — 1 — a) $P(-2) = (-2+3)^{n!} + (-2+2)^{4n} - 1 = 1^n - 1 = 1 - 1 = 0$

$P(-3) = (-3+3)^n + (-3+2)^{4n} - 1 = (-1)^n - 1 = 1 - 1 = 0$

b)

$P(x) \equiv (x+3)^3 + (x+2)^8 - 1$

$P(x) \equiv x^8 + 8x^7 \times 2 + \ldots\ldots + 3^3 + 2^8 - 1$

$P(x) \equiv x^8 + 16x^7 + \ldots\ldots + 264$

2 —

$x^2 - 8 \geq -1$ e $x^2 - 8 \leq 1$

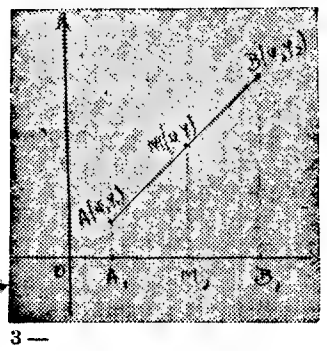
$x^2 - 7 \geq 0$ e $x^2 - 9 \leq 0$

donde $x \leq -\sqrt{7}$ ou $x \geq \sqrt{7}$

e $-3 \leq x \leq +3$

Portanto $-3 \leq x \leq -\sqrt{7}$

ou $\sqrt{7} \leq x \leq 3$



3 —

Projectando os pontos A, M, B sobre o eixo OX obtemos os pontos A_1, M_1 e B_1

Ora $\overline{OM_1} = \overline{OA_1} + \overline{A_1M_1}$

e $\overline{OM_1} = \overline{OB_1} - \overline{M_1B_1}$

ou somando e atendendo a que $\overline{A_1M_1} = \overline{M_1B_1}$ vem

$$2\overline{OM_1} = \overline{OA_1} + \overline{OB_1}$$

ou seja $\overline{OM} = \frac{\overline{OA_1} + \overline{OB_1}}{2}$

ou ainda $x = \frac{x_1 + x_2}{2}$

Análogamente se obtém

$$y = \frac{y_1 + y_2}{2}$$

3.º ciclo — 1.ª chamada

Prova escrita de Inglês

WORKING CROWDS

The poet looked curiously at the crowds of men and women on the ferry. He could not know «the hundreds and hundreds» who crossed in daily intimacy, total strangers to one another. Work drew them together in the morning; in the evening they scattered, each to his home.

The millions who lived in New York, or the hundreds of thousands in Cleveland or San Francisco, could not know one another. Nor could they meet their needs for mutual aid, cooperative action, companionship and culture by becoming part of any social organization that encompassed them all. To begin with, they were divided by religion, colour and national origin. The impact of industrialization further separated them by increasing the distance between the extremes of wealth, and poverty.

Each man could push his own way ahead — devil take the hindmost. But he Sould not always be self-made and self-contained. Illness, bad luck and death made all dependent on others. The joys of the birth or marriage of a child or of good fotune in business were the richer for being shared. None could stand altogether alone, not even the most successful, who wished at least admiration and respect for their achievements. Everyone had to belong somewhere, if there was to be order in the world.

The problem was simplest for the labourers. Poverty compelled them to live where housing was cheap, and they chose places where they could associate with people like themselves in language, habits and religion. They moved spontaneously into the ghettos that increasingly pockmarked the face of the great city. The newest arrivals knew the addresses before they stepped off the boat and gravitated thankfully to the islands of familiarity in an environment in which all else was strange.

(Oscar Handlin, «The American People»).

QUESTIONS:

1. *Explain briefly what, in the context, is meant by:*

a) Cleveland (line 6);

b) encompassed them all (l. 8-9);

c) pockmarked the face of the great city (l. 22-23);

d) the islands if familiarity (l. 24).

2. *Answer these questions on the extract:*

a) Who were «the hundrads and hundreds» on the ferry?

b) If they were «total strangers to one another», what measure of «intimacy» could there be among them?

c) And why is this intimacy called «daily»? Is the use of the adjective absolutely correct?

d) What was it that prevented those millions of people fram enjoying one another's comuany and profiting by one another's help?

e) In what way, or ways, are rich, successful men said to remain dependent on their fellow-citizens?

f) Why was it easier for certain classes of people to find happinesse and companionship in the great metropolis?

3. *Give in your own words/ /the meaning of the following poem:*

Crowds of men and women [attired in the usual costu-[mes,
how curious you are to me!
On the ferry-boats the hun-[dreds and hundreds that [cross,
returning home, are more [curious to me than you [suppose,
And you that shall cross [from shore to shore years [hence
are more to me, and more in [my meditations,
than you might suppose.

(Walt Whiaman, «Crossing Broojlyn Ferry»).

4. *Essay:*

«Americans were divided by religion, colour and national origin, and the first impact of industrialization further sparated them.»

Discuss the quotation at some length, drawing on your knowledge of relevant historical facts either to support or to disprove its truth.

5. *Translate the third paragraph of the extract into Portuguese.*

6. *Turn into English:*

Fui apanhado pelo rio de transito que corria para Nova York engrossando a cada cruzamento. Avistava já a entrada do tunel. Um polícia arrancou-me á serpente de transito e fez-me parar.

— Não pode atravessar o tunel com essa botija de gás!

— Vai bem fechada.

— Não importo. É a lei. Suba aqui á ponte, ou tome ali o barco.

Meti por uma rua, virei á esquerda, enganei-me, recuei, tornei a tentar. De repente encostei ao passeio e desatei a rir.

— Pinguita a mais, não? — perguntou outro polícia.

— Imagine! Atravessei a América inteira sem novidade; agora que chego a casa... perco-me.

— Deixe lá! Ainda no sábado eu me perdi em Brooklyn.

(John Steinbeck, «Travels with Charley», *adapt.)*

3.º ciclo — 1.ª chamada

prova escrita de Ciências Físico-Químicas

Atenção. — É necessário indicar todos os cálculos com pormenor e clareza.

FÍSICA

I

1. Defina *watt* e demonstre que a razão entre esta unidade e a correspondente unidade C.G.S. é de 10^7 : 1.

2. Do beiral do telhado de um edifício de 19,6 m de altura caem regularmente gotas de água em intervalos de tempo iguais, verificando-se que a primeira gota atinge o solo quando a terceira inicia a queda.

a) Que espaço teria percorrido já a segunda gota quando a terceira iniciou a queda? Justifique a resposta.

b) Com que velocidade chegam as gotas ao solo?

(Não é de considerar a resistência do ar; $g = 980 cm/s^2$).

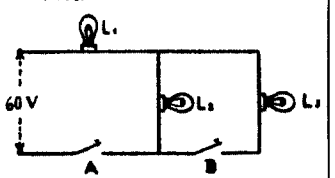
II

a) Escreva a *equação de estado dos gases perfeitos* e os nomes das grandezas que nela figuram.

b) Mostre que a lei de Boyle-Mariotte está contida implìcitamente nessa equação.

III

1. Três lâmpadas de incandescência, cada uma das quais com a resistência de 10 ohm, estão ligadas como indica a figura, sendo a associação alimentada com uma tensão constante de 60 volt.



a) Estando fechado o interruptor A e aberto o interruptor B, qual será o valor da intensidade da corrente que percorre as lâmpadas L_1 e L_2? Justifique a resposta.

b) Fechando os dois interruptores, qual passará a ser o valor da intensidade da corrente que percorre a lâmpada L_1? Justifique a resposta.

2. Prove que as potências eléctricas consumidas em duas lâmpadas de incandescência sujeitas a tensões eléctricas iguais são inversamente proporcionais às respectivas resistências.

IV

Tornou-se incandescente um filamento metálico contido numa ampola apropriada na qual se fizera o vazio. Levando esse filamento a um potencial negativo em relação a um eléctrodo colocado na frente dele, obteve-se um feixe de *raios catódicos.*

a) A que é devida a emissão desse feixe?

b) Indique outro processo de obter raios catódicos.

QUÍMICA

I

1. Refira-se às diferenças estruturais existentes entre o diamante e a grafite.

2. Prove que o calor específico do alumínio é aproximadamente duplo do do ferro.

(Al = 27; Fe = 56)

II

Considere os seguintes elementos dispostos por ordem crescente do número atómico:

He	Li	Be	B	C	N	O	F	
2	3	4	5	6	7	8	9	
	Ne	Na	Mg					
	10	11	12					

1. *a)* Isole, neste conjunto de elementos, os que constituem um *período*, e escreva os respectivos símbolos no papel da sua prova. Justifique a resposta.

b) Escreva os símbolos de dois elementos daquele conjunto que pertençam ao mesmo grupo. Justifique a resposta.

c) Mencione, dentre os elementos do citado conjunto, um que seja fortemente *electropositivo* e outro fortemente *electronegativo.*

2. Bombardeando Lítio 7 com *deuterões,* alguns dos seus núcleos convertem-se em núcleos X com simultânea emissão de um protão por núcleo.

Tomando em consideração os números atómicos acima indicados, responda às alíneas seguintes:

a) traduza por uma equação a referida reacção nuclear:

b) atendendo à sua composição nuclear, como classifica X em relação ao Lítio 7? Porquê?

III

1. *a)* Represente, por meio dos respectivos símbolos, os iões que podem encontrar-se numa solução aquosa de *cloreto de bário.*

b) Que massa do metal existe em 100 ml de uma solução *decinormal* de cloreto de bário?

(Ba = 137,3 ; Cl = 35,5)

2. O grau de dissociação do ácido acético numa solução aquosa é 1%. Qual é o significado deste valor?

IV

1. A hidratação do acetileno permite a síntese de um composto de grande valor industrial. Traduza essa síntese por uma equação química e escreva o nome do produto obtido.

2. Considere o seguinte esquema:

ácido acético + amoníaco → composto X.

composto X $\xrightarrow{\text{(aquecido)}}$ composto Y + água.

a) Escreve os nomes dos compostos X e Y.

b) Escreva a fórmula de estrutura do composto Y.

3.º ciclo — 1.ª Chamada

Prova escrita de Grego

Texto

(Ciro, iniciando a marcha das suas tropas contra as do irmão Artaxerxes, atravessa a Lídia e a Frígia. Nesta última região, passa pela cidade de Colossas, onde se demora alguns dias. Daqui...).

1 Ἐντεῦθεν ἐξελαύνει εἰς Κελαινάς,(1) τῆς Φρυγίας πόλιν οἰκουμένην, μεγάλην
2 καὶ εὐδαίμονα. Ἐνταῦθα Κύρῳ βασίλειον ἦν καὶ παράδεισος μέγας ἀγρίων θηρίων
3 πλήρης, ἃ ἐκεῖνος ἐθήρευεν ἀπὸ ἵππου, ὁπότε γυμνάσαι βούλοιτο ἑαυτόν τε καὶ τοὺς
4 ἵππους. Διὰ μέσου δὲ τοῦ παραδείσου ῥεῖ ὁ Μαίανδρος ποταμός.
5 Λέγουσι Ξέρξην, ὅτε ἐκ τῆς Ἑλλάδος ἡσσηθεὶς τῇ μάχῃ ἀπεχώρει, οἰκοδομῆ-
6 σαι τοῦτό τε τὸ βασίλειον.

(1) Κελαιναί, -ῶν (αἱ) — Celenas, cidade da Frígia.

I

1 — Em que caso se encontra Κύρῳ (linha 2)? Porquê?

2 — Analise sintàcticamente: *ἃ ἐκεῖνος ἐθήρευεν ἀπὸ ἵππου* (linha 3).

3 — Que função sintáctica desempenha: *Διὰ μέσου δὲ τοῦ παραδείσου* (linha 4)?

4 — Traduza o texto.

II

1 — Decline, nos casos seguintes, a expressão *πόλιν οἰκουμένην*:

a) genitivo do singular;

b) dativo do plural;

c) acusativo do plural.

2 — Conjugue, nos modos, tempos e vozes indicados, as formas que a seguir se pedem do verbo a que pertence *ἐθήρευεν* (linha 3), traduzindo-as:

a) terceira pessoa do plural, da voz activa, do tempo aoristo do modo indicativo;

b) primeira pessoa do plural, da voz activa, do tempo perfeito do modo indicativo;

c) infinito aoristo da voz passiva.

3 — Para cada uma das palavras gregas que se apresentam, escreva uma portuguesa que com ela etimològicamente se relacione:

a) *παράδεισος* (linha 2);

b) *ἵππου* (linha 3).

c) *μεγάλην* (linha 1);

4 — Verta para grego:

Xenofonte (Ξενοφῶν) conta que Ciro, o grande rei, caçava animais ferozes na tapada (*παράδεισος*) do palácio.

Motoretista gravemente ferido num acidente

AVANCA, 19. — Quando, no regresso do Porto, onde fora levar uma carga de tomate, a camioneta conduzida pelo seu proprietário, sr. Manuel Lopes António, de Aduzeiros (Arruda dos Vinhos), ao ultrapassar outro veículo pesado, estacionado na sua mão, apanhou, com os ganchos do lado o operário sr. Diamantino Marques de Matos, 19 anos, o qual na sua motorizada circulava na sua mão em direcção contrária. O infeliz foi atirado contra uma casa e ficou inanimado. Gravemente ferido, foi transportado na ambulância dos Bombeiros Voluntários de Estarreja ao Hospital Salreu-Estarreja, de onde seguiu para o de Santo António, no Porto. Ali, operado de urgência, ao crânio, ficou em estado muito grave.

Arqueologia

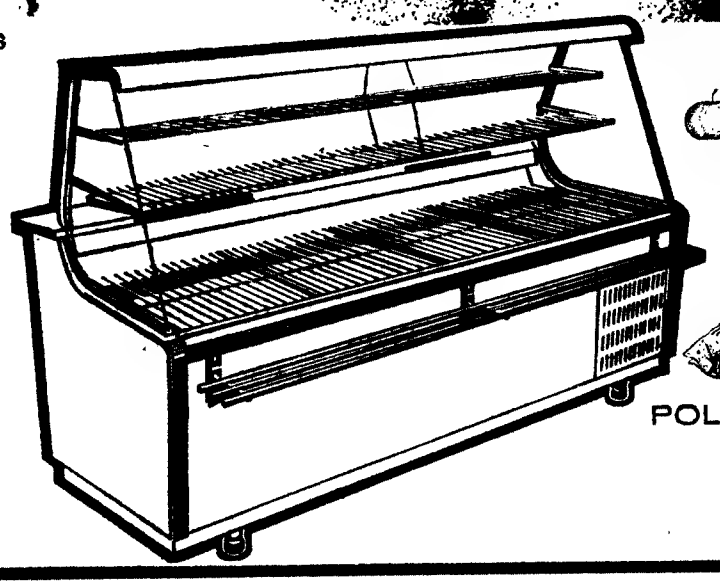
CASCAIS, 19 — No Museu Conde de Castro Guimarães o sr. dr. Octávio da Veiga Ferreira proferirá, no próximo dia 21, pelas 18, uma conferência subordinada ao tema «A arqueologia no concelho de Cascais». Seguiu-se a inauguração de nova sala de arqueologia daquele Museu, com a presença do presidente da Câmara e outras individualidades.

A campanha contra o analfabetismo

MURTOSA, 19. — Integrados na Campanha de Extinção do Analfabetismo, começaram na escola primária os exames de adultos, da quarta classe, cujo júri é constituído pelos professores srs. António Joaquim Ferreira Primo, presidente; D. Maria Virgínia da Silva Cardoso e D. Maria Zaida da Silva Martins.

VENDER É PÔR À VI$TA

PRAXIS



Exponha os seus artigos nas vitrines que atraêm os olhos e venda duas vezes mais.

POLAR — vitrines e congeladores para todos os fins.

POLAR

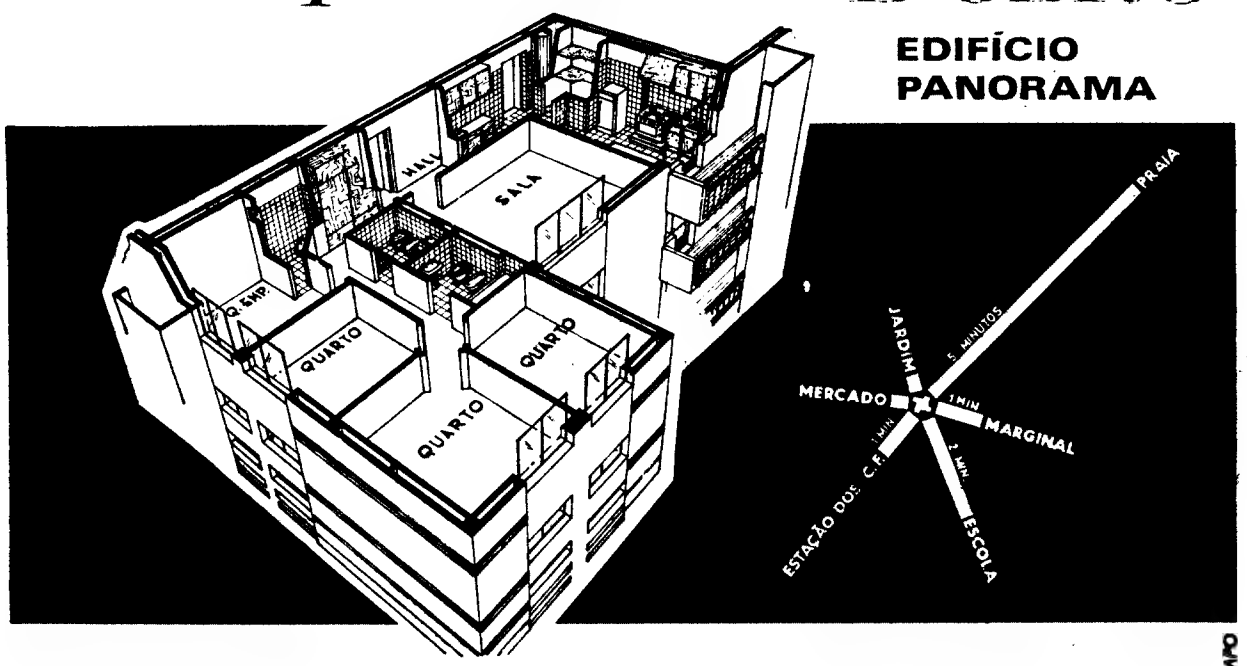
REFRIGERAÇÃO POLAR LDA.
av. almirante reis, 94 c tel. 56 11 16/78 lisboa
rua gonçalo cristóvão, 120 porto

---

na Costa do Sol

o seu capital valerá o DOBRO

EDIFÍCIO PANORAMA



No centro de PAÇO DE ARCOS

AV. SENHOR JESUS DOS NAVEGANTES
(Junto à IGREJA NOVA)

Sem intermediários

PISOS DE EXCEPCIONAL ACABAMENTO
*
IMPECÁVEL CONSTRUÇÃO

PROPRIEDADE CONSTRUIDA PELO ENG. CIVIL J. J. LUZ

1.º TEMPO

---

arneg

A MAIS COMPLETA GAMA DE ESTANTERIA PARA MERCEARIAS E SUPERMERCADOS

UTILMÓVEL NA F.I.L. PAVILHÃO "E"

CAMINHOS-DE-FERRO

Comunica-nos a C. P. que a partir do dia 2 de Junho é estabelecida, entre Porto e Salamanca, a circulação de automotoras directas, com ligação de e para Madrid no comboio TER.

O pormenor das alterações consta dos avisos afixados nas estações para consulta do Público que também pode obter esclarecimentos nas Secções de Informações.

PEUGEOT

MÁQUINAS AUTOMÁTICAS PARA LAVAR A LOUÇA*

100% Automáticas
100% Aço inoxidável

*Com capacidade para um serviço completo de 8 pessoas

PEUGEOT
a qualidade que não se discute

SABEL
Rua de D. Estefânia, 98/A - LISBOA
Rua de Sta Catarina 1209 - PORTO

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

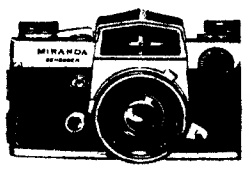
ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

Em TORRES NOVAS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA CENTRAL, de Fernando Farinha Cardoso.

MIRANDA

MIRANDA CAMERA C.º LTD. PIONEIRA EM 35 m/m SLR DO JAPÃO, DEDICA-SE HÁ LONGO TEMPO, À PROCURA DE UM LUGAR NA INDÚSTRIA DE MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS JAPONESAS COM A MAIS PERFEITA OBJECTIVA f 1,4. AMADORES, PROFISSIONAIS, NOVOS FOTÓGRAFOS, ESTÃO ORGULHOSOS DOS BONS RESULTADOS, NÃO SÓ NA FOTOGRAFIA VULGAR, MAS TAMBÉM EM OUTROS RESULTADOS FOTOGRÁFICOS ALTAMENTE ESPECIALIZADOS.



EXCLUSIVO IBEREX LISBOA

UMA GRANDE COLECÇÃO DE OBJECTIVAS E ACESSÓRIOS ESTÃO À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Em exposição nos Stands IBEREX na Feira Industrial de Lisboa

LIGAÇÕES FERROVIÁRIAS LISBOA-PARIS

(alteração de horários, introdução da 2.ª classe no «Sud» em França e supressão do suplemento francês)

A C. P. leva ao conhecimento do Público que desde 1 de Junho o horário dos 2 principais comboios entre Lisboa e Paris passa a ser o seguinte:

Rápido-Beira	«Sud» Express»		Rápido-Beira	«Sud» Express»
9-30	14-45 p.	Lisboa (S. Apolónia) e.	8-54	13-45
16-30	17-00 c.	Paris p.	14-35	15-45

Esclarece ainda que o comboio «Sud-Express» passa a ter em França 1.ª e 2.ª classes, deixando de ser cobrada, no percurso francês, a importância correspondente a 15 francos franceses do suplemento de utilização.

Rádio

Programas de hoje

EMISSORA—1.º Programa—451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Noticiário — ginástica de pouso, pelo dr Marques Pereira; programa da tarde — Canções de nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de... 17 e 35: Do choupal até á lapa; 18 e 10: Programa da mulher, programa de Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19: Cartaz dos espectáculos: 19 e 45: Rádio rural — música só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 35: 15.º episódio do folhetim «A loja de antiguidades»; 21: Jornal de antiguidades; 21 e 30: O trompetista R Y Etzel; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Noite de teatro: «Auto de S João» de Gustavo de Matos Sequeira em adaptação de Leopoldo de Araújo — intérpretes: Varela Silva, Rui de Carvalho, Artur Semedo, catarina Avelar, Hortense Luz, Ana Paula, Alina Vaz, Manuel Lereno, Pedro Lemos, Barreto Poeira e Mário Pereira; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30:2.º e 3.º actos da ópera «Turandot (Puccini); 18: Música do século XX — Obras de compositores ingleses; 19: Crítica literária, pelo dr. João Bigette Chorão; 19 e 10: Folclore português — música popular da Ilha Terceira, recolhida por Artur Santos; 19 e 25: O pianista Émille Guillels — interpreta obras de Jean Philippe Rameau e Schumann; 20: Diário sonoro: 20 e 20: Música instrumental; 20 e 30: Missa K. 257 em dó maior «Missa de Credo» (Mozart); 21: Noite transfigurada op 4 (Schumberg) — Solistas; 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr, João Ameal; 21 e 50: Recital pela pianista Zuleika Barbosa, preenchido com obras de autores brasileiros (Villa-Lobos), Camargo Guarnieri e Lorenzo Fernandes); 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A voz do ocidente; 1 e 15: Fecho.

MF 2 — 94,3 mc/s — Às 23: Música de tecla: 23 e 30: Música francesa — um programa cedido pela Radiodifusão-Televisão Francesa; 00 e 05: «Isaías, o Profeta — oratória» (Alexander Tansmann) — Coro e orquestra Filarmónica de Hilversum; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Rádio Universidade

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio placard; 21: Noticiário; 21 e 02: Um conjunto; 2: e 09: Portugal de hoje; 21 e 32 Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e palestra religiosa; 23 e 22; «Grande roda; 0 e 02: «P B X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência—97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura; 20 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67 e Fecho

EMISSOR DE MIRAMAR—383 6 m—782 kc/s—Às 16: Programa C D C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Um conjunto; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Rádio placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 03: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 2: e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã: 23 e 04: Clube da juvenude;.

RÁDIO RENASCENÇA—733,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radioroma; 18: Melodias de França; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção do Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música selecionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S C. R; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 45; Artistas da nossa terra; 21 e 45: Pianistas famosos; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

ESTAÇÃO DO PORTO—256,6 m —1169 kc/s—Às 16: Radioroma; 18: Orquestras e canções; 18 e 15: Noticiário regional; 18 e 20: Nota do dia e noticiário; 18 e 30: Terço e bênção do Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 25: Boletim religioso; 19 e 30: Página um; 21: Variedades; 21 e 30: Toca Filipe de Brito; 21 e 45: Uma voz em conjunto; 22: A música é boa companhia; 22 e 45: Música ligeira variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA—Onda média—188 m—1594 kc/s—94,4 mc/s. **Rádio Peninsular**—Dos 7 ás 8 e 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa**—Dos 10 ás 12 e 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Dos 8 ás 10 e 22 ás 2; **Rádio Graça**—Das 14 e 30 ás 19 e 30.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Lanterna mágica; 20 e 20: Vamos dormir; 20 e 30: Programa feminino; 20 e 45: Vamos jogar no Totobola; 21: O motor e o homem; 21 e 30: Telejornal; 22: Reportagem do exterior; 24: Telejornal, meditação e fecho

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Folhetim «Os Globetrotters»; 22 e 15: TV Clube, com Mirene Cardinali e Valério Silva; 22 e 35: Universidade na TV; 23 e 35: Telejornal e fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 4 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Série Juvenil «Huck Finn»; 20 e 20: Vamos dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 40: Recital, pelo violinista Claire Bérnard; 21: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55 Noite de Cinema — «Cristóvão Colombo e o América»; 23 e 55: Telejornal, Meditação e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Teatro — «Fantasio», de Alfredo de Musset; 23 e 05: Recital, pelo pianista Yvonne Lefebure; 23 e 40: Telejornal e Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

REPORTAGEM DO EXTERIOR

PELAS 22 HORAS a RTP liga dos seus estúdios do Lumiar ao exterior para uma reportagem, que ocupará toda a emissão nocturna.

«O MOTOR E O HOMEM»

PELAS 20 e 55 é apresentado o programa de divulgação «O Motor e o Homem», da autoria de Alberto de Canha e Sá.

Fazem parte desta emissão as seguintes rubricas: «O Automóvel», «Novas máquinas andantes», «A Corporação de Pilotos de Trinity House», «Carros experimentais» e «Caminhos-de-ferro japoneses».

2.º PROGRAMA

O PROGRAMA REGIONAL, após o Telejornal em simultâneo, exibe mais um filme da série «Globetrotters», com Yves Renier, Edward Meeks e Soprie Fiorelli. Neste 10.º episódio, Pierre e Bob arranjam lugar como passageiros clandestinos a bordo de um barco que segue para o Japão.

Segue-se um TV Clube com canções interpretadas por Valério Silva e Mirene Cardinali, numa realização de Fernando Frazão.

Posta-restante

Mais opiniões Zip

Continuam-nos a chegar mais opiniões sobre o programa «Zip-Zip», se não o melhor da TV, pelo menos o mais discutido. Eis algumas opiniões escolhidas hoje mesmo:

F. J. D. A. A. (Lisboa) — «O melhor programa que apareceu na Televisão».

G. P. (Lisboa) — «Um bom espectáculo público, mas um mau programa de TV».

D. A. F. (Porto) — «Seria um bom programa televisivo se se soubesse tirar partido desse espectáculo».

H. F. (Lisboa) — «Se em lugar de um Solnado houvesse três... que programa bom poderia ser...!».

P. F. N. (Lisboa) — «Este último «Zip-Zip»... que pena o Solnado se tivesse apagado...»

J. C. S. (Lisboa) — «Zip-Zip» vem decrescendo em qualidade, assustadoramente».

A. S. P. (Braga) — «O 1.º e o 3.º foram bons programas... Solnado é cómico para muitos mais».

L. C. A. (Abrantes) — «Solnado necessita de fazer vibrar o programa. Neste último esteve lamentàvelmente apagado, e apagou o programa».

L. V. P. (Lisboa) — «Porquê tantas imagens do público?»

G. B. — Coimbra — «Acabei de ver o ZIP-ZIP e escrevo a perguntar se não haverá possibilidade da R. T. P. apresentar na «Noite de Cinema» o filme, grande êxito de Gino Bechi, «Pronto qui Parla» (Está lá quem fala?)»

O. M. P. — Coimbra — «ZIP-ZIP é um programa diferente mas não é, totalmente, um bom programa de TV...

canal da crítica

A BANDA DE MINDE E OS FARDAMENTOS NOVOS

Eu já sabia que as Bandas tocam sempre a mesma coisa. Repertório pouco variado, a dificuldade de orquestração, a necessidade de tocar para determinado público — eis aí algumas razões que levaram a Banda ontem exibida a oferecer-nos algumas melodias já gastas pelo uso e já tocadas, até, com mais brilho e mais carácter clássico por outras Bandas.

A Banda da Sociedade Musical Mindelense compõe-se de 40 figuras. Ficámos a saber, através de uma breve sima apresentação, que, quando a Banda quer fardamentos novos, faz um apelo á população e os fardamentos novos aparecem. E' claro que o facto da mudança de fardamento não pressupõe uma mudança de qualidade. Em todo o caso, consideram alguns conveniente que o fardamento se renove para dar mais colorido á festa — embora, como já disse, o repertório continue o mesmo.

Aqui pode residir o maior obstáculo a aceitarmos, ou á admitirmos a actuação da Banda Mindelense. A continuidade da Banda, preservada com tantos sacrifícios, não é em si mesma uma razão se não lhe presidir um esforço sério de renovação. Há que renovar a alma e não apenas o fardamento. A continuar assim a Banda de Minde cairá na vulgaridade das bandas que já não podem ouvir-se.

A Banda Mindelense tem de abandonar as «cavalarias ligeiras», os «pot-pourris», os espanholismos de estardalhaço. Também na musica «há um Portugal desconhecido á nossa espera». A espera de quem possa divulgá-lo e amá-lo.

Esta apreciação não envolve qualquer menosprezo pelas qualidades e pela devoção da Banda de Minde. Penso, em todo o caso, que lhe faltou o ambiente natural, a moldura popular, o anel de gente com olhos em luta vitoriosa contra o sono, á roda do coreto. Ali, na solenidade do estudio, as fífias ganham maior ressonancia.

Ruy Ferrão, o realizador,

(Continua na página seguinte)

FÉRIAS NO ALGARVE AO SEU ALCANCE...

excelente serviço de Snack-bar e Restaurante a preços normais

Bungalows para 2 pessoas/160$00

marcações pelos telefs.
156 39 praia da luz
36 91 52 em lisboa

motel da luz • praia da luz • algarve

Continental radial segurança total

3.000 CLIENTES

NA COMPRA DE PROPRIEDADES

CONSTRUÍDAS, VENDIDAS E ADMINISTRADAS

POR UMA EMPRESA INDUSTRIAL,
ATESTAM A CAPACIDADE E HONESTIDADE DA ORGANIZAÇÃO

J. PIMENTA, S. A. R. L.

RENDIMENTO OU JURO DE 7 A 10 % GARANTIDO DE 6 A 18 ANOS,

à escolha do cliente, por escritura pública

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS

COLHA REFERÊNCIAS NOS ESCRITÓRIOS DESTA ORGANIZAÇÃO

EM LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53, 4.º Esq. — Telef. 45843-47843 • EM QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 952021-952022 • EM REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 933670

ESTALEIROS E OBRAS EM:
AMADORA, REBOLEIRA, VENDA NOVA, PAÇO DE ARCOS, ESPARGAL, PAREDE E CASCAIS
Brevemente: QUELUZ e LISBOA

Comunicado:
Esta organização comunica que pôs à venda em Cascais, Moradias, Andares e Apartamentos Mobilados.
Visite o apartamento-tipo em exposição na Feira Internacional de Lisboa.

Novos dirigentes da Liga dos Amigos de Queluz

Sob a presidência do representante do presidente da Camara Municipal de Sintra sr. Eduardo Rodrigues Cardoso, que se encontrava ladeado pelos srs. coronel Temudo Barata, comandante do R. A. A. F. de Queluz; coronel Cardoso Salgado, presidente da Comissão Concelhia da União Nacional; Alfredo Alves dos Santos, presidente da Junta de Freguesia de Queluz; Rafael Pinto Basto, director do quinzenário «A Voz Académica»; Fernando Silva, 2.º comandante dos Bombeiros Voluntários de Queluz; Vítor Bento, presidente da direcção do Desportivo de Queluz, realizou-se no ginásio do Desportivo de Queluz, o acto de posse dos primeiros corpos gerentes da Liga dos Amigos de Queluz, para o biénio de 1969-1970, que registou a presença de elevado numero de associados da Liga e entre os quais se destacavam os srs.: capitão António Gomes Rocha, presidente da Delegação de Sintra da Liga dos Combatentes da Grande Guerra; João Pimenta, Carlos Nunes Pereira, tesoureiro da Junta de Freguesia de Queluz, e de uma representação da Comissão de Melhoramentos de Queluz, composta pelos srs. Jaime de Sousa Amaral, Lauro da Cunha e Libanio Marinho.

Em nome do presidente da Comissão Organizadora da Liga dos Amigos de Queluz, sr. José Piteira Lajes, que não pôde comparecer por se encontrar hospitalizado após melindrosa intervenção cirurgica, falou o sr. António da Silva Antunes, que depois de ter agradecido a presença das referidas entidades e dos representantes da Imprensa diária e regional, historiou a criação da Liga dos Amigos de Queluz e os principais objectivos a que a mesma se propõe, em favor de Queluz, cuja população hoje ronda 50 mil habitantes e que se encontra em pleno desenvolvimento comercial, industrial e habitacional, considerando-se assim um dos maiores aglomerados populacionais do vasto concelho de Sintra.

O orador agradeceu, em nome da Comissão Organizadora, todo o carinho e apoio dispensados pelo governador civil de Lisboa e pelos presidentes da Camara Municipal de Sintra e da Junta de Freguesia de Queluz, á firma J. Pimenta, ao Banco de Angola e á Imprensa diária e regional, que tornaram possível a concretização da Liga dos Amigos de Queluz, e aos quais, na ultima assembleia geral, lhes foi exarado um voto de louvor e agradecimento, que por aclamação foi aprovado.

Seguidamente, usaram da palavra os srs. João Pimenta, capitão António Gomes Rocha, coronel Cardoso Salgado, Alfredo Alves dos Santos, Fernando Silva, coronel Temudo Barata, Vítor Bento, etc., encerrando a sessão o sr. Eduardo Rodrigues Cardoso, em que todos foram unanimes em louvar a acção dos organizadores da Liga e a todos os componentes da primeira direcção, a quem lhes ofereceram todo o seu apoio para o prosseguimento da sua obra em benefício de uma Queluz melhor e maior.

No final, a todos os oradores foi dispensada uma calorosa ovação.

A FALTA DE UMA ESCOLA INQUIETA UMA POVOAÇÃO

CASTRO DAIRE, 19.—Os habitantes da povoação da Pereira, freguesia de Pinheiro, deste concelho estavam resolvidos a vir em massa aqui expor ao presidente da Camara o direito que lhes assiste na construção de uma escola, legítima aspiração daquelas gentes serranas. O motivo de tal atitude resulta do boato propalado, de que tal escola já se não construia, por desnecessária.

Sabendo da intenção dos habitantes daquela aldeia, indagámos junto do sr. dr. João Duarte de Oliveira, presidente do Município, do que havia de verdade sobre tal assunto.

Sempre solícito, disse-nos o edil que, ainda em 30 de Abril findo fora feita nova exposição ao sr. ministro da Educação Nacional afirmando, uma vez mais, a necessidade da construção de um edifício escolar em Pereira.

ROTARY CLUB DE LISBOA-NORTE

Hoje, ás 20 e 30, no Hotel Florida, decorre a habitual reunião, em jantar, do Rotary Club de Lisboa-Norte.

O sr. prof. dr. Oscar Barata fará uma palestra sobre «Tendências recentes da emigração portuguesa».

Estudantes franceses desejam passar férias com famílias portuguesas

Segundo nos comunica a leitora de Português na Faculdade de Letras de Aix-en-Provence, alguns alunos (e alunas) daquela escola pretendem passar as férias grandes em Portugal, a fim de aperfeiçoarem o uso da língua e conhecerem o País. Isto será possível se houver famílias portuguesas que recebam gratuitamente os referidos estudantes, a troco de lições de Francês ou de qualquer outro trabalho, durante um ou dois meses, nas próximas férias grandes.

Qualquer adesão poderá ser comunicada para Mlle. Vilhena — Lectrice de Portugais à la Faculté des Lettres — 13 Aix-en-Provence — France.

COMISSIONISTA

PRETENDE-SE PARA MOTORES DIESEL MARÍTIMOS E INDUSTRIAIS, ALTERNADORES E EQUIPAMENTO ELÉCTRICO INDUSTRIAL.

RESPOSTA AO APARTADO 918—LISBOA 2

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO

CURSOS DE VERÃO A PREÇOS REDUZIDOS
DE 1 DE JULHO A 30 DE SETEMBRO

FINAL DA TAÇA DE PORTUGAL

ACADÉMICA-BENFICA

DOMINGO, 22 DE JUNHO

A C. P. organiza, no dia 22 do corrente, em colaboração com a «Associação Académica de Coimbra», um comboio especial de Coimbra a Lisboa (Santa Apolónia), e volta, por ocasião do desafio de futebol «Académica-Benfica», ao preço de 80$00.

HORÁRIO

Partida de Coimbra às 7 e 50; chegada a Lisboa (Santa Apolónia às 10 e 50.

Partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 0 e 01; chegada a Coimbra às 2 e 55.

Bilhetes à venda na sede da Associação Académica de Coimbra e na estação de Coimbra.

FERROTOUR LISBOA-MADRID

Os Caminhos de Ferro Portugueses e Espanhóis proporcionaram-lhe novamente, a preços acessíveis, este sistema de excursões de 6 dias «à forfait» (todas as despesas incluídas) a partir de 1350$00. Peça informações e folheto descritivo nas Secções de Informações, nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

DOUTOR

ARTUR DE OLIVEIRA RAMOS

MISSA DE 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Artur Manuel Monteiro Ramos sua mulher e filhas, Maria Inês Monteiro Ramos Monteiro, seu marido e filha, Maria Clotilde Monteiro Ramos Franco Feijoó seu marido e filhos, Jaime Manuel Monteiro sua mulher e filho, Carlos Chambers Ramos sua mulher e filhos, Inês Amélia Chambers Ramos Guardado Lopes seus marido e filhos, Maria de Chambers Ramos e filhos, António da Fonseca Monteiro e mais família, participam que amanhã pelas 11.30 horas na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, será celebrada missa sufragando a alma do seu muito querido pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto, bem como às que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar a quem por desconhecimento de moradas o não fizeram directamente.

P. N. A. M.

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

esteve perfeitamente á altura da Banda.

IRONSIDE E A SUA FAUNA

Ontem, em vez de uma cadeira de paralítico, tivemos duas: a de Ironside e a do seu subordinado o jovem Mark apanhado por um automóvel com más intenções.

Era uma emissão com fauna tenebrosa: havia referências «a este mundo de chacais»; o episódio intitulava-se «Lobos humanos»; e a reunião do conselho de pirataria foi apresentado como «uma reunião de abutres». Durasse o filme alguns minutos mais e chegávamos ás hienas, aos jacarés, ás cobras & lagartos, etc.

O balanço do episódio dá-nos um rapto, um furto e duas tentativas de homicídio. O rapto teve extraordinária realização. Proponho a sua inclusão na «TV Educativa».

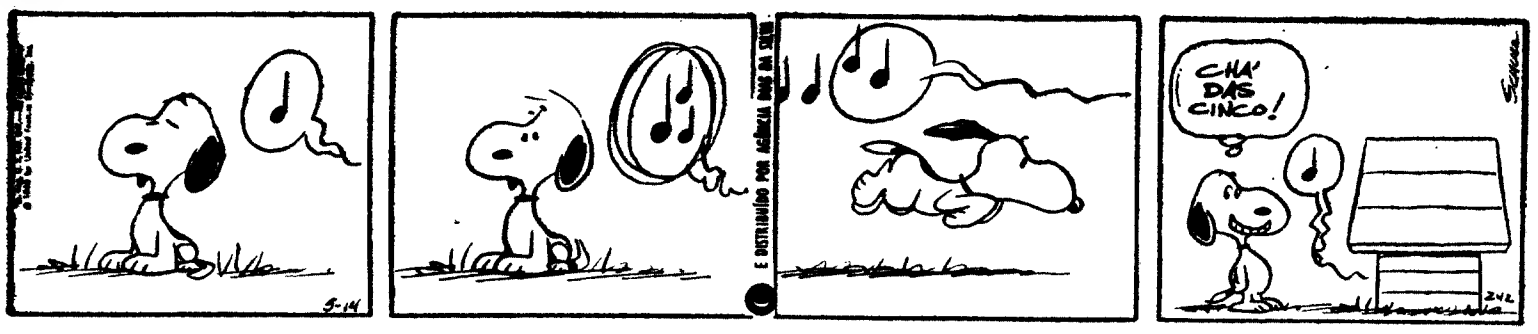
Com tudo isto não suponham que a emissão era de crimes, de maldades ou até mesmo de malandrices. Não senhor, olhòdisparate. Pelo contrário foi tudo por amor. Rich tinha uma paixão louca por Glória James, que por sinal até era filha de um polaco chamado Tandensz. Paixão tão louca que, quando a rapariga enlouqueceu, em vez de a meter num bom manicómio, como a qualquer maluquinho que se preze, não senhor: fecha-a num quarto para a ter sempre ao pé de si.

Não se estejam a rir. Foi tudo dramático, ontem. Ò mórbido, ò dramático!, como as laranjadas nas bancadas do futebol. A verdade é que, quer se riam ou não, e para usar algumas das sábias palavras do chefe Ironside «isto em nada altera a baralhada em que nos metemos».

Baralhada que vai desde «Ironside» até á «Missão impossível», até ao neófito «Ladrão, precisa-se». Baralhada que nos põe a cabeça e os nervos á razão de juros.

É verdade: não esqueçam aquela minha sugestão da «TV Educativa». — *M. C.*

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 19 de Junho de 1939 publicava:

«HAIFA, 19 — Estalou uma bomba no mercado de legumes desta cidade. Há quinze mortos e 19 feridos. As vítimas são todas árabes.

«Em consequência deste atentado, as autoridades mandaram fechar as lojas e detêm todos os carros que entram ou saem da cidade. Um inspector inglês ficou ligeiramente ferido.

«Outra bomba explodiu no cano de esgoto que serve o bairro judeu de Harda e Camel. A tropa inglesa ocupou os dois bairros, este e o do mercado.»

Caminho de Ferro

SERVIÇO ESPECIAL

PARA BADAJOZ

22 a 29 de Junho

Bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos

Comunica-nos a C P que em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos-de-Ferro Espanhóis (RENFE) vende, nas estações de Lisboa (Santa Apolónia) Entroncamento, Torre das Vargens, Tramagal, Crato Marvão-Beirã Portalegre e Elvas bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos, para a estação de Badajoz, por motivo da Feira e Festa de S João

Validade dos bilhetes — Ida 17 a 29 de Junho; Volta 22 de Junho a 4 de Julho

Palavras cruzadas

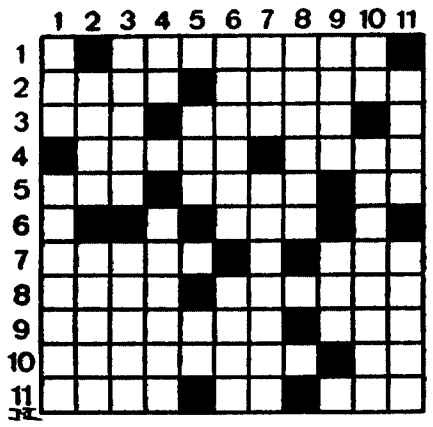
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5211

HORIZONTAIS: 1 — Prosápias. 2 — Aptiquet. Cogitar. 3 — Casa Sublime. 4 — Estrondear. Gastar. 5 — Filtro. Alegre. Pedra de moinho. 6 — Espaço de tempo. 7 — Ermida fora do povoado. Anel. 8 — Toro. Expirou. 9 — Género de pássaros da família dos acentorídeos, que voam a pequena altura. Gemidos. 10 — Projector. Popa. 11 — Patrões. Certo. Vai à rua.

VERTICAIS: 1 — Árvore cuja casca aromatiza o vinho. Impressionada. 2 — Animal que faz criação com as patas. Elemento de composição de palavras que designa «recente», «há pouco». 3 — Asno. Pedido de auxílio. 4 — Artigo (pl.). Rapaz galante e presumido. 5 — Óxido de cálcio. Símbolo químico do tungsténio. 6 — Realizem. Triturou. 7 — Bílis. Entretam. 8 — Pequenas ilhas formadas pelos rios. 9 — Liberdade. Pedra de altar. 10 — Apelido. Árvore de cujas folhas se sustentam os bichos da seda. 11 — Invulgar. Atrevi-me.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5210

HORIZONTAIS: 1 — Alvares. Ias. 2 — Ih. MADRASTA. 3 — Remate. Icem. 4 — O. Ena. Ano. 5 — Diabo. Lá. Dá. 6 — An. Aura. Sés. 7 — Dás. Vem. — 8 — Custearem. 9 — Al. Armazéns. 10 — Etc. Aos. 11 — NOME. Sobras.

VERTICAIS: 1 — Alroda. Coen. 2 — LHE. Indulto. 3 — Moa. Ás. CM. 4 — Ama. BASTA. 5 — Rateou. Era. 6 — Eden. Riamos. 7 — Sr. Ala. Raso. 8 — Ai. Vez. 9 — Isca. Semear. 10 — Atendem. 11 — Samoas. Usos.

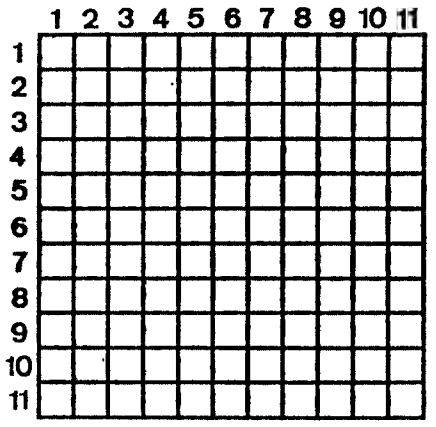
(Provérbio: MADRASTA, O NOME LHE BASTA).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9054

HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Portugal. Risca. 2 — Caminhas. Lavram. 3 — Capa sem mangas. Cidade de França. Nome de um jogo. 4 — Batráquio. Macias. Grama. 5 — Tostem. Chuvisco (bras.). 6 — Artigo definido. Níquel (s. q.). 7 — Cidade da Bolívia. Tolero. 8 — Preposição e artigo definido. Oráculo. Nesse lugar. 9 — Criminoso. Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Senhor em inglês. 10 — Cancioneiro oriental. Conduzo. 11 — Guarnecidas de asas. Leões da América.

VERTICAIS: 1 — Cidade de Portugal. Aguardente de medronho. 2 — Grutas originadas por erosão. Ratais. 3 — Caminho. Ecoa. Nome de fruto. 4 — Campeão. Ágil. Suspiro. 5 — Instrumento para encurvar as calhas das linhas férreas. Apelido. 6 — Ofereces. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. 7 — Página (abrev.) Nome de uma letra. 8 — Rádio (s. q.). Canonizado. Lutécio (s. q.). 9 — Heroína francesa que foi queimada viva. Escarneceu. Preposição. 10 — Incumbência. Grande apetite. 11 — Fruto silvestre. Naipe das cartas de jogar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9053

HORIZONTAIS: 1 — Falua. Ataca. 2 — Ram. Ocos. 3 — Urrem. Brasa. 4 — To. Rimar. Ar. 5 — Colares. 6 — Ce. Op. 7 — Rampa. Salir. 8 — In. Ramal. Ro. 9 — Metem. Samos. 10 — Alas. Vaga. 11 — Malas. Balas.

VERTICAIS: 1 — Fruta. Rimam. 2 — Airá. Canelo. 3 — Lar. Cem. Tal. 4 — Úmero. Presa. 5 — Mil. Aam. 6 — Mar. 7 — Bar. Sãs. 8 — Torre. Alava. 9 — Cosa. Piroga. 11 — Asara. Rosas.

CARROS USADOS

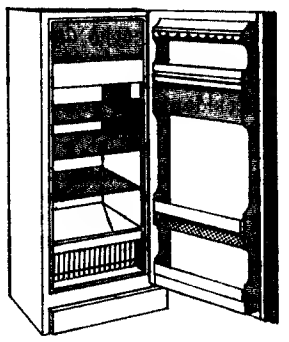
NSU P 30	1960
NSU 110 SC	1966
NSU 1000	1966
NSU 1000	1967
NSU P 4	1967
Fiat 2100	1960
Taunus (Ford)	1967
MG 1100	1965
Comet 202	1964
Cortina	1964
Cadilac impecável	1962
Ford Thames	1960
Henkel	1965
Fiat 1100	1957
Taunus (1500)	1964
IMP	1967
Alfa Romeo	1963
Volvo B-18	
Citroen DS 21	
Ford Anglia	1962
NSU P 4	1965
NSU 1000	1965
Lotus Elan	1966
Consul Cortina	1964
Taunus 15 MTS	1968
MG 1100	1966

Austin Cooper S motor transformado c/ muitos extras.

AUTO EDUARDO COSTA, LDA.

Rua de Campolide, 27-B

OS PRIMEIROS NO MUNDO



a adoptar uma nova técnica na refrigeração que permite:

- maior capacidade em menor espaço
- mais frio e menor consumo a preços mais baixos

FRIGORÍFICOS IGNIS

SÉRIE SPAZIALE (**) 25

REPRESENTANTES: Soc. de Rep. SIDA SUECA, LDA.

RUA DE S. NICOLAU, 44, 48 LISBOA

100.000$00

Será a entrada inicial do seu futuro andar para habitação ou rendimento, c/ 5 div. ass., aquecimento, 2 c. banho, coz., desp., arrecadação na cave, em prédio com elevador óptimamente localizado.

Trata o próprio — Telefs. 553809 - 933859.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

AGOSTINHO: LISBOA, ESCALA PARA O «TOUR»

Depois do êxito da participação na Volta ao Luxemburgo, chegou ontem a Lisboa o ciclista do Sporting Joaquim Agostinho. O valoroso estradista, cuja categoria começa agora a vincar-se além-fronteiras, participará no mês de Julho na «Volta a França» integrado na equipa da «Frimatic». Para Joaquim Agostinho abrem-se assim as portas da fama conquistando a admiração dos meios velocipédicos internacionais.

TÉNIS DE MESA

O BENFICA É CAMPEÃO NACIONAL

Com a finalíssima de ontem, á noite, no pavilhão de Campo de Ourique, bem guarnecido de publico, concluíram-se os campeonatos nacionais, dos quais só o título da 1.ª Divisão estava por decidir.

Postas frente a frente as equipas do Benfica e do Sporting — as duas melhores de que o ténis de mesa português ora dispõe — a expectativa era grande e absolutamente compreensível, tanto mais que se anunciara que as duas equipas se apresentariam na máxima força.

Mas... não foi assim. Não pôde ser assim, porque ao Sporting faltaram Delfim Soares (que ontem se lesionara num pé) e João Campos (impossibilitado pelos seus afazeres).

Daí a expectativa ter sido iludida, porquanto a luta não teve o valor e a emoção que se previam. Com a maior facilidade os benfiquistas chegaram a 4-0, parecendo que descansaram. Se, de facto, assim foi, terão os «encarnados» sentido bem que não o deveriam ter feito, pois a reacção dos sportinguistas colocou o marcador em 4-3, o que podia trazer as suas consequências. E daria ao Sporting uma vitória sensacional. Mas, não. Deu, apenas, uma derrota que não deslustra.

Entre as duas equipas tudo é de admitir. Ganhou o Benfica O título ficou bem entregue.

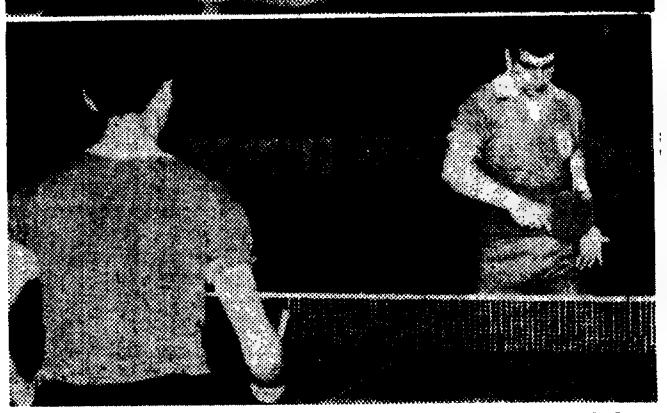
Resultados parciais:

José Alvoeiro (Bf.) v. António Gameira, por 19-21, 21-9 e 21-10; João Rui (Bf.) v. Luís Amaro, por 21-14 e 21-17; Manuel Carvalho (Bf.) v. António Osório, por 21-12 e 21-16; João Rui (Bf.) v. A. Gameira, por 21-13 e 21-12; António Osório (Spt.) v. J. Alvoeiro, por 21-18 e 21-14; Luís Amaro (Spt.) v. M. Carvalho, por 21-9 e 21-16; A. Osório (Spt.) v. João Rui, por 21-15 e 21-15; Manuel Carvalho (Bf.) v. A. Gameira, por 21-12 e 23-21.

Em resumo e para melhor julgamento da actuação de cada jogador:

Benfica — Alvoeiro (1-1), Rui (2-1) e Carvalho (2-1).

Sporting — A. Gameira (0-3), Luís Amaro (1-1) e A. Osório (2-1).



A equipa de ténis de mesa do Benfica conquistou o título nacional da modalidade. Vemos na imagem uma fase da partida José Alvoeiro-Gameiro, e o conjunto campeão formado por: João Rui, António Alvoeiro e Manuel Carvalho

UM «PLENÁRIO» NO BELENENSES

Integrado nas comemorações do cinquentenário do Belenenses, realiza-se no próximo dia 21, pelas 21.30 h., na Delegação daquele clube, um «Plenário» presidido pelo dr. Gouveia da Veiga, Presidente da Junta Directiva, com a presença das Filiais e Delegações do Continente e Ultramar, dos representantes do Belenenses nos vários orga nismos desportivos e, ainda, dos actuais dirigentes.

INAUGURADA A LUZ NO CAMPO DO ALMADA

O Almada Atlético Clube esteve ontem em festa, pois, integrado nas comemorações do seu 20.º aniversário procedeu á inauguração da luz eléctrica no seu campo de jogos. Noite de alegria e satisfação, portanto, para o popular clube que vê assim realizada uma antiga e justificada aspiração.

No festival estavam integrados dois encontros de futebol. No primeiro, o Cova da Piedade venceu o Almada por 2-0 e, no outro, Belenenses e V. Setubal empataram a um golo.

Qualquer dos encontros decorreu com relativo agrado, procurando qualquer das equipas, com o maior denodo e aplicação, chegar á vitória. Na partida entre «azuis» e sadinos chegou-se ao final do tempo regulamentar com as equipas igualadas. Recorreu-se, assim, ao sistema da marcação de grandes penalidades que permitiram ao Belenenses conquistar a taça «João Romano».

OS «SUB-23» DA JUGOSLÁVIA SÃO CAMPEÕES DA EUROPA

Resolveu a U. E. F. A. — sem que haja grande justificação para o facto — fazer disputar em Navi Sud, a final do falhado torneio europeu de «esperanças», destinado a jogadores com menos de 23 anos.

Assim, defrontaram-se as equipas da Jugoslávia (que já detinha o título) e a Espanha. Os jugoslavos sairam vencedores por 3-0 continuando, portanto, campeões europeus na categoria.

INSTANTÂNEOS

FICA TUDO EM CASA...

O lar do casal Raposo Borges está em festa. O marido acaba de bater o «record» do salto à vara e a esposa — Adília Silvério — ultrapassou os doze metros no peso.

Embora, entre nós, não falte quem ande à vara, Raposo vai mais alto do que qualquer compatriota e sua mulher manda peso como nenhuma outra portuguesa.

Como mandam as regras do bem viver em comum, ambos contribuem para valorizar o património familiar. Fica tudo em casa...

AMOR DE IRMÃO

Os diversos amores que ligam as pessoas têm sido cantados em todos os tons. O amor de irmão, porém, conta com raros poemas e canções que o celebrem.

A visita de João Havelange, nosso irmão do

nosso mano Brasil, mereceria, no entanto, um hino que traduzisse o seu significado.

Ao vir até nós, ele demonstrou ser... um amor de irmão.

O MASSACRE DE VÍTOR ALVES

Era um moço que, segundo os entendidos, podia vir a ser alguém no pugilismo. Todavia, talvez pelos mesmos motivos que liquidaram Belarmino e outros, perdeu-se no anonimato.

Ao folhearmos um jornal espanhol deparou-se-nos a notícia de que Vítor Alves sofrera mais um K. O. Os «segundos», prudentemente, fizeram-no abandonar o combate ao segundo assalto, evitando que o massacre tomasse maiores proporções.

Qualquer semelhança entre isto e desporto não passa de «impura» coincidência.

SURDOS-MUDOS DÃO O EXEMPLO

Na sessão de encerramento da Semana de Educação Física, verificou-se a presença de um grupo de rapazes do Instituto de Surdos-Mudos da Imaculada Conceição.

Um professor — Silva Ferreira — entregou-se á tarefa-sacerdócio de formar uma classe de ginástica com jovens privados daqueles preciosos sentidos.

O espectáculo, verdadeiramente sensibilizante, terá constituído uma lição e dado um exemplo áqueles que, com todos os sentidos intactos, perderam o sentido da existência.

A TRISTE VITÓRIA DE FELICE GIMONDI

Edy Merckx tinha o «Giro» no papo. Claro que os italianos, principalmente, não achavam o mais que provável êxito do belga mesma nada «giro».

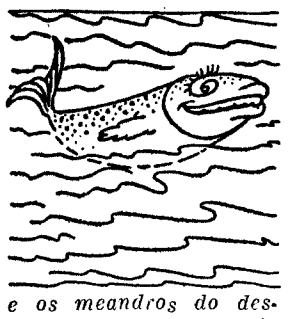
Eis se não quando, o campeão da Bélgica é acusado de «dopping». Uma análise, a juntar a várias outras a que havia sido submetido, acusou ingestão de drogas por parte de Merckx.

E a «camisola rosa» passou, imediatamente, ao dorso de Felice Gimondi. Que obteve assim uma triste e melancólica vitória

COMO PEIXE NA ÁGUA...

O Vitória de Setubal mostrou-se, uma vez mais, de singular coerência, ao eleger o novo presidente da direcção. A escolha recaiu no dr. Aníbal Pescadinha.

Pessoa que conhece perfeitamente os problemas



e os meandros do desporto da sua terra, este dirigente fará, certamente, bom lugar.

No clube do Sado, o dr. Pescadinha sente-se como peixe na água...

Texto de Francisco Camilo — Desenho de Pargana

O FUTEBOL E A FOME

ROMA, 19 — (A. N. I.) — O deputado italiano Mario Fiorot pediu ao Governo que aplique um imposto importante sobre a verba dispendida pelos grandes clubes na aquisição de futebolistas famosos e destine as verbas assim obtidas ao auxilio ás populações famintas dos países atrasados.

Segundo o deputado Mario Fiorot (Democracia Cristã) o imposto seria progressivo.

As comemorações do aniversário do «Desporto e Recreio» de Moimenta da Beira

MOIMENTA DA BEIRA, 19 — O Clube de Desporto e Recreio de Moimenta da Beira vai assinalar a data do seu 24.º aniversário com diversas provas desportivas: no dia 22 de Junho, domingo, efectua-se o II Torneio de Tiro aos Pratos de Moimenta da Beira, com cerca de vinte taças em disputa, entre as quais a «Taça Camara Municipal», em prata, no valor de 2300$00, destinada ao 1.º classificado da Prova de Honra; no dia 29 de Junho disputa-se a II Corrida Pedestre Leomil-Moimenta da Beira e um desafio de futebol com o Sporting Clube de Lamego, segundo classificado da III Divisão Nacional na respectiva zona. Para divulgação das respectivas modalidades, o clube promoverá um Torneio Popular Relampago de Futebol e de ténis de mesa, extensivo aos concelhos vizinhos.

Finalmente, no dia 20 de Julho, no Campo Municipal do Matão, defrontar-se-ão as equipas de seniores e de juniores do clube aniversariante, encerrando-se as comemorações com um jantar de confraternização e de homenagem aos jogadores da equipa principal de futebol, ao qual vão associar-se muitos moimentenses, orgulhosos e agradecidos pelo brioso comportamento do clube da sua terra no Campeonato de futebol da I Divisão distrital.

Acontecimentos DE ONTEM

ANDEBOL

O torneio do «Dia Olímpico»

Organizado pela Associação de Lisboa e destinado a equipas de juvenis disputou-se, no Pavilhão da Ajuda, o torneio «Dia Olímpico».

Na 1.ª eliminatória os resultados foram os seguintes:

Sporting, 13-Belenenses, 6
Pas. Manuel, 9-Almada, 8

Classificou-se em 1.º lugar o Passos Manuel seguido pelo Almada, Sporting e Belenenses. z

HÓQUEI EM PATINS

A taça «Rogério Futscher»

A penultima jornada da taça «Rogério Futscher» forneceu os seguintes resultados:

Cascais, 3-Salesiana, 1
Clm. Tejo, 0-Paço de Arcos, 5
Sporting, 8-Sp. de Torres, 1.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O ZELOSO CONSELHO DE DISCIPLINA

Atento ao seu papel de zelar pela disciplina no ambito da F. P. F., o conselho da dita (disciplina) puniu o treinador Costa Pereira com o pesado castigo de três meses de suspensão. O delito daquele treinador foi o de se referir á actuação de um árbito — em entrevistas concedidas a jornais desportivos — com expressões consideradas injuriosas.

Não deixará de merecer a atenção de especialistas de Direito este assunto, para esclarecer se cabe á Federação, onde não tem assento representante do Sindicato dos Treinadores, punir de tal forma um profissional. O que se pretende agora salientar, no entanto, é este elucidativo passo do acórdão proferido pelo Conselho de Disciplina da F. P. F.:

«...a verdade é que o praticante, o dirigente ou o técnico de qualquer modalidade, não pode alhear-se, em momento algum, dos princípios de correcção desportiva, sem a qual se nega a própria essência do desporto.»

Muito, muito bem. Simplesmente, o mesmo conselho que baseia algumas das suas actuações na leitura de jornais desportivos e que considera que «o praticante, o dirigente ou o técnico não pode alhear-se em momento algum dos princípios de correcção desportiva» não funcionou (falta de tempo?) num recente e conhecido incidente em que foram intérpretes um dirigente (da Federação) e um treinador (da Federação) e ofendido um jornalista. Ai, e embora o caso viesse relatado não só nos jornais desportivos mas em vários outros, o Conselho ficou-se nas covas.

M. Z.

II TORNEIO DE S. JOÃO

GUIMARÃES-SLOVAN

AMANHÃ, NO ESTÁDIO DAS ANTAS

• O TORNEIO INICIA-SE COM O JOGO F. C. PORTO-BOAVISTA

O F. C. do Porto volta a organizar, este ano, o Torneio de S. João, prova que a época passada, na sua primeira edição, teve por vencedora a Académica de Coimbra (este ano também convidada mas que não pode estar presente devido á sua participação na Taça de Portugal).

O clube organizador, o Boavista, o Vitória de Guimarães e Slovan de Bratislava, são os grupos participantes que, por variadíssimas razões, podem proporcionar o êxito ambicionado pelos organizadores nesta prova dotada com a taça Cidade do Porto e incluida nos festejos do S. João, iniciativa que este ano excede em encargos a ordem dos 600 contos.

Os «axadrezados» porque subiram de divisão, as duas outras portuenses, porque tiveram excelente comportamento no ultimo campeonato nacional e os checos porque venceram a ultima e importante edição da Taça das Taças, constituem atributos válidos de interesse e expectativa que está a rodear o torneio.

No primeiro dia, amanhã, ás 20 e 30, defrontam-se no primeiro jogo o F. C. do Porto e o Boavista. Os «axadrezados» recentes vencedores dos «azuis e brancos» na homenagem aos primeiros, não encontraram certamente desta vez as facilidades daquele desafio. O F. C. do Porto quer estar presente na final e portanto todos os esforços fará nesse sentido precavendo-se para qualquer surpresa e tudo leva a crer que o consiga, não obstante a oposição que possa oferecer-lhe o Boavista.

O segundo jogo da primeira jornada sugere outras cogitações que assentam fundamentalmente na incerteza quanto ao vencedor. O Guimarães com um sistema de jogo mais em habilidade do que em força enfrentará um conjunto predominantemente prático, sem enfeites, que actua mais em força do que em jeito, com o sentido directo na baliza adversária. Da dissemelhança de sistemas o mais produtivo, embora menos vistosos, parece ser o dos checos. Daí porém á sua presumível vitória há uma certa diferença. Duvida, portanto, quanto ao vencedor que, tudo leva a crer, defrontará o F. C. do Porto na final.

Do domingo, as equipas vencidas da primeira jornada defrontar-se-ão ás 16 horas e as vencedoras decutirão a vitória no torneio, ás 18 horas.

Fonseca, um novo guarda-redes benfiquista

FONSECA NO BENFICA

• PEDRO PREFERIU CONTINUAR NA CUF

Ao fim de aturadas diligências que vêm da época transacta, o prometedor guarda-redes Fonseca, do Leixões, é práticamente jogador do Benfica.

Com efeito quer o futebolista quer o clube de Matosinhos concordaram com a proposta dos «encarnados»: 1000 contos para o Leixões e 500 contos para Fonseca.

A concordância das partes interessadas na transferência deve-se, contudo, á posição assumida pelo indigitado presidente da direcção do Leixões, Gouveia Ramos, que condicionou a aceitação do cargo á efectivação da cedência do jogador, uma ramente os dirigentes.

Pedro continua na C.U.F.

Ao contrário do que tudo parecia indicar, Pedro continuará a representar na próxima temporada a equipa do Desportivo da Cuf.

Para esta reviravolta contribuiu uma nova proposta dos dirigentes cufistas ao futebolista, para a prorrogação do prazo do respectivo contrato numa base de cem contos por temporada.

vez que esta vem possibilitar ao clube o indispensável desafogo económico.

Entretanto Fonseca foi já submetido em Lisboa a um exame médico, pelo departamento clínico do Benfica, cujo resultado satisfez inteiramente os dirigentes.

Corpos gerentes do Clube Desportivo de Pedrouços

Em recente assembleia geral do Clube Desportivo de Pedrouços foram eleitos os corpos gerentes da colectividade para o ano de 1969 cuja constituição é a seguinte:

Mesa da assembleia geral — presidente, Manuel Lopes Peixoto; 1.º secretário, José Gomes de Araujo; 2.º secretário, António Eduardo de Matos Rodrigues. *Conselho fiscal* — presidente, Julio Rocha Borges; secretário, Luís Alves Miguel; relator, Alberto Cunha; suplentes; Ernesto Rosário Cadaval da Rocha e Américo Osvaldo Esteves dos Santos. *Direcção* — presidente, Américo Jorge Burnett Lapido; vice-presidente, António dos Santos; 1.º secretário, Francisco Baptista Sá Ruivo; 2.º secretário, José Augusto Alves da Silva; tesoureiro, Manuel de Morais Carvalho; vogais: José Brás Duarte e António da Costa Barradas; suplentes: António José Salgueiro Rego e Helder Filipe Gomes Neto. *Delegados á Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio* — Efectivo, Octávio de São Marcos Gaspar; suplente, Augusto do Nascimento d'Assunção.

NATAÇÃO EM ALGÉS

AS ESCOLAS DE QUATRO CLUBES APRESENTARAM OS SEUS «PRODUTOS»

Com a participação de nadadores das escolas do Algés e Dafundo, Benfica, Pedrouços e S. F. U. A. Piedense — faltaram, portanto, representantes do Nacional de Natação, Belenenses e Cimentos Tejo — a Associação de Natação de Lisboa realizou, ontem, na piscina de Algés, o seu Torneio de Junho, reservado a jovens de 8 e 9 anos.

Do programa constavam 12 provas, das quais nove foram ganhas pelos pequenos nadadores do Algés e Dafundo, pertencendo as restantes vitórias aos jovens do Benfica, do Pedrouços e da Artística Piedense, que deste modo animaram a reunião.

Os resultados das provas masculinas foram os seguintes:

33 m costas — 1.º Paulo Lopes (Bfc.), 36,1 s; 2.º, Carlos Santos (Algés), 38 s.

66 m livres — 1.º, Orlando Dias (Algés), 1 m 5,6 s; 2.º, Rui Claudino (Piedense), 1 m 31 s.

33 m bruços — 1.º, Carlos Banha (Algés), 37,5 s.; 2.º, Paulo Silva (Bfc.), 40,9 s.

66 m costas — 1.º, Carlos Barreiros (Algés), 1 m 27,4 s; 2.º, Carlos Dionísio (Algés), 1 m 37,1 s.

33 m livres — 1.º, Carlos Banha (Algés), 34,1 s; 2.º, Carlos Crespo (Ped.), 34,3 s.

66 m bruços — 1.º, Luís Claudino (Piedense), 1 m 30,5 s; 2.º, Rui Claudino (Piedense) 1 m 37,4 s.

Nas provas femininas:

33 m bruços — 1.º, Maria Cristina Alves (Algés) 43,7 s; 2.º, Cristina Casinhas (Algés), 44 s.

66 m, costas — 1.º, Susana Ferra (Algés), 1 m 20,6 s; 2.º, Alda Pedroso (Ped.), 1 m 33,6 s.

33 m, livres — 1.º, Luísa Margarida (Algés), 44,9 s; 2.º, Ana Cristina Pires (Bf.), 45,2 s.

66 m, bruços — 1.º, Susana Ferra (Algés), 1 m 30 s; 2.º, Alda Reis (Algés), 1 m 45,1 s.

33 m, costas — 1.º, Maria José Lamas (Algés), 34,5 s; 2.º, Teresa Ribeiro (Algés), 38,2 s.

66 m, livres — 1.º, Alda Pedroso (Ped.), 1 m 7,2 s; 2.º, Alda Pais (Algés), 1 m 14,5 s.

CICLISMO

REALIZA-SE A 20 DE JULHO O «II GRANDE PRÉMIO S. I. S. SACHS»

Numa organização do Sangalhos Desporto Clube disputa-se no dia 20 de Julho o «II Grande Prémio S. I. S. Sachs», em ciclismo.

A prova é disputada em duas etapas sendo a primeira de 185 quilómetros disputada em linha, no seguinte percurso:

Anadia (junto ao jardim), Vendas da Pedreira, Curia, Mealhada, Coimbra (cruzamento da Adémia), Geria, Tentugal, Montemor-o-Velho, Figueira da Foz, Tocha, Mira, Vagos, Ilhavo, Gafanhas, Vagueira, Costa Nova, Barra, Gafanha da Nazaré, Aveiro, Eixo, Travassô, Mourisca, Agueda, Avelãs de Caminho, Malaposta (Bico), Sangalhos.

A partida está marcada para as 8 horas efectuando-se depois às 18 horas na pista de ciclismo da Bairrada a segunda etapa da corrida em séries de 10 corredores que darão dez voltas à pista na distância de dez quilómetros.

II GRANDE PRÉMIO PHILIPS

Também a organização do II Grande Prémio Philips que se disputa de 25 a 29 de Junho divulgou já os locais de contagem do prémio de montanha.

Assim aquela competição comportará cinco metas que contam para aquele prémio: a primeira instalada na serra da Arrábida (2.ª categoria) na primeira etapa entre Sintra e Setubal. Na quarta tirada entre Portalegre e as Penhas da Saude haverá duas contagens: a primeira na serra da Gardunha (3.ª categoria) e a segunda nas Penhas da Saude (1.ª categoria).

Na 5.ª etapa, disputada pelo sistema de contra-relógio entre a Covilhã e a Guarda inclui-se outra contagem: no Alto de Santa Cruz (2.ª categoria) e no derradeiro troço entre Viseu e Porto novamente os corredores pontuarão para o «prémio da montanha» na passagem da serra do Caramulo (2.ª categoria).

Entretanto anuncia-se para a véspera da corrida (dia 24) uma reunião ás 19 horas dos delegados das equipas concorrentes e que são: Ambar, F. C. Porto, Benfica, Sporting, Coelima, Ginásio de Tavira e Sangalhos. Uma hora depois (ás 20 horas) os organizadores reunem-se com os representantes dos órgãos de Informação.

HOJE À NOITE

NATAÇÃO — Torneio do 54.º aniversário do Sport Algés e Dafundo (interclubes), 2.ª jornada, na piscina de Algés, ás 21 e 15.

NO PORTO

BILHAR — «Taça Francisco Carvalho» — Jogos a partir das 21 e 15, na sala do Café Ceuta.

— «Taça José Jaime» — Jogos a partir das 21 e 15, no Café Astória.

TÉNIS DE MESA — Torneio Popular de Juvenis: Miragaia - C. P. de Natação e Contumil-Paz e Sossego, jogos a partir das 21 e 30, nas salas dos primeiros.

DIVERSOS — Assembleia geral do Leixões: Às 21 horas, no salão nobre do Orfeão de Matosinhos para apreciação do relatório e contas do exercício de 1968 e eleição dos novos corpos gerentes.

A ACADÉMICA É FINALISTA

COIMBRA VEM PASSAR O DOMINGO EM LISBOA

A presença da equipa da Académica na final da Taça de Portugal no próximo domingo no Estádio Nacional, começou já a reflectir-se no quotidiano da vida coimbrã.

Com efeito numerosa falange de apoio á turma estudantil prepara a sua deslocação a Lisboa. Organizou já um comboio especial cujos lugares rápidamente se esgotaram o que obrigou a acrescentar mais algumas carruagens á composição. Pois mesmo assim logo foram vendidos os respectivos bilhetes.

E estão também mobilizados muitos automóveis e camionetas para a «invasão» do Jamor.

Entretanto a equipa da Académica efectua esta tarde no Estádio Municipal o seu habitual treino de conjunto e só depois deste é que o treinador Francisco Andrade indicará quais os jogadores que deverão deslocar-se a Lisboa. Além disso ainda nada foi decidido quanto a estágios, mas pensa-se que os futebolistas escolares irão passar os dias que antecedem a final, concentrados na Curia.

COMBIN ASSINOU PELO MILAN

MILÃO, 18 — (F. P.) — Nestor Combin jogará na próxima época pelo Milan. O antigo avançado-centro da equipa de França assinou ontem o contrato que o liga aos actuais campeões europeus.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

SITURCO

SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS DE TURISMO E DE CONSTRUÇÃO, LDA.

ORGULHA-SE DE APRESENTAR A

(A PRIMEIRA FASE FOI TOTALMENTE VENDIDA)

DO SEU EMPREENDIMENTO

PARQUE RESIDENCIAL DAS MERCÊS

O BANCO TOTTA-ALIANÇA — ONDE O COMPRADOR DEPOSITARÁ OS VALORES DA SUA ENTREGA INICIAL — PRESTA A SUA COLABORAÇÃO OFERECENDO-LHE, A PAR DO SEU SERVIÇO TRADICIONAL, A GARANTIA DO REEMBOLSO, CASO A VENDA EFECTIVA NÃO SE REALIZE POR FACTO IMPUTÁVEL AO VENDEDOR.

FACILIDADES DE PAGAMENTO * CAIXAS DE PREVIDÊNCIA

INSCREVA-SE DESDE JÁ NA:

***SITURCO**
RUA DO SOL AO RATO, Nº 104, 2º D - LISBOA
TELEFONES: 68 12 28 — 68 09 59 — 68 22 54

*A SITURCO ESTÁ INCLUÍDA NO GRUPO DE **EMPRESAS SEPULCHRE**

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE
«LSD» - DROGA ALUCINANTE — Vox

VOX
(M. 17 anos) Tel. 720808
Às 21.45 — **Noite de Estreia**
Harry Guardino, Hope Lange e Bradford Dillman no excepcional filme
«LDS» — DROGA ALUCINANTE
Às 18.30 — Últimas — «Vivo... mas alegre» — (17 anos)

IMPÉRIO
(12 anos) Tel. 555134
Apresentação da obra total russa em cada dia
GUERRA E PAZ
Às 15 horas — 1.º episódio: **AUSTERLITZ** (filme às 15.07)
Às 18.30 — 2.º episódio: **NATASHA** (filme às 18.30)
Às 21.30 — 3.º episódio: **O INCÊNDIO DE MOSCOVO «A VITÓRIA»** (filme às 22.07)

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A obra fundamental de Alain Resnais
MURIEL, OU O TEMPO DE UM REGRESSO

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661616
Às 15.15 e 21.30
Um êxito que regressa em todo o seu esplendor
Um filme de Joshua Logan
3.ª SEMANA
NO SUL DO PACIFICO
em 70 m/m
Mitzi Gaynor e Rossano Brazzi

CONDES
(17 anos) Tels. 322523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Elizabeth Taylor e Laurence Harvey numa apaixonante história de amor
O NÚMERO DO AMOR
a mais desejável mulher da cidade e a mais difícil de encontrar

LIDO
(17 anos) Tel. 937593
Às 21.30
Um filme de emoção para publico de nervos de aço!
AS DIABÓLICAS
com **Simone Signoret** e **Paul Meurisse**

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Uma comédia original e divertida com
Peter Sellers e Jocker Flint
A BORBOLETA VERMELHA
TECHNICOLOR

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
Uma comédia original e divertida com
Peter Sellers e Jocker Flint
A BORBOLETA VERMELHA
Technicolor

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
O mais adulto filme que o cinema nos deu até hoje
A RAPOSA
com **Sandy Dennis e Keir Dullea**

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
BALADA PARA UM PISTOLEIRO
Um «WESTERN» de classe invulgar e grande realismo em
Eastmancolor e Ultrascope

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 388743
As 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
David Niven, Shirley MacLaine e Cantinflas no espectacular filme baseado no famoso livro de Júlio Verne
A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
uma fabulosa aventura vivida por 44 grandes artistas
Metro: Estação Picoas

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
BOA NOITE SRA. CAMPBELL
MAROC 7

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Uma espectacular super-produção
A CAMINHO DE OREGON
com Kirk Douglas, Robert Mitchum e Richard Widmark

ROMA
(17 anos) Tel. 727778
As 21.45
Um crime enigmático lança o inspector (Maigret) no mais difícil e perigoso dos seus inquéritos
MAIGRET E O ESPIÃO
c/ Heinz Rubmann e Françoise Prévost

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50598
As 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
18.ª semana de um grande êxito que se despede
Alain Delon, Romy Schneider e Maurice Ronet em
A PISCINA
Um filme de Jacques Deray

ODEON
(12 anos) Tel. 326283
15.15 e 18.15 (p. r.) e ás 21.30
1.º MÊS SENSACIONAL!
8.ª SEMANA DO FABULOSO ÊXITO DE GARGALHADA
BONANÇA & C.ª
com Eugénio Salvador, Nicolau Breyner, Mariema e outros consagrados artistas.

POLITEAMA
HOJE, ÀS 15.15 Tel. 326305
MATINÉE PARA CRIANÇAS
(MAIORES 6 ANOS)
EM 2.ª SEMANA
AVENTURA NO JAPÃO
com Teresa Wright
HOJE, ás 21.30 (M. 12 anos) em 2.ª SEMANA, com CANTINFLAS
ENTREGA IMEDIATA
(O espia X-U1-777)
HOJE ás 18.15 (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

CHIADO TERRASSE
(12 anos) Tel. 326017
As 21 horas
RITMO DE AVENTURA
O PRAZER DE MATAR

AVIS
(Adultos Tel 47163
As 21.45
EM 4.ª SEMANA
A mais expressiva obra do cinema italiano
FILHOS DE NINGUÉM
com Amadeo Nazzari e Yvonne Sansoi

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
Uma maliciosa comédia
A MINHA FILHA É UM PROBLEMA
com **David Niven** e **Lola Albright**

ESTUDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 779095
As 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
A obra-prima de Vittorio de Sica
MILAGRE DE MILÃO
A maravilhosa fábula dos pobres

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
OS CANHÕES DE NAVARONE
3 ESTAROLAS NUM HARÉM

CASINO ESTORIL
(17 anos) Tel. 269729
As 21.30
DAS ARDENAS AO INFERNO
com **Frederick Stafford** e **Daniela Bianchi**

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 22 h: «O segundo tiro» (17 anos)
VILLARET — Às 2 e 5: «Black-Out» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 5 e 23 h.: «Mãos à obra» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 9 h.: «Tarzan, filho das selvas» (12 anos).
ROYAL — Às 21 h: «Um estranho na minha vida» (17 anos).
PARIS — Às 21 h: «Até encontrei ciganos felizes» (17 anos).
IDEAL — Às 21 h.: «Acidente» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21 h: «Assalto ao Queen Mary» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21 h.: «Um homem em leilão» (17 anos).
CINEARTE — Às 21 h: «Esplendor na relva» (17 anos).
JARDIM — Às 21 h: «O tesouro dos Aztecas» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21 h.: «Boa sorte gringo» (12 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21 h.: «O elogio da preguiça» (12 anos).
CINE ORIENTE — Às 21 h.: «Grande corrida à volta do mundo» (12 anos)
S. L. BENFICA — Às 21 e 15: «O diabo e o mandamento» (17 anos)

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O incerto amanhã» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21.15: «Um rosto à chuva» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 1 e às 21 e 30: «Das Ardenas ao Inferno» (17 anos), e CINE-ESPLANADA — Às 2 e 30: «Totó na Arábia» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O cérebro do mal» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Uma rapariga nos teus braços» (12 anos)
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «A forte barreira» e «Jerry enfermeiro sem diploma» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Foge à vontade» (17 anos

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Uma incógnita chamada Duffy» (17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O grande mestre do crime» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Arizona Colt» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «O ladrão de quem se fala» (12 anos)

FESTIVAL NO CASINO ESTORIL

Na segunda-feira, à noite, decorre no Casino Estoril um festival cuja receita se destina ao reforço do Fundo Permanente dos Prémios Escolares instituídos pela revista «Defesa Nacional».

SOLAR DO MINHO
de Eduarda Maria
FADOS * FOLCLORE
R. do Vigário, 60 — ALFAMA
Telef. 86 68 11

FOLCLORE DE ANGOLA EM MAFRA

Após o êxito alcançado no teatro de bolso das Janelas Verdes e na Feira Nacional da Agricultura, em Santarém, o Grupo Folclórico de Angola exibe-se, amanhã, no Cine-Teatro São Jerónimo, em Mafra.

Hoje e no sábado decorrerão, na Casa da Comédia, as duas ultimas sessões do curioso grupo.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno F

AJUDA — Lidia Almeida, Calçada da Ajuda, 70 (6373 8)
ALCANTARA — Probidade, R. Alcantara, 15-B (638589).
ALFAMA — Anunciada, R. do Vigário, 74 (866360).
ANJOS — Guerra, R. Andrade, 32-36 (845513)
AREEIRO — Central do Areeiro, Av. Paris, 2 e 2-A (720820) * Belo, Avenida de Roma, 53-A (7763 4)
ALTO DO PINA — Eusil, R. Barão de Sabrosa, 04 (84 9 12)
ALVALADE — Alentejo, Av. Igreja, 28-B (712682) * Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (765262) * Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 76-B (725859).
ARROIOS — Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B-C (50487).
AVENIDA DA LIBERDADE — Galénica, R. das Pretas, 2-14 (322588)
AVENIDAS NOVAS — Cardoso, Lda., Av. Visconde Valmor, 28-A-B-C (77229) * Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (43938) * Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (42812).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (731216).
BAIXA — Internacional, R. do Ouro, 228 (322017-30203)
BELÉM — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 1-C (Pedrouços) (610741).
BENFICA — Marques, Est. de Benfica, 648 (700096) * Vitex Est. Benfica, 373-B (780548) * São João — Estrada do Luz 124-A (Tel 780548)
CAMPO DE OURIQUE — Almeida, R. Silva Carvalho, 36 (681726). * Condestável, R. Coelho da Rocha, 19 (666206)
CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (68093) * Rualto, Lda., R. do Alto do Carvalhão, 5-A, 5-B (651721).
CAMPO GRANDE — Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283-A (763016).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969)
CONDE DE REDONDO — Contemporanea, R. Conde de Redondo, 26-30 (45048)
ESTRELA — Aurélio Rego, Calç. da Estrela, 139 (66758)
GRAÇA — Progressiva, R. de St. Marinho, 18 (863619) * Alves de Carvalho, R. do Vale de Santo António, 7-9 (840125).
JANELAS VERDES — Infante Santo, R. Olival, 290 (66 003)
LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R. Lumiar, 22-124 (790332)
MARQUES DE POMBAL — Vieira Borges, R. Alexandre Herculano, 28 (40536)
OLIVAIS — Fernandes Borges, R. C., 3, lote 300 (31 091) * Central dos Olivais, Rua Alferes Barriaro Ruas, 1-C — Olivais Norte (315539)
PALHAVÃ — Curte, Av. Madame Curie, 5-A (778439)
PENHA DE FRANÇA — Dimar, R. Conde de Monsaraz, 17-B (842533)
PICHELEIRA — Marius, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703 e 728395)
PRINCIPE REAL — Oliveira, R. D. Pedro V, 23-25 (327880)
REGO — Prates & Mota, R. do Beneficência, 91 (773728)
SANTO AMARO — Santo Amaro, Rua Pinto Efeso 29-A-B (637070)
S. BENTO — Valentim, R. do Poço dos Negros, 88-90 (679453)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Grijó, R. do Grilo, 25
MOSCAVIDE — Santa Bárbara — Rua Francisco Marques Beato, 45-A (Tel 25 1 234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Avenida Combatentes G. Guerra, 166 (213953)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (24 28 39).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, Rua Costa Pinto, 186 243 20 34)
OEIRAS — Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (243 00 90).
PAREDE — Grincho, Av. da República, 87-A (247 204)
ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (261 86)
MONTE ESTORIL — Suíço — Cruzeiro (Tel 260087)
CASCAIS — Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (280170)—Nova, Estrada de Alvide — Fontainhas (280044)

● Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P. D. João I, lote 46 — Bairro Janeiro (932756) * Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (932210) * Igreja, P. da Igreja, lote 4 (937740) * Jardim, Av. Conde de Oeiras, lote X-1 — Reboleiro (938424)
DAMAIA — Confiança, Estrado Militar Lote D (Tel 97 10 28).
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (950905) * Zeller, R. da Republica, 83 (950045).
CACÉM — Central, 4 Elias Garcia, 55 (2940034)
MEM MARTINS — Quimia, Est. Mem Martins, 285 (291001?)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (980456).
SINTRA — Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (980391).
COLARES — Colares — Abreja, (299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge 19 — (234 00)
ALHOS VEDROS — Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (22 40 20).
ALMADA — Galeno, R. Cap. tão Leitão 85 (2760565)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est. Nacional, 174 (22 43 02).
BARREIRO — Higiénica, Rua D. Manuel I, 78 (22730 7)
COVA DA PIEDADE — Atlântica, Quinta do Pombal, (274365).
MOITA — Silva Rocha, P. da República, 16 (23 90 29)
MONTIJO — Diogo, R. Almirante Cândido dos Reis, 42 (2300823).
SESIMBRA — Lajes, R. Cândido dos Reis 67 (22 90 28)
SETÚBAL — Marques, R. Arronches Junqueiro (2 27 83) * Bonfim, Av. Rodrigues Manitto, 12 2 45 58).
SEIXAL — Godinho, L. da Igreja, 51 (221 85 80)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazcidla 538821 * Gazcidla (dom. e feriados) 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 * Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Publica, 366141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (informativa), 767777 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(M 15 anos)

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE e o célebre arroz CHAO CHAO

RESTAURANTE
António
COZINHA TÍPICAMENTE PORTUGUESA
AR CONDICIONADO
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
automóveis
(M 15 anos)

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Com 350 participantes de todo o País

principiou o «Encontro» com os órgãos locais de turismo

Principiou esta manhã e, prolonga-se até sábado, o Encontro com os Órgãos Locais de Turismo promovido pela Secretaria de Estado de Informação e Turismo com o objectivo de versar «problemas relativos á actividade dos órgãos locais de turismo, tendo em vista um melhor aproveitamento e um maior desenvolvimento das zonas de turismo». No encontro participam 350 representantes de autarquias locais (camaras e órgãos locais de turismo) hóteis, empresas 'ligadas ao turismo e agências de viagens.

As saudações de boas-vindas aos presentes foram apresentadas pelo secretário de Estado da Informação e Turismo, no Salão Nobre do Palácio Foz, onde decorre o encontro. 'O dr. César Moreira Baptista começou por salientar ser já antiga a regulamentação do turismo e das respectivas comissões (regulamentação que consta do Código Administrativo) impondo-se um esforço de actualização, para o qual muito podiam contribuir todos os participantes com o seu trabalho e as suas sugestões. Pediu que todos os problemas fossem, para o fim em vista, amplamente debatidos, e desejou o maior êxito para os trabalhos que se iam seguir. afirmando esperar que eles constituissem uma util contribuição para o turismo nacional.

Os trabalhos começaram imediatamente, divididos por quatro secções em que são debatidos os seguintes temas: I — O ógão local de turismo — Sua missão II — Turismo e desenvolvimento regional; III — Estudos turisticos a nível regional; IV — Temas livres. A 1.ª e 4.ª secções funcionam conjuntamente, sob a presidência do sr. Américo Ramalho, do Instituto das Novas Profissões, e a 2.ª e 3.ª são presididas respectivamente pelo dr. Miguel Caetano, do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho e pelo sr. José António Preto da Silva, do Instituto Superior de Línguas e Administração.

No decorrer das sessões de hoje foram apresentadas comunicações pelos srs. Alvaro Rolim, dr. J. B. Alves da Costa, dr. Oliveira Solas, dr. Godinho Cunha, Olímpio Duarte Alves e Equipa de Promoção de Braga (1.ª secção), dr. Rui da Silva Luz, dr. Correia Figueira, Jorge Saraiva Camelo, Alfredo Vasques Homem, Carlos do Vale, arq.º Norberto Correia, José Gonçalves e Tulio Espanca '(2.ª secção), arq.º Teixeira Guerra, Luís de Oliveira Guimarães, conde de Caria, Manuel Costa Amaral, eng.º Santos Simões, dr.ª Carmindo Cavaco, dr. Carlos de Sousa Bastos, Alvaro Rolim e Companhia de Automóveis do Funchal (3.ª secção). Na 4. secção durante os três dias do encontro são apresentadas apenas três comunicações da autoria dos srs. Gentil Marques, dr. Horácio Brilhante Simões e Hermógio António de Oliveira.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 25°; mínima: Penhas do Saúde, 3°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 18.5°; na água do mar, 17,4°

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado, tornando-se geralmente muito nublado nas regiões do Norte, a partir do fim da tarde; vento fraco a moderado predominando de Noroeste; possibilidades de períodos de chuva fraca ou chuvisco, durante o dia de amanhã, na faixa costeira a norte do Cabo Mondego.

Amanhã
Nascer ás 6 e 12
Ocaso ás 21 e 5

Dia 23 Dia 29 Dia 6 Dia 14

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 19 — 6 e 57 (3,4); 10 e 10 (3,6). Dia 20 — 7 e 37 (3,3); 19 e 49 (3,6). Dia 21 8 e 17 (3,3m); 20 e 30 (3,5m). BAIXA-MAR — Dia 19—0 e 07 (1,2m); 22 e 22 (1,3m). Dia 20—0 e 53 (1,3m); 13 e 08 (1,4m). Dia 21 1 e 39 (1,3m); 13 e 50 (1,5m).

Apresentação de edições portuguesas de dois livros do Prof. A. Kaufmann

O Prof. A. Kaufmann, é um conhecido especialista em Informática, de renome mundial, Conselheiro Científico da Compagnie Bull General Electric, Professor do Instituto Politécnico de Grenoble e perito junto da UNESCO, que se encontra de visita ao nosso País, a fim de proferir várias conferências e participar em diversas reuniões, em colaboração com entidades do maior prestígio na vida nacional. Aproveitando a sua passagem entre nós, o Prof. Kaufmann assistiu, na Livraria Quadrante, à apresentação das primeiras traduções portuguesas de duas das suas obras. Trata-se dos livros «Introdução à Investigação Operacional» e «Os Quadros e a Revolução Informática», o primeiro dirigido aos que pretendem iniciar-se num dos campos científicos mais actuais e de maior aplicação prática, o segundo uma obra de choque, verdadeiro grito de alerta para os que têm responsabilidades de direcção na sociedade de hoje, e cujo futuro está, cada vez mais, condicionado pelo automatismo, o qual exige, para que não se transforme numa forma de subordinação, o aperfeiçoamento e a actualização constante do Homem.

O Prof Kaufmann tem mais de 40 obras publicadas e traduzidas em 16 línguas, entre as quais, a partir de agora, a portuguesa. Até hoje, já leccionou em 40 países, e visitou, em actividades ligadas com a sua especialidade, 87 países.

Sobre o empolgante tema «Os Quadros e a Revolução Informática» profere aquele cientista, amanhã, sexta-feira, pelas 21 e 30 horas, no Instituto Superior Técnico, uma conferência, patrocinada pelo Instituto Nacional de Investigação Industrial e pelo Instituto Francês em Portugal, a qual, pela categoria do conferencista e pela actualidade do tema, se prevê oferecer o maior interesse, nomeadamente para todos aqueles a quem cabem responsabilidades de chefia e direcção, ao nível da administração pública e das empresas privadas.

Esteve presente Sua Excelência o Embaixador de França Conde François de Rose.

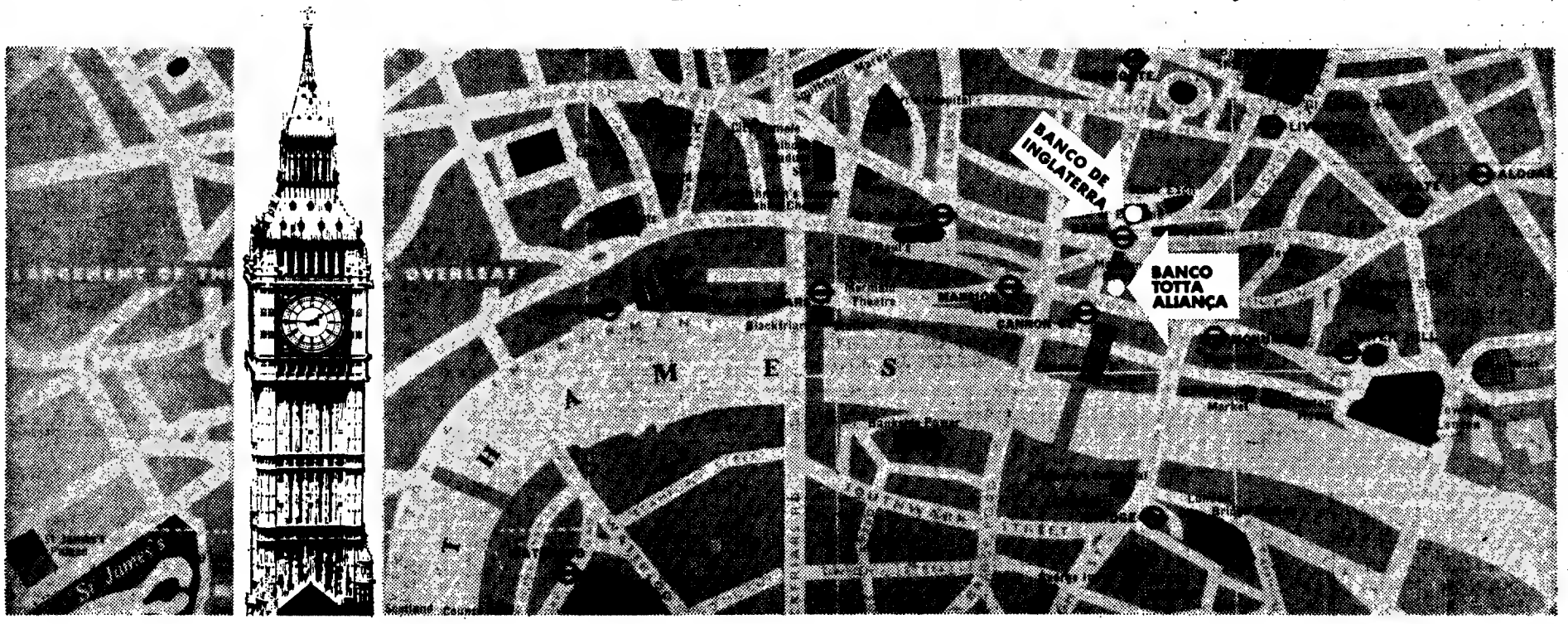
CASA DO RIBATEJO

Na Casa do Ribatejo, realiza-se hoje, á noite, um jantar de confraternização ribatejana, durante a qual serão distribuídos os prémios aos expositores da actual exposição de arte, que organizada por aquela instituição regionalista se encerra hoje.

Presidirá á festa o sr. Luís da Costa Santos, presidente da direcção, e serão entregues vinte e um prémios, constituídos por taças, medalhas oferecidas pelas Câmaras Municipais do distrito, etc.

AS GRANDES CAPITAIS
(7 Dias)
VIAGENS IT
(Passagens aéreas ida e volta — estadia em bons hotéis em regime de dormida e pequeno-almoço — visita da cidade)
MADRID ... 2400$00
LONDRES ... 3950$00
PARIS ..... 4910$00
ATENAS ..... 7235$00
ISTAMBUL ... 8210$00
E MUITAS OUTRAS CIDADES À SUA ESCOLHA
CONSULTE-NOS
Telef. Geral 539871
Utilize Credit - Star
STAR
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

O BANCO TOTTA-ALIANÇA
a partir de Setembro próximo no coração da City



Mas porquê Londres?

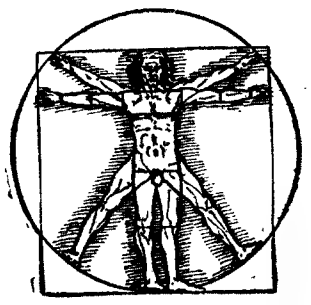
Porque Londres é um dos principais centros financeiros do Mundo.
Porque Londres é a sede do principal mercado dos produtos portugueses.
Porque Londres é a capital do mais importante país da EFTA.
Porque em Londres o Banco Totta-Aliança poderá colaborar, com os seus associados o Banco Totta-Standard de Angola e o Banco Standard-Totta de Moçambique, no desenvolvimento das relações económicas dessas duas Províncias Ultramarinas com o Reino Unido.
Porque acima de tudo é norma do Banco Totta-Aliança
SERVIR CADA VEZ MAIS E CADA VEZ MELHOR OS SEUS CLIENTES

S.P.P.

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

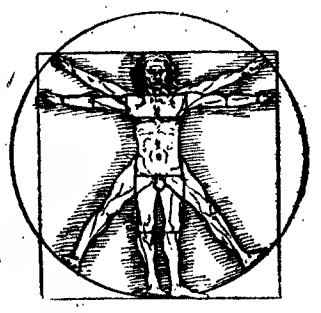
N.º 567/19 DE JUNHO DE 1969

O último livro de NORMAN MAILER analisado (pag. 8) por José Vaz Pereira: OS EXÉRCITOS DE CHICAGO



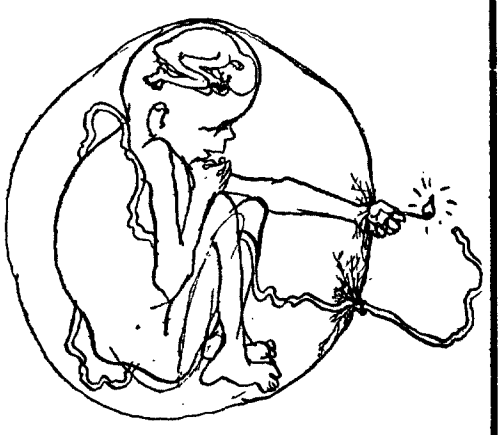
António José Saraiva:

ONDE VAI O PROGRESSO?



ATÉ HOJE JULGÁVAMOS conhecer a direcção do «progresso»: era o melhoramento de uma humanidade que, apesar de algumas mudanças históricas, permanecia constante no seu ser. Havia quem medisse o progresso pela capitação de energia ao dispor de cada homem. Se a havia, era no sentido de ele ser cada vez mais livre, isto é, cada vez mais ele mesmo. O Homem não era só uma realidade empírica, mas também um arquétipo: o progresso consistia em realizar esse arquétipo, libertando-o das necessidades e adversidades exteriores que o diminuíam e obscureciam.

Mas eis que os poderes do homem lhe permitem encarar uma mutação da própria natureza humana. Já o desaparecimento do camponês significa o da condição humana tal como a conhecemos desde o dealbar da história. Há uma coisa em começo que é o homem citadino de que ainda não imaginamos a forma definitiva. Há também o homem do espaço, o homem que se vai adaptar á estadia em planetas onde ele não podia ter nascido: não sabemos também como ele será, embora a data do seu baptismo já esteja marcada. E há mais ainda: a possibilidade da gestação de homens *in vitro*, do seu desenvolvimento fora do útero materno, da selecção das sementes, e até da intervenção na sua matriz genética. O homem pode seleccionar-se a si mesmo, como hoje selecciona os carneiros; pode atribuir-se caracteres novos como os criadores dinamarqueses criaram porcos com vinte e cinco costelas; pode engendrar em si mesmo uma espécie nova.



O «progresso» chegou a uma encruzilhada: já não é melhoramento, mas mutação.

Mas neste processo o homem é o sujeito e o objecto. É ele quem vai decidir qual é o seu novo arquétipo, quais são os caracteres da nova espécie que ele vai criar-se. Deus, diz o *Génesis*, criou o homem à sua imagem e semelhança: à imagem e semelhança de quê vai o homem criar o novo Adão? Dentro de qual critério, em relação a que valores?

Um biologista sul-americano me dizia, embevecido de entusiasmo «positivista», que os progressos recentes da Ciência permitiam reduzir a cinco anos a fase da infância. Isso parecia-lhe uma coisa admirável: diminuir o tempo da infância para aumentar o da idade adulta. É uma evidência do senso comum.

Mas esta evidência resulta de que se tem já na cabeça um modelo: o novo Adão será o homem adulto, civilizado, produtivo, socialmente e tècnicamente útil, capaz de economizar, prever, investir, planificar. Mas porque há-de ser assim? Em nome de quê rejeitamos o modelo do *homo ludens*, o que brinca e inventa descuidadamente, sem propósito útil, o que vive em toda a plenitude o momento presente, sem se deixar alienar pelo futuro nem pelo passado? Porquê um modelo, e não outro?

Por uma razão simples: é que quem vai determinar o modelo do novo Adão não é a criança, nem o poeta, nem o boémio, nem a mulher bonita, nem o «hippie», nem qualquer daqueles para quem o interesse da vida é vivê-la; mas sim o planificador, o que conta os tostões da colectividade, o que não perde tempo, o que poupa e investe, o que mede o valor de cada homem pela sua eficácia produtiva. Para o planificador, as crianças pequenas são crias, e as crianças grandes são insectos nocivos. Seria, de resto, absurdo investir o capital de saber e de recursos acumulado pela civilização tecnológica na produção de um homem que provàvelmente o dissiparia como um pródigo.

O novo Adão será uma versão mais perfeita do *homo aeconomicus*, ou *burgalensis*, que já hoje, de resto, é o modelo a que tendem não só os países civilizados, como a América yankee e a Europa do Atlântico aos Urais, mas to-

(Continua na 7.ª página)

Encontro com Maurice Nadeau

Entrevista conduzida por Urbano Tavares Rodrigues

MAIO em Paris. Horas de reencontro e ainda e sempre de descoberta. Horas por vezes inebriantes, outras vezes melancólicas e inquietantes. Entre as melhores conto a que passei com Maurice Nadeau, no seu gabinete das *Lettres Nouvelles*. O autor lúcido, exigente, arguto, polémico de *Histoire du Surréalisme*, de *Exploration de Sade*, de *Michel Leiris ou la Quadrature du Cercle*, acabava de publicar um ensaio extremamente importante sobre Flaubert, o retrato do escritor exemplar que fundou uma ética da escrita, de um homem que pela pena «decifra o mundo e nele insere a sua própria escrita, a fim de que as outras escritas de que esse mundo é tecido tomem desse modo outra significação». Nadeau, sem defender tese alguma, procura na obra e na existência de eremita de Flaubert esse «vazio de ser» que o levava incessantemente a pegar da pena para atingir um novo grau de perfeição.

Eis o diálogo que travei com Maurice Nadeau:

— Qual, a seu ver, a actualidade do surrealismo?

— «O surrealismo é eterno» escreveu André Breton. Bem sabe que ele descobriu antepassados do surrealismo em tempos recuados — que muito apreciava os românticos alemães. Considerava surrealistas *avant la lettre* Lautréamont, Rimbaud, Jarry. O próprio Swift era para ele um surrealista. Mas se quer referir-se ao movimento surrealista que nasceu em França em 1924 com o *Manifesto do Surrealismo*, então já o caso é diferente. Continuam a existir um grupo surrealista e publicações surrealistas, mas a força de choque do movimento, depois da guerra e sobretudo depois da morte de Breton perdeu o seu impacto. Isto, aliás, deriva de o surrealismo ter ganho a partida: modificou o clima intelectual e sensível, influenciou muitos escritores e artistas, transformou a moda e os costumes. A explosão de Maio era em grande parte surrealista, pelo apelo á espontaneidade, á creatividade, pela recusa dos dogmas e das fórmulas aprendidas. O surrealismo faz parte da aquisição cultural para os jovens que têm hoje, pelo menos, vinte anos.

— Que valor atribui ao testemunho em literatura?

— Há que distinguir. A reportagem, o documento,

JARRY

RIMBAUD

BRETON

ARTAUD

a fita magnética (tal como a utiliza Oscar Lewis em *Lés Enfants de Sanchez*) não atingem geralmente o nível da obra literária. Para que haja literatura, é preciso que haja criação através da linguagem, utilização particular de um instrumento que possui valor de material.

A obra literária nunca é decerto pura e simples utilização da linguagem. Tem uma significação e visa um fim: agir sobre o leitor descobrindo-lhe o mundo ou permitindo-lhe descobrir-se nesse mundo. Ora o mundo compõe-se de múltiplas realidades. É lícito ao escritor prender-se a uma dessas realidades, que ele privilegia: os campos de concentração, por exemplo, em «Um dia de Ivan Denissovitch». Esta obra de Soljenitsyne é sem dúvida um testemunho, mas que visa, para além do testemunho, a uma reflexão sobre a condição humana através da experiência do autor. Põe em causa essa condição. Poderíamos dizer, por outras palavras, que a obra literária só existe a partir do momento em que formula problemas (que não lhe cabe resolver) que são os de determinada sociedade em dado momento. «Guerra e Paz» ou os romances de Balzac são, de certo modo, «testemunhos» sobre a sociedade russa ou francesa do século XIX, mas, por assim dizer, apesar do plano dos seus autores, isto é, sem que Tolstoi e Balzac houvessem tido verdadeiramente o propósito de deixar à posteridade inventários localizados e datados. Buscavam, antes, dar consciência aos seus contemporâneos dos problemas que se lhes punham na vida que os mesmos viviam. Problemas ao mes-

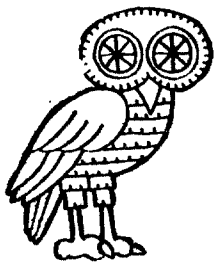
(Continua na 6.ª página)

Poesia viva

por Sheppard de Moraes

ENTRE A EDIÇÃO cuidadosamente preparada e a revista antológica com vistas ao grande publico, *Poésie Vivante* — Tribuna Internacional de Poesia, com sede em Genebra — impôs uma larga divulgação de valores de todos os quadrantes da criação poética, para lá dos meridianos afortunados (França, Itália, Alemanha, etc.) que, por tradição e por rotina têm a exclusividade do prestigio.

Dispondo de subsidios valiosos e situada actualmente num plano de reconhecida responsabilidade, esta organização tem realizado um extraordinário trabalho de base na selecção de autores de vanguarda, na redescoberta das tradições («É uma vergonha ignorar um Du Fu que, para muitos, é um dos maiores poetas de todos os tempos e que, morto há doze séculos, jamais tinha sido traduzido em francês!»), ao mesmo tempo que realiza um sério estudo sobre

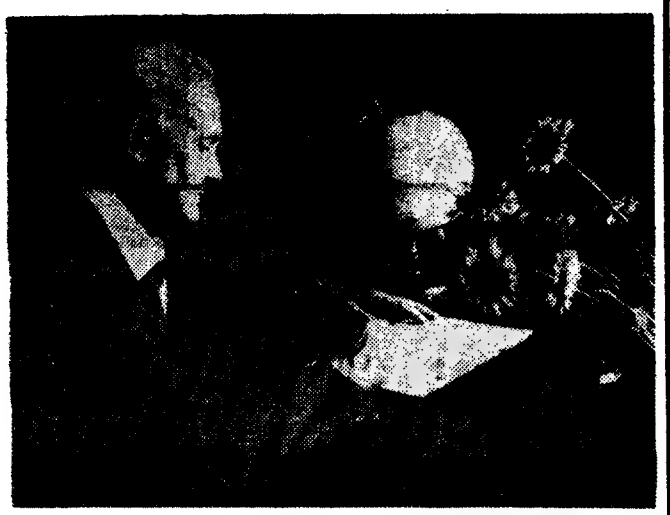


os valores orais da poesia e da escrita que lhe é própria.

Laboratório e Centro de Estudos. Cooperativa de Divulgação à escala do nosso tempo. Convívio aberto a todas as expressões e a todas as linguas... As diferentes funções de *Poésie Vivante* traduzem uma actividade da mais alta importancia frente aos comercialismos editoriais dos nossos dias que sedentarizam o público e atrofiam a produção poética dos nossos dias.

UM POETA PERANTE O «NOBEL»

Nascido na Silésia austríaca, perseguido dos nazis e combatente infatigável, Ondra Lysohorsky é, por proposta da *Poésie Vivante* e de diversos círculos culturais, um dos mais destacados concorrentes ao Prémio Nobel deste ano. Pasternak foi um dos seus tradutores. Asselev, outro. E Pierre Garnied. S Colin Style... Mas é sobretudo através da antologia que a Colecção *Le Grand Pavois* acaba de publicar uma bela edição que este grande poeta da Europa Central se revela em corpo inteiro, com todo o fulgor da sua voz inconfundível e todas as seduções da sua imaginação.



Ondra Lysohorsky, concorrente ao Nobel-69

Poésie Vivante foi a primeira Associação a propor o nome de Ondra Lysohorsky para o Prémio Nobel da Literatura. A ela se deve a constituição do Fundo Lysohorsky criado com vistas a essa candidatura e, simultâneamente, o interesse que, na Europa e nos Estados Unidos, a obra deste escritor, ainda ontem desconhecido nesses circulos, veio subitamente justificar.

POESIA EM CONFRONTO

A Albania, a Costa do Ouro, Cuba, Guatemala, os futuristas polacos, os jovens pintores-poetas e os poetas da contestação, têm tido através da *Poésie Vivante* o necessário estimulo e a indispensável internacionalização. Na série dos *Cahiers (bilingues) Franco-Anglais* desenvolve-se um confronto dinâmico entre os escritores de ambos os países através dos textos e dos documentos mais representativos de ambas as culturas. Paralelamente, em numeros especiais dedicados a autores romenos, italianos, turcos ou jugoslavos têm-se dado a conhecer algumas das vozes mais representativas do lirismo contemporâneo, enquanto que na Colecção *Science et Poésie* se põem em discussão os os aspectos de maior importancia da situação do fenómeno poético no contexto técnico-social do nosso tempo.

A comunicação viva e dinâmica, esta tendência obstinada da descoberta e de discussão, tanto se manifesta através das colecções e da revista da *Poésie Vivante* como se põe em prática nos diversos congressos que ela tem organizado desde 1953, em Paris, em Londres, em Montreal, e nos contactos que estabelecem os grupos «Poésie Vivante» espalhados por diferentes países.

A VEZ DE PORTUGAL

«Depois da Grécia Antiga jamais um pequeno país produziu uma literatura tão rica como Portugal.»

Com esta citação de Aubrey Bell abre-se no ultimo numero de *Poésie Vivante* um «Panorama da Poesia Portuguesa Contemporânea», de Alcides de Campos, seguido de alguns poemas de Fernando Pessoa que se apresentam na versão original e em tradução.

Estudo breve mas preciso, a apresentação de Alcides de Campos é como que um passo de abertura à admissão dos nossos autores de agora ao grande circulo da *Poésie Vivante*. As traduções de Pessoa — *Ode Maritima* e *Tabacará* — cuidadosamente elaboradas são uma credencial de valor, nesse sentido. Numa publicação de tão ampla repercussão internacional, este primeiro trabalho justifica o maior empenho e fundamenta as esperanças em que a nossa Poesia alcance o reconhecimento que lhe é indiscutível.

Na Tribuna Internacional de Poésie ouviu-se pela primeira vez uma voz portuguesa. Ela não só terá a ganhar do confronto com os outros poetas, como poderá dar acesso aos jovens que aqui, *inter muros*, tão breve e difícil eco encontram na sua divulgação.

O tesouro na gaveta...
Faqueiros de Prata
TOPÁZIO
duplamente trabalhados
valem cada vez mais
Vendem as melhores Ourivesarias

Gastão Cruz e Luís Miguel Cintra na «111»

Na próxima sexta-feira, dia 20, pelas 18 e 30, realiza-se, na Livraria-Galeria 111, o lançamento do novo livro de Gastão Cruz, *As Aves*. Serão lidos poemas deste e dos livros anteriores pelo autor e por Luís Miguel Cintra.

Uma autobiografia

por Liberto Cruz

A AUTOBIOGRAFIA é um género literário que levanta ainda muitas desconfianças entre nós. Assim é natural que muitos leitores peguem nesta autobiografia dum escritor português com certo dissabor senão mesmo desinteresse. Mas uma vez iniciada a sua leitura tenho a certeza de que hão-de acabá-la com ânsia, com cuidado e devoção.

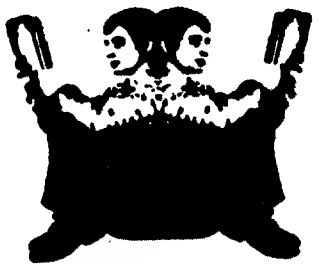
Eis-nos perante uma das facetas mais corajosas e arrojadas de Ruben A. Com aquela liberdade, independência e elegância mental que caracterizam a sua obra, lança-se sem rodeios na elaboração dum trabalho que ainda soa a falso para muito público ledor. Pegue-se, no entanto, nestes três volumes que constituem a *Autobiografia* (1) de Ruben A. e terminada a sua leitura verifica-se que o metal destilado pelo autor é do melhor quilate e portanto o som é autêntico. Escudando-se nas palavras de Henry Miller: «Autobiography is the purest romance. Fiction is always closer to reality than fact», Ruben A. falando exaustivamente de si é afinal de todos nós que fala. E diga-se, a propósito, que não é com muito prazer nem com grande gosto que nos vemos retratados. Nada pior do que sermos obrigados a reconhecermo-nos com todas as nossas limitações e deficiências nesta prosa impiedosa, limpida, prenhe de verdade, que corta a direito e desconhece o compadrio, a louvaminha, a literatice e o tom lamechas ou oportunista.

Nada pior? Não, nada melhor. Penetra-se neste conjunto de evocações como quem descobre uma geração e se espanta com o que ela pensava, fazia, contava e pretendia. Esperanças e desilusões, desânimos e coragens ora se levantam com alvoroço ora se perdem no fundo das conveniências e das ordens pré-estabelecidas. A inclusão de nomes verdadeiros, a referência a factos reais, a perspicácia com que são deslindados, a imaginação com que reinventa a realidade e destrói o sonho, fazem desta viagem através dos tempos e da memória prodigiosa de Ruben A., um dos documentos mais curiosos e ousadamente autênticos publicados nos ultimos anos em lingua portuguesa.

Eis-nos no nosso tempo e espaço. E aqui se manifesta Ruben A. um escritor português não provinciano. Conquanto conheça perfeitamente estruturas e problemas que afligem ou dominam outros países, jamais se esquece de que é português e de que deve ser Portugal a preocupação maior da sua obra. Não confundindo entre patriota e patrioteiro, debruça-se sobre a realidade portuguesa com um carinho e um rigor, um amor e uma severidade que merecem toda a nossa atenção. É Portugal a cantar (ao contrário) que perpassa através de centenas de páginas desta autobiografia. Não o Portugal dos folhetos de turismo, com o sol a brilhar em Abril e o Verão a passar o Inverno no Algarve, mas o Portugal verdadeiro, com mais chuva do que se pensa e menos sol do que se apregoa. Um Portugal que se encolhe e esconde de Norte a Sul, um povo que se dilata no estrangeiro, que se espanta noutras terras e atinge entre outras gentes uma altura que muitas vezes lhe foi recusada entre os seus.

As nossas estrutras sociais, as manigâncias mesquinhas de tantos homens, o trampolim de que tantos se servem para atingir a glória da sua mediocridade, os sistemas reles da denúncia e tradicional da empenhoca, a chulice mental de tantos cidadãos com fumos de intelectuais, o abuso requintado de certos poderes, o desfasamento entre o que se aprende e o que se executa, entre o que se fez e poderia ter feito, são alguns dos mosaicos que Ruben A. analisa e interpreta com uma lucidez que não é vulgar.

Portugal é radiografado, exposto à luz, observado à lupa, dissecado sem dó nem piedade. Dessa operação resulta o humor negro, o caricato, a pilhéria que disfarça o luto e a dor, o riso que dissimula a mágoa. Caindo por vezes, no exagero, utiliza um riso cheio de lágrimas que põe a nu a tragicomédia permanente onde os acácios pululam, o pacovismo é rei e as palavras atingem em determinados discursos o delírio de epopeias balofas e provincianas.



Nada falta nesta autobiografia: amor, paixão, tragédia, dor, luto, raiva, admiração, desespero, alegria, coragem, esperança, guerra, paz, humanidade, compreensão, morte e vida.

Guardo para o fim a palavra *vida* por ser o que mais encanta nesta autobiografia. É patente uma imperiosa necessidade de entender os outros, de os surpreender nos seus anseios, nas suas lutas e preocupações do quotidiano. Confessando-se e interrogando-se e observando os outros e estudando-os, fala de si para relatar deslumbrado o mundo que parece andar à sua procura. Tudo vê, tudo absorve, tudo lhe serve para tirar conclusões e pôr-nos em contacto directo com os anos difíceis que nos têm limitado. Espectador atento jamais se contenta em passar pelas coisas. De cada contacto, de cada experiência, resulta quase sempre uma lição que é preciso descobrir e desvendar. O importante é que cada um saiba onde, como e porquê deve investir o seu corpo e o seu espírito. Não se surpreenda pois, o leitor se no meio dum momento grave surge um episódio burlesco ou uma anedota gratuita. Longe de ser um mero facto constitui um processo deliberado de chamar a atenção para uma terra onde, segundo a poetisa

Ruben A.

Sophia de Mello Breyner, há *três coisas muito importantes:*

A primeira a transparência da luz; a segunda, a nostalgia dos poetas; e a terceira a resignação dos pobres (2).

Conhecendo bem Portugal, viaja através da nossa terra e da alma das nossas gentes para nos dar um panorama real e concreto da mentalidade portuguesa. Mas é preciso amar muito a sua pátria para ter a coragem, o direito e a lucidez de a criticar tão duramente.

Não respeitando a ordem cronológica dos factos nem se regendo pelos dias seguidos e contadinhos, esta vida dentro de outras vidas, esta desintegração que se integra a cada instante em tudo e todos, esta sucessão de ciclos, salta com uma impetuosidade e um vigor que causa espanto.

Aos que acharem prematura esta autobiografia Ruben A. informa ser «contrário a que uma autobiografia se escreva no momento da reforma, quando se deixou de ser chefe de Estado, se abandonou a vida pública, ou quando da caneta já nada mais pinga» (3).

Escrevendo do interior para o exterior mas fazendo-o com a serenidade, a frieza, a imparcialidade e o talento de quem está de fora, Ruben A. consegue com a sua autobiografia criar a fricção suficiente para pôr em circulação um género literário quase inexistente em Portugal.

Rennes, 1969.

---

(1) O Mundo À Minha Procura (autobiografia) de Ruben A., Parceria A. M. Pereira, I vol 1964; II vol. 1966; III vol. 1968

(2) Citado por Ruben A. in III Vol. p. 84.

(3) In Prefácio. I vol. p. 7.

GUILDA DA MÚSICA
discoteca
O STOCK MAIS COMPLETO
DE MÚSICA ERUDITA - JAZZ -
FOLCLORE
CONFORTO - CALMA - CONSELHOS
Rua Tomás Ribeiro, 43, 8.º Esq. - Lisboa

Galerias & Exposições

por Rocha de Sousa

ESPIGA PINTO
Galeria 111
S. N. B. A.

EXPONDO SIMULTANEAMENTE na Galeria 111 e na Sociedade Nacional de Belas-Artes, Espiga Pinto coloca deliberadamente em situação de privilégio, perante o público, a sua obra mais recente. É uma forma de assumir a promoção e de reforçar a intervenção, tanto no que se refere ao que a obra em si mesma contém como no que respeita à aceitabilidade dos mercados. É evidente, entretanto, que Espiga Pinto se reivindica só, apoiado no seu mérito profissional e na dimensão pessoalista da sua voz, administrando por isso, activamente, aquilo que produz e aquilo em que crê.

De acordo com as condições de exposição, Espiga Pinto reservou para a Galeria 111 aquilo que podemos considerar como a sua produção de rotina, aí conservando, com brevíssimas oscilações, o seu habitual decorativismo, a insistência nos mesmos materiais, a obsessão dos mesmos elementos, a elegância gráfica de uma escrita que parece ter definitivamente mecanizado. Em tais aspectos se reconhecem, sem dúvida, o brilho artesanal, quase sempre os truques e os maneirismos, mas não, ou muito raramente, os riscos de uma desformalização dos elementos de partida e dos elementos complementares. O efeito fácil abunda. Tudo regressa a um jogo hábil de aparências epidérmicas, de encenações improvisadas, de versos soltos na sua consequência retórica. O espectáculo encerra-se nos seus termos imediatos. Daqui se pode concluir, mais uma vez, que Espiga Pinto confunde a habilidade com a formulação das ideias. Melhor: que abdica das ideias em função de um excesso constante das matérias e do que nelas se constitui mero espectáculo. O sangue da obra, quando aflora através da decoração, coagula ràpidamente, nem sequer nos assalta. É que a pintura não se faz apenas com as mãos, apenas na oficina, também se faz e se afirma por intermédio da cabeça, na coordenação e transposição das descobertas vitais. Aí não pode haver desvios, nem concessões, só a exacta contensão dos meios, só a nítida projecção dos fins.

Abundam os meios, em Espiga Pinto, que se radicam sobretudo numa adjectivação exacerbada. Ao abuso dos meios corresponde a escassez das ideias, por muito discursivas que sejam as anotações literárias, como sucede com os títulos das peças. E nesta medida, ao fim e ao cabo, também se situam os objectos apresentados na S. N. B. A.: neles, em vez do imprevisto, o espectador pode tão sòmente anotar um gigantismo gratuito. É de novo o excesso que conta — uma ironia de salão que vagamente improvisa um programa.

Vasco Costa: paisagem interior

VASCO COSTA
Galeria Buchholz

Vasco Costa nasceu em Lisboa, a 6 de Agosto de 1917. Com o curso de Pintor-Decorador, deixou o país em 1941. Viveu e trabalhou em Nova Iorque, tendo vivido a última guerra integrado no exército americano. Fixado finalmente em Paris, depois de mandar construir nos arredores um «atelier», Vasco Costa poude consagrar-se à pintura de forma mais profunda. É, por assim dizer, um pintor desconhecido em Portugal, seu país de origem, e é nessa medida que a exposição de algumas das suas obras mais recentes, na Galeria Buchholz, se reveste do maior interesse. Os estudos de José Augusto França e Henry Galy-Charles, que enquadraram o pintor para os franceses, são igualmente preciosos para nós na medida em que estabelecem, com toda a propriedade, não apenas o retrato de um momento da sua produção, mas também o seu modo de evoluir ao longo de vinte e cinco anos.

De início, Vasco Costa dá-nos conta, na sua pintura, do modo como se insere no mundo, de uma visão particular em que o realiza. Trata-se de uma figuração decisiva nas suas identificações, mas vivida na consciência muito clara das realidades do quadro: o funcionamento do plano, a presença do suporte, o rigor e as tensões de uma construção deliberada, a necessidade de transpor as formas para o domínio plástico segundo nivelamentos premeditados, a utilização inventiva da cor, a criação de uma atmosfera poética que a breve trecho reinventa a realidade quotidiana. A consciência destes problemas permite-lhe, em 1959, abordar a pintura segundo um ângulo que ultrapassa a mera transposição e que o integra num compromisso mais vasto no diálogo com a realidade. O quadro intitulado «Feira» é disso um exemplo claro na medida em que assenta numa maior liberdade de formulação e mergulha decisivamente na descoberta de formas novas, apesar das raízes inspiradores em que se baseiam. Das suas memórias interiores, do sonho e da distância, Vasco Costa extrai um mundo imaginário de grande tensão poética, onde o burlesco coexiste com a densidade dramática, onde as imagens se misturam e entrelaçam na evocação simbólica da feira tradicional portuguesa.

Os dados estavam lançados para um diálogo com a pintura nas suas consequências mais íntimas. Cumpria-se um processo que corresponde, afinal, ao da própria pintura europeia deste século. Em Vasco Costa, para além do clima fantástico constituído pela natureza das imagens encontradas, a técnica ganhava uma fluidez, outra, agitava-se, imprimindo às formas um movimento interno que iria abrir sucessivamente o processo de abstracção. Esse processo iniciou-se em 1960.

Em certos casos, depois dessa data, a pintura de Vasco Costa não exclui uma comunhão com as forças da realidade, mas então no puro domínio dos movimentos e das suas contraposições num espaço que é simultâneamente pictórico e subjectivamente real. O autor esforça-se, no entanto, por meditar os problemas da pintura no seu estado essencial, estudando e coordenando a vida dinâmica das *partes* em relação ao *todo*. Mas a atitude intuitiva, que é nele uma forma nobre de ser, e portanto de agir, confrontada com o exercício intelectual, com a pesquisa sem apelo. As tensões dessa crise também constróem e disso nos podemos aperceber depois de 1964.

É sobretudo com «Formes Mouvantes» que o processo se acelera. O espaço é dinamizado de uma maneira particular através de matérias fluídas que pertencem simultâneamente a um primeiro grau de tratamento e a um segundo grau de organização, com formas de que reconhecemos sobretudo o contorno gráfico, o gesto envolvente, o instante do seu aparecimento e do seu desaparecimento.

Este caminho redescobre-se e reconstrói-se, depois de 1767, com as suas «Paisagens Interiores». Algumas dessas telas estão agora expostas na Galeria Buchholz. Nelas não deixa de estar presente um desejo de construção, o equilíbrio das estruturas, as linhas organizadas de que o pintor parece servir-se ao iniciar um longo exercício de gestos. Há nestas pinturas, de facto, uma vida interior que se exprime apaixonadamente. Para além da sua filiação numa natureza já experimentada e amada, o gestualismo ganha no plano todo o impacto da sua presença lírica, e ao mesmo tempo uma espécie de formulação carnal. Vive das marcas que se sucedem na vontade febril de sobrepor impressões. Mas estas impressões, na sua incandescência ou na sua transparência atmosférica, ainda se organizam como que *circularmente*, num vago apelo de resumir formas vistas, pedaços do mundo — e não sòmente em irradiações expansiva, em movimento grafológico.

Esta exposição descobre-nos, em suma, um pintor que chegou «à plena posse dos seus meios e à consciência perfeita da sua vontade interior. É assim que a sua sinceridade gestual se torna autenticidade significativa». Esta exposição descobre-nos, também, um homem cujo amadurecimento nos pode elucidar, mas que já não nos pertence. Porque, é preciso dizê-lo como em muitos outros casos, a sua forma de expressão, sendo legítima e há pouco apresentada em Paris, está definitivamente datada. Pouco acrescenta ao nosso tempo, à nossa própria experiência, fala-nos de um tempo do qual progressivamente nos libertamos. Ilustra, mas chegou tarde.

Desenho de Horta Paulino

Exposição Europeia de Desenho Universitário

Esteve patente na E. S. B. A. L. a Exposição Europeia de Desenho Universitário. Participaram escolas da Alemanha, Bélgica, Espanha, Itália e Portugal. A Exposição foi organizada pelo Centro de Intercâmbio e Turismo Universitários. A iniciativa, apesar de curiosa, pecou por falta de definição de princípios estéticos ou pela heterogénia coordenação das concorrências. Seja como for, e dentro dos limites em que se formulam, teve os seus aspectos reveladores, sobretudo através do Hochschul Institut Fur Kunst e da Escuela Central de Bellas Artes de San Fernando, cujas representações se inscreveram dentro de uma problemática artística contemporânea e revelaram personalidades estèticamente amadurecidas.

A E. S. B. A. L. fez-se representar com trabalhos das cadeiras de desenho, tendo conseguido, sobretudo por intermédio de Horta Paulino, um lugar honroso no conjunto das propostas.

EXPOSIÇÕES

GALERIA QUADRANTE *Av. Luís Bivar*	**ROSA RAMOS**, A SENSIBILIDADE DO ESSENCIAL EXPRESSA PELA MEDIDA DO RIGOR
GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**MANABU MABE**, A DEMAGOGIA DO IMEDIATISMO
GALERIA INTERFORMA *Av Casal Ribeiro*	**JOÃO FRAGOSO E FIGUEIREDO SOBRAL**, EXPOSIÇÃO A DOIS, POR MERO ACASO
GALERIA *DIÁRIO DE NOTICIAS* *R. António Maria Cardoso*	**NUNO CORTE-REAL**, O EXCESSO CONTRA A IMAGINAÇÃO
GALERIA S. MAMEDE *R. da Escola Politécnica*	**MÁRIO CESARINY**, UMA ALEGRIA AINDA NECESSÁRIA
GALERIA 111 *Campo Grande*	**KAREL APPEL** *

* Ainda sem referência crítica.

HOMENAGEM A SCHWITTERS E HAUSMANN

Fotomontagem de Raoul Hausmann

por Ana Hatherly

QUANTAS SÃO as pessoas que conhecem as obras de Schwitters e Hausmann, ou melhor, quantas são as pessoas que confessam conhecê-las?

Eis o tipo de pergunta que me ocorreu quando, durante uma recente viagem a Inglaterra, falava com o Senhor Stefan Themerson, que dirige a casa editora Gaberbocchus, de Londres, amigo pessoal e editor de Schwitters e Hausmann, nomeadamente da célebre revista «PIN», e de «SCHWITTERS IN ENGLAND» (2).

■

«Poder-se-ia dizer que «PIN» nasceu em 1962, quando foi publicada pela primeira vez; ou, então, que «PIN» nasceu em 1946, quando Hausmann e Schwitters conceberam a ideia de «PIN» em forma de revista; ou, então, que o germe, o embrião de «PIN» já existia em 1918, quando a amizade de H. e S. começou num dia de sol no «Café des Westens» em Berlim. «PIN» representa a culminancia de uma amizade e de uma colaboração artística entre dois homens que se encontraram pela primeira vez nesse dito Café. Foi S. quem pediu uma entrevista a H., por intermédio dum solícito criado do café. Depois de o seu desejo ter sido atendido e depois de discutirem pintura e S. ter recitado poemas seus, este manifesta o seu desejo de entrar para o grupo dos dadaistas. H. ficou encantado. Apresentou o seu novo amigo aos dadaistas de Berlim e logo a seguir começou a sua colaboração. Trabalharam juntos, viajaram juntos, participaram nas mesmas *soirées* dadaistas e reciprocamente se forneceram material para as revistas que cada um dirigia. Assim, S. colaborou na revista «Der Dada» e H. na revista «Merz» (3).

■

S. e H. perderam-se de vista em 1939. Iniciaram uma longa correspondência em 1946, quando Moholy Nagy enviou a H. o endereço de S., então em Inglaterra. Na correspondência que trocaram entre 1946 e 1947 está contida a história de «PIN».

Quando se instalou em Inglaterra, vindo da Noruega, S. ganhava a vida como pintor de retratos. Fazia, também, escultura e pintura abstracta. Escreve a H. e manda-lhe dois poemas, entre eles O FUROR DO ESPIRRO:

Tesch, Haisch, Tschiiaa
Haisch, Tschiiaa
Haisch, Happaisch
Happapeppaisch
Happapeppaisch
Happapeppaisch
Happapeppaisch
Happa peppe
TSCHAA!

■

H. estava ainda apaixonado pela poesia fonética, pelo uso dos sons relativamente ao seu conteúdo emocional, expresso foneticamente por escrito. Escreve a S.: «Também inventei um novo alfabeto — é muito estimulante, mais expressivo e tão rápido». Escreve ainda a S.: «Uma coisa é verdade: sou, e sempre fui, o primeiro «letrista». Começara a escrever poesia fonética, 25 anos antes de surgir em Paris o movimento que adoptou esse nome, em 1945. H. dizia: «A tipografia devia ser optofonética» e «Sou o único europeu capaz de dotar a sua voz de uma sonoridade inteiramente nova».

ch ch ch chchtt chchtt chchtt
chatatatta chatt a chatt tatt
e chnatt ch ch ch batt
batt batt batt battatat
battchnattbattat tt chtt
ch ch ch ch ch ch !
bbg bbgg bggg — e
ccccc c! c! c! c!
jjjj ji jjj !
uuut uuutt uttutut fffr ffr fr uuuui i i uuuzzuuuuu
(gggggg) gg
bbg bbg bgg jjj ji jj zzzuuuu oooooo O !
uuuachtachtj hhh hzz hhzzz ggggzzzggg zgg z' —
kkki i i u kkiuu kki
hha iiiii u hhu hhzz hhzzh hu hhhhhgg gg
jjjjj zzzzzz zzzttttttr ttr u uu hgh
jjjuu iiiiiu jjjuu hhhe ffr fffr frrr tz zz
hhhhgg jjjjii iiii kkkk iiii hhhzzh zz h ggt frr gggttft—
hhj kkh kh h gg ggg ggggkhg
bg
bbg
bbbg gg
bgggggg—
gghhhhgh ggh hhhhe gttg

■

O seu fascínio pelos signos, pelos sons e pelos símbolos, estendia-se até aos estranhos sons da música chinesa e árabe. Para ele, poesia, fonética, música atonal e movimento estavam intimamente relacionados e, por vezes, fundiam-se completamente.

■

A atitude de S. em relação à poesia era menos abstracta. Para ele, a letra — símbolo do som — tinha uma conotação vivencial. Onde H. era capaz de produzir um exercício literário, S. produzia um documento humano.

■

Schwitters define o amor e a arte: «O que é o amor? O amor não precisa de resposta. Significa que se gosta de alguém. Ela pode até gostar de outro. Se ela voltar a gostar de ti, tens sorte. Gostas de comer maçãs. Mas achas que as maçãs gostam disso? Talvez, mas duvido. Por outro lado, o leão esfomeado gostará de te comer. Tu certamente não gostarás disso. O amor é assim». «Um jogo com problemas sérios. É isso a arte. Podes dizer a quem quiseres que és um verdadeiro artista. Ninguém acredita porque... és um Reformista e um Confessor. As pessoas ficam aborrecidas quando se lhes diz a verdade, quando se lhes diz que geralmente são estúpidas, que nem vêem, nem ouvem, nem sentem, nem pensam; que, em vez de verem com os olhos, vêem com o intelecto».

■

TALVEZ ESTRANHO (4)

O mundo está cheio de
[comboios de mercadorias
Os passageiros são vacas
E leite e queijo
E manteiga
E cavalos, bois e flores.
A vaca é a mãe do leite
E avó do queijo e da man-
[teiga,
Que são irmãs.
O cavalo é irmão do boi,
Marido da vaca
E pai do leite.
O cavalo é tio do leite.
E o que são as flores?,
Outra família talvez?,
Talvez!

■

S., planeando com H. a publicação de «PIN», escreve, para um possível prefácio: «A linguagem é apenas um meio de compreensão e de não compreensão, um meio para sentirmos. Preferimos uma linguagem através da qual não se compreendam coisas tão vulgares e mundanas ao ponto de serem do conhecimento de toda a gente. Preferimos uma linguagem que nos proporcione uma nova maneira de sentir para o futuro. Desistam dos vossos sentimentos humanamente controlados, por favor! Passem através des-

(Continua na 6.ª página)

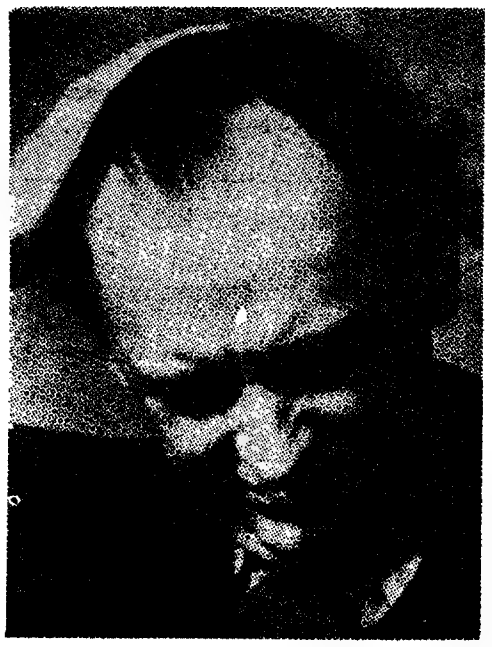
PRESENT INTER NOUMENAL (1),

A poesia já não serve para prover às necessidades
Durante quatro mil anos serviu os arquétipos feudais
Desde Homero, Ésquilo, Sófocles, Virgílio até Racine,
Molière, Shakespeare, Goethe e Hugo, serviu para
reanimar o grande VÁCUO através dum heroico
IMAGINÁRIO, numa linguagem metafórica
A poesia do PRESENTE abandonou os arquétipos asio-
-mediterrânicos

Abandonou os HERÓIS
A Poesia do PRESENTE encontrou a nova objectividade
das coisas no espaço a viver
Já não procura explicar os fenómenos, quer os sociais
quer os falsamente filosóficos
A Poesia do PRESENTE não nasce do medo, libertou-se
da angústia da existência e da manutenção ridicula-
mente trágica dos astuciosos combates por causa da
comida
A Poesia do PRESENTE compreende os seus objectos,
as palavras, como agentes do nosso espaço vivido
Restitue às palavras e pelas palavras as correspondên-
cias das coisas antes e fóra de necessidades sociais e
eugénicas
O som poético (não musical) cria dimensões complexas:
funcionais, temporais e numéricas, mostra através des-
tas inter-relações a «coincidentia oppositorum» das
coisas pelos seus próprios valores
Esses valores não são uma mercadoria das classes so-
ciais nem do aspecto histórico
A Poesia do PRESENTE está fóra da história restrita,
fora da covarde utilização antropófaga e antropomór-
fica
A Poesia PRESENTE visa a vida relativa das funções
indomadas e não classificadas, evitando as falsas se-
melhanças
A Poesia PRESENTE não é PRÓ nem CONTRA nem
clássica nem romântica nem surrealista
Integra o SER e É

Poetry Intervenes Now
Presence Is New
PIN

Raoul Hausmann *Kurt Schwitters*



Kurt Schwitters

Raoul Hausmann

A LETRA E O LEITOR

Camões, Bocage, Garrett, João de Deus, Camilo, Júlio Dinis, Fialho, Eça, Pessoa, Pascoaes, Raul Brandão, os poetas portugueses modernos — entre outros nomes e temas da realidade viva da literatura — estão presentes neste livro de um autêntico mestre, que o é na cátedra e na expressão mais larga da actividade cultural aberta a todo o público.

ÁLVARO SALEMA
"A Capital", 28-5-69

um volume da Col. PROBLEMAS
373 págs. 60$00

PORTUGALIA EDITORA

Schwitters Ana

HOMENAGEM A SCHWITTERS E HAUSMANN

PRESENT INTER NOUMENAL (1),

A poesia já não serve para prover às necessidades
Durante quatro mil anos serviu os arquétipos feudais
Desde Homero, Ésquilo, Sófocles, Virgílio até Racine,
Molière, Shakespeare, Goethe e Hugo, serviu para
reanimar o grande VÁCUO através dum heroico
IMAGINÁRIO, numa linguagem metafórica
A poesia do PRESENTE abandonou os arquétipos asio-
-mediterrânicos

Abandonou os HERÓIS
A Poesia do PRESENTE encontrou a nova objectividade
das coisas no espaço a viver
Já não procura explicar os fenómenos, quer os sociais
quer os falsamente filosóficos
A Poesia do PRESENTE não nasce do medo, libertou-se
da angústia da existência e da manutenção ridicula-
mente trágica dos astuciosos combates por causa da
comida
A Poesia do PRESENTE compreende os seus objectos,
as palavras, como agentes do nosso espaço vivido
Restitue às palavras e pelas palavras as correspondên-
cias das coisas antes e fóra de necessidades sociais e
eupénicas
O som poético (não musical) cria dimensões complexas:
funcionais, temporais e numéricas, mostra através des-
tas inter-relações a «coincidentia oppositorum» das
coisas pelos seus próprios valores
Esses valores não são uma mercadoria das classes so-
ciais nem do aspecto histórico
A Poesia do PRESENTE está fóra da história restrita,
fora da covarde utilização antropófaga e antropomór-
fica
A Poesia PRESENTE visa a vida relativa das funções
indomadas e não classificadas, evitando as falsas se-
melhanças
A Poesia PRESENTE não é PRÓ nem CONTRA nem
clássica nem romântica nem surrealista
Integra o SER e É

Poetry Intervenes Now
Presence Is New
PIN

Raoul Hausmann *Kurt Schwitters*

por Ana Hatherly

QUANTAS SÃO as pessoas que conhecem as obras de Schwitters e Hausmann, ou melhor, quantas são as pessoas que confessam conhecê-las?

Eis o tipo de pergunta que me ocorreu quando, durante uma recente viagem a Inglaterra, falava com o Senhor Stefan Themerson, que dirige a casa editora Gaberbocchus, de Londres, amigo pessoal e editor de Schwitters e Hausmann, nomeadamente da célebre revista «PIN», e de «SCHWITTERS IN ENGLAND» (2).

■

«Poder-se-ia dizer que «PIN» nasceu em 1962, quando foi publicada pela primeira vez; ou, então, que «PIN» nasceu em 1946, quando Hausmann e Schwitters conceberam a ideia de «PIN» em forma de revista; ou, então, que o germe, o embrião de «PIN» já existia em 1918, quando a amizade de H. e S. começou num dia de sol no «Café des Westens» em Berlim. «PIN» representa a culminancia de uma amizade e de uma colaboração artística entre dois homens que se encontraram pela primeira vez nesse dito Café. Foi S. quem pediu uma entrevista a H., por intermédio dum solícito criado do café. Depois de o seu desejo ter sido atendido e depois de discutirem pintura e S. ter recitado poemas seus, este manifesta o seu desejo de entrar para o grupo dos dadaistas. H. ficou encantado. Apresentou o seu novo amigo aos dadaistas de Berlim e logo a seguir começou a sua colaboração. Trabalharam juntos, viajaram juntos, participaram nas mesmas *soirées* dadaistas e reciprocamente se forneceram material para as revistas que cada um dirigia. Assim, S. colaborou na revista «Der Dada» e H. na revista «Merz» (3).

■

S. e H. perderam-se de vista em 1939. Iniciaram uma longa correspondência em 1946, quando Moholy Nagy enviou a H. o endereço de S., então em Inglaterra. Na correspondência que trocaram entre 1946 e 1947 está contida a história de «PIN».

Quando se instalou em Inglaterra, vindo da Noruega, S. ganhava a vida como pintor de retratos. Fazia, também, escultura e pintura abstracta. Escreve a H. e manda-lhe dois poemas, entre eles O FUROR DO ESPIRRO:

Tesch, Haisch, Tschiiaa
Haisch, Tschiiaa
Haisch, Happaisch
Happapeppaisch
Happapeppaisch
Happapeppaisch
Happapeppaisch
Happa peppe
TSCHAA!

■

H. estava ainda apaixonado pela poesia fonética, pelo uso dos sons relativamente ao seu conteúdo emocional, expresso foneticamente por escrito. Escreve a S.: «Também inventei um novo alfabeto — é muito estimulante, mais expressivo e tão rápido». Escreve ainda a S.: «Uma coisa é verdade: sou, e sempre fui, o primeiro «letrista». Começara a escrever poesia fonética, 25 anos antes de surgir em Paris o movimento que adoptou esse nome, em 1945. H. dizia: «A tipografia devia ser optofonética» e «Sou o único europeu capaz de dotar a sua voz de uma sonoridade inteiramente nova».

ch ch ch chchtt chchtt chchtt
chatatatta chatt a chatt tatt
e chnatt ch ch ch batt
batt batt batt battatat
battchnattbattat tt chtt
ch ch ch ch ch ch !
bbg bbgg bggg — e
eeeee e! e! e! e!
jjjj ji jjj !
uuut uuutt uttutut ffffr ffr fr uuuui i i uuuzzuuuuu
(gggggg) gg
bbg bbg bgg jjj ji jj zzzuuuu oooooo O !
uuuachtachtj hhh hzz hhzzz ggggzzzggg zgg z' —
kkki i i u kkiuu kki
hhe iiii u hhu hhzz hhzzh hu hhhhhgg gg
jjjjj zzzzzz zzzttttr ttr u uu hgh
jjjuu iiiiiu jjjuu hhhe ffr ffffr frrr tz zz
hhhhgg jjjjii iiii kkkk iiii hhhzzh zz h ggt frr gggttft—
hhj kkh kh h gg ggg ggggkhg
bg
bbg
bbbg gg
bgggggg—
gghhhhgh ggh hhhhe gttg

■

O seu fascínio pelos signos, pelos sons e pelos símbolos, estendia-se até aos estranhos sons da música chinesa e árabe. Para ele, poesia, fonética, música atonal e movimento estavam intimamente relacionados e, por vezes, fundiam-se completamente.

■

A atitude de S. em relação à poesia era menos abstracta. Para elê, a letra — símbolo do som — tinha uma conotação vivencial. Onde H. era capaz de produzir um exercício literário, S. produzia um documento humano.

■

Schwitters define o amor e a arte: «O que é o amor? O amor não precisa de resposta. Significa que se gosta de alguém. Ela pode até gostar de outro. Se ela voltar a gostar de ti, tens sorte. Gostas de comer maçãs. Mas achas que as maçãs gostam disso? Talvez, mas duvido. Por outro lado, o leão esfomeado gostará de te comer. Tu certamente não gostarás disso. O amor é assim». «Um jogo com problemas sérios. E isso a arte. Podes dizer a quem quiseres que és um verdadeiro artista. Ninguém acredita porque... és um Reformista e um Confessor. As pessoas ficam aborrecidas quando se lhes diz a verdade, quando se lhes diz que geralmente são estúpidas, que nem vêem, nem ouvem, nem sentem, nem pensam; que, em vez de verem com os olhos, vêem com o intelecto».

■

TALVEZ ESTRANHO (4)

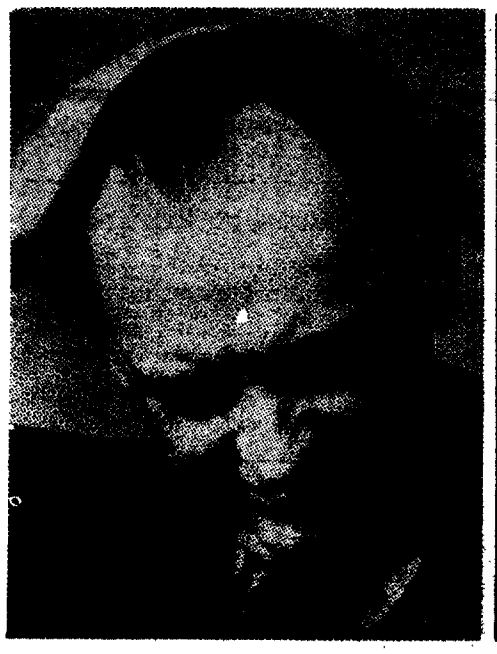
O mundo está cheio de
[comboios de mercadorias
Os passageiros são vacas
E leite e queijo
E manteiga
E cavalos, bois e flores.
A vaca é a mãe do leite
E avó do queijo e da man-
[teiga.
Que são irmãs.
O cavalo é irmão do boi,
Marido da vaca
E pai do leite.
O cavalo é tio do leite.
E o que são as flores?,
Outra família talvez?.
Talvez!

■

S., planeando com H. a publicação de «PIN», escreve, para um possível prefácio: «A linguagem é apenas um meio de compreensão e de não compreensão, um meio para sentirmos. Preferimos uma linguagem através da qual não se compreendam coisas tão vulgares e mundanas ao ponto de serem do conhecimento de toda a gente. Preferimos uma linguagem que nos proporcione uma nova maneira de sentir para o futuro. Desistam dos vossos sentimentos humanamente controlados, por favor! Passem através des-

(Continua na 6.ª página)

Fotomontagem de Raoul Hausmann



Kurt Schwitters

Raoul Hausmann

A LETRA E O LEITOR

Camões, Bocage, Garrett, João de Deus, Camilo, Júlio Dinis, Fialho, Eça, Pessoa, Pascoaes, Raul Brandão, os poetas portugueses modernos — entre outros nomes e temas da realidade viva da literatura — estão presentes neste livro de um autêntico mestre, que o é na cátedra e na expressão mais larga da actividade cultural aberta a todo o público.

ÁLVARO SALEMA
"A Capital", 28-5-69

um volume da Col. PROBLEMAS
373 págs. 60$00

PORTUGALIA EDITORA

Artistas portugueses de Paris

Folhetim artístico de José-Augusto França

EM BALANÇO de exposições parisienses dela certamente não falaria — nem, para tal balanço orientado, iria visitá-la, defendendo-me com este reflexo elementar que, fora também chamado, no evita profissionalmente oitenta por cento das chumbadas de Paris. Aqui porém, neste aparte lisboeta, importa falar no caso — para sobre ele reflectir. Menos interessa a exposição em si, coisa minúscula e para esquecer, do que o que em volta dela e por detrás dela se encontra, com a gravidade que tem.

Estou falando da exposição «Artistas Portugais de Paris» que está aberta na «Casa de Portugal» da Rue Scribe, em Paris igualmente. É uma terceira exposição e não vi nem me dei conta das outras duas. Nenhum dos meus colegas, que sobre elas interroguei, delas sabia algo. Teriam sido melhores do que a terceira? — piores concerteza que não.

Os nomes que a actual exposição engloba são variados e de vária nomeada. O mais conhecido de todos: Manuel Cargaleiro, que não é por acaso o melhor dos presentes. Costa Camelo, mais modestamente conhecido, é-me familiar há longos anos, e um tanto também Henrique da Silva que encontrei como ajudante de Vieira da Silva, anos atrás. Bertino, já o conhecia também, de uma penosa visita ao seu atelier, há uns oito ou nove anos. Os outros — Rodrigo Ferreira (já nascido em Paris, há dezoito anos), Hélder Godinho, Aurélio Guerreiro e Salvador Vieira, vejo-os pela primeira vez. O penúltimo teve um 2.º Prémio Nacional no SNI em 1963 e o último já participou na 2.ª Exposição de «Artistes Portugais de Paris», nesta mesma Casa de Portugal — factos que, não abonando por um lado a qualidade dos prémios ditos «nacionais», desabona, por outro, a qualidade da exposição parisiense precedente. (Como teria sido a primeira?...)

O interesse dos quatro últimos jovens pintores citados (o mais velho tem trinta e dois anos) é mínimo — e nada se ganha em expô-los. S. Vieira frequenta as Beaux-Arts de Paris «et ça se voit». Por demais até, porque os seus esquemas pertencem ao passado desta triste escola; não se pode dizer que seja um aluno brilhante. A. Guerreiro joga medíocremente com uma caligrafia figurativa; H. Godinho com «matières» gordas, sem qualquer consciência do seu uso plástico, repetindo fórmulas de há mais de dez anos. R. Ferreira tem um desenho fácil que não chega ao fantástico onde gostaria de chegar, e se fica, com alguma sensibilidade, ao nível do exercício gráfico imediato, traduzindo forças mais físicas do que metafísicas. Os quadros minúsculos de H. da Silva são algo lembrados das naturezas-mortas de Morandi e de paisagens correlativas; os de Costa Camelo, ao cabo de perto de trinta anos de Paris, são maquetas onde os gestos se acanham — mas que revelam a qualidade sensível que sempre lhe conheci, e esta doce aplicação a um trabalho sereno, minucioso e amadorístico. Bertino, há longos anos lançado num jogo de objectos miserandos que lhe escapam, como num número de palhaço pobre, mostra pequenas composições ingénuas e indesejáveis, mas não por teor polémico, antes por se encontrarem aquém de qualquer processo significativo. Objectos «minables» — apenas por carência.

Gargaleiro apresenta uma série de composições recentes onde se inspira dos seus antigos azulejos, quadriculando a tela em pequenas casinhas de tratamento geométrico, sugerindo reflexos, relevos, luminosidades azuis — numa curiosa relação com o revestimento exterior da própria «Casa de Portugal»... O pintor parece arredar-se assim do formulário das suas pequenas paisagens abstractas imaginárias e das grandes formas fálico-vegetais mais recentemente mostradas, voltando à sua prática de ceramista, em mal de transposição de géneros.

...Mas *isto* está sendo «crítica de arte», fora do programa dos folhetins — e apenas desculposamente necessária para a reflexão que, afinal, se impõe.

Reflexão esta que, sublinhando a falta de qualidade do conjunto, terá que concluir por lamentar a realização da exposição — ou de exposições assim, terceira, segunda ou primeira, que só servem para dar triste ideia dos ditos «artistas portugueses de Paris». Que, feitas as contas, não são estes — que para tanto não chegam.

Objectar-se que sim, que são mesmo artistas nacionais trabalhando ou querendo trabalhar em Paris, é argumento meramente estatístico que não colhe. E logo porque aquilo que eles estão produzindo em Paris o teriam podido produzir em Moimenta da Beira. Nenhum deles aproveitou de Paris sequer a superfície duma excitação estética; e são ainda mais medíocres em Paris do que o seriam em Lisboa. Vê-se mais! Qual deles, de resto, poderia expor numa galeria decente de Lisboa? Um ou dois, no máximo.

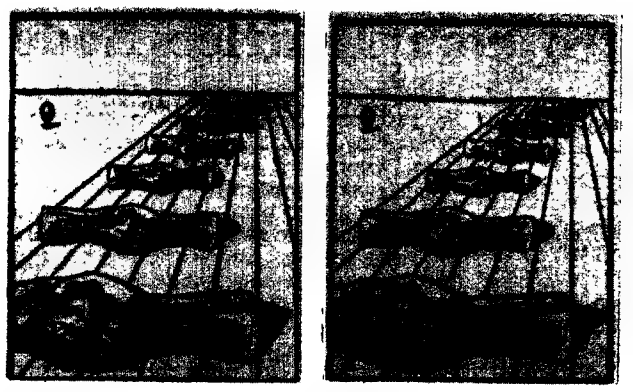
Não chega estar em Paris para estar em Paris — e ser um (ou oito) dos 35 000 pintores de Paris não pode ser programa para ninguém, com interesse ou com necessidade de ser pintor.

...Mas, mais grave que a ilusão destes moços é a ilusão dos organizadores da exposição. Ilusão, ingenuidade, ignorância, inconsciência? De tudo um pouco, à portuguesa...

Serviço de propaganda oficial, a Casa de Portugal tem, por isso mesmo ou apesar disso, responsabilidades culturais que não podem ser traduzidas por miseras manifestações deste género. Dar esta ideia da pintura portuguesa ou das possibilidades dos artistas portugueses aos parisienses, é o acto mais nocivo que contra os ditos artistas e contra a cultura que eles *não representam* se pode imaginar.

René Bertholo, Lourdes Castro, Júlio Pomar, José Escada, Jorge Martins — onde estão eles, senão em Paris? Mas não, certamente, nestas exposições. Contentarem-se estas com o que resta — que diabo de programa! O melhor que lhes é possível? Pois que façam o impossível e se não o puderem fazer, que estejam quietos nos seus limites turísticos, sem outras aventuras que resultam visíveis e, sobretudo, prejudiciais para todos os artistas nacionais.

...Como moral da história (triste história, e mesquinha) retenhamos que todo o cuidado é pouco quando se apresentam grupos nacionais. Se continua por fazer a apresentação conveniente da arte portuguesa moderna em Paris, iniciativas destas (em que a inconsciência absorve a boa vontade) só podem atrasar mais a sua realização. E mal, pèssimamente, predispór, o público que amanhã, ou depois de amanhã, possa vir a visitá-la.

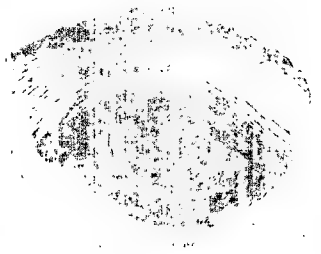


Porque não?

por Natália Nunes

HÁ TEMPOS, quando estava para apresentar, pessoal e publicamente, certo pequeno estudo meu sobre um colega romancista vivo, — o que não chegou a efectivar-se «por motivos alheios á minha vontade» —, um amigo sorriu, com complacente ironia, da minha insólita ideia, pois isso era dizia, coisa que não está nos nossos hábitos: um (ou uma) ficcionista, ainda no activo, ou seja, ainda insistente nas suas buscas e tentativas, propor-se falar de outro ficcionista da mesma geração e pertencente ao nosso meio literário contemporâneo.

Por outro lado, quando, antes de terem surgido os tais «motivos alheios à vontade», eu procurava um local onde apresentasse o



referido estudo, alguém a quem me dirigira se mostrara preocupado e receoso de aceitar a minha proposta: temia que outros pensassem tratar-se de negócio de elogio mútuo.

Nada disso me fez nem fará desistir de apresentar o meu trabalho, se não pessoal e oralmente, pelo menos por escrito e publicamente. E pode acontecer que a esse outros se sigam sobre outros camaradas meus, da minha idade, meus conhecidos ou amigos.

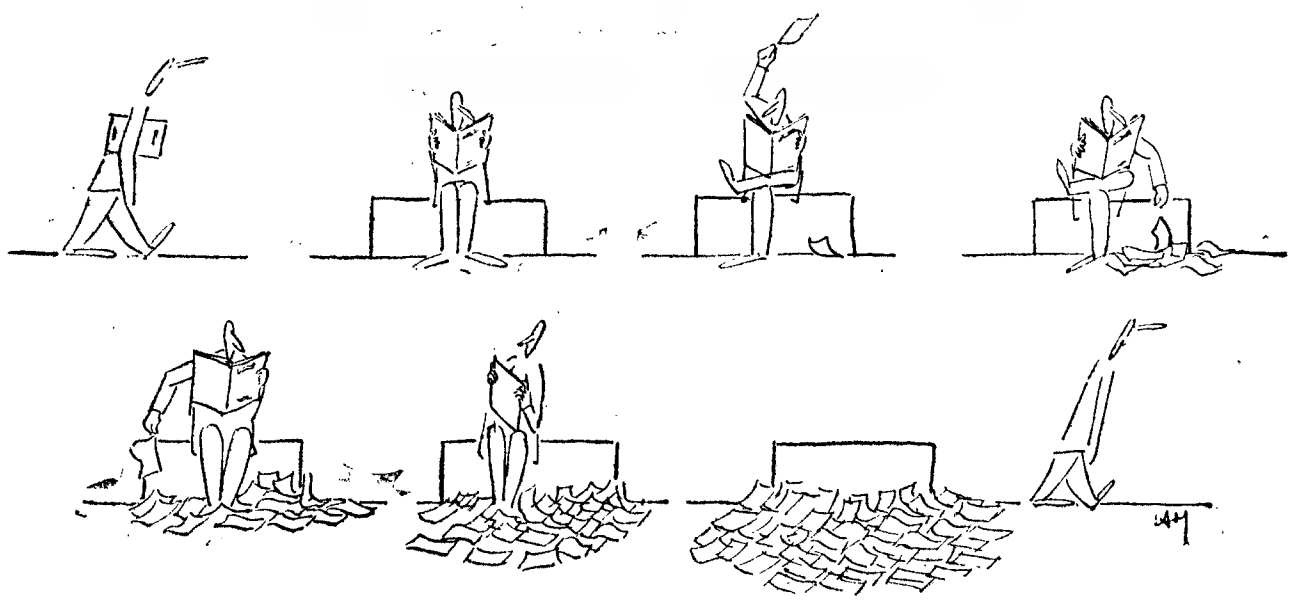
E é caso para perguntar: porque não havemos nós, os ficcionistas, de falar uns dos outros lealmente, «criticamente» e em público, em vez de o fazermos apenas adentro do nosso clã de íntimos e eleitos, ou em reuniões mundano-literárias, ou por partidarismo de escola ou de política?

Com maior ou menor amplitude, todos nós acompanhamos os trabalhos dos nossos colegas contemporâneos, e os seleccionamos e «criticamos», segundo as preferências de todo género. Ora, se um deles ou alguns deles nos cativam, despertam o nosso interesse e a nossa adesão (ou também as nossas reticências), porque não havemos de estudar metódicamente, esmiuçar os porquês dessas apreciações e apresentar públicamente o resultado da nossa reflexão, excitando, assim também, a atenção dos outros leitores em geral? Desde que o nosso impulso e as nossas reflexões sejam movidos por uma profunda espontaneidade e isenção, sejam livres, parece-me até de muito interesse que nos passássemos a «criticar» mutuamente em publico.

Afigura-se-me isso mais honesto, por mais responsável, perante nós próprios os nossos colegas e o público, do que a mera citaçãozinha em entrevista, dos nossos confrades de parcerias de vários tipos, ou do que o tal elogio mutuo, que existe, de facto, e é mercadoria de troca quando não de compra e venda.

Dar aos nossos camaradas, quando isso é da nossa vontade e do nosso gosto, um testemunho público e directo das nossas reflexões sobre a sua obra, parece-me acção justa e útil, um pouco a «fazer aos outros aquilo que gostaríamos que nos fizessem a nós», reconhecer e praticar aquilo que Miguel Torga, com dorida ironia, suplica na seu «Diário»: «Dai-nos, Senhor, um pouco de glória em vida!». Todos nós precisamos desse «pouco de glória», que é o estímulo e o amparo que vem de nos sabermos escutados e meditados. As palavras de benevolentes amigos ou de «comprometidos» camaradas: os cumprimentos de salão e as notícias mais ou menos simpáticas das folhas literárias; o aplauso daqueles que nos chamam «génios» ou enaltecem as nossas «obras-primas» quando nos encontram, por acaso, na rua, ou no-lo escrevem particularmente (pelo sim, pelo não, por causa da posteridade...); ou as atenções daqueles que nos hão-de engrandecer (a nós e a eles próprios), quando morrermos — nada disso é a migalha de «glória em vida» com que sonhamos. Essa só viria da conquista de um público verdadeiramente receptivo, interessado e comunicante, que se nos dirigisse depois de ler os nossos livros, que nos desse um sinal, nos transmitisse as suas impressões; e também do eco, desinteressado, puro, que encontrássemos nos nossos colegas contemporâneos. Toda outra «glória em vida» nos é (ou deve ser) suspeita, e não mata o sentimento de solidão em que vivemos.

Por isso, o testemunhar a um colega vivo, com publica responsabilidade, as reflexões resultantes da atenção que lhe dedicamos se me afigura acto de leal camaradagem e de boa ética «profissional», e, para aqueles que o pratiquem será o encontro de um momento de liberdade e autenticidade. Para mim, é-o.



Cartoon de SAM

Artistas portugueses de Paris e não

Folhetim artístico de José-Augusto França

EM BALANÇO de exposições parisienses dela certamente não falaria — nem, para tal balanço orientado, iria visitá-la, defendendo-me com este reflexo elementar que, fora também chamado, no evita profissionalmente oitenta por cento das chumbadas de Paris. Aqui porém, neste aparte lisboeta, importa falar no caso — para sobre ele reflectir. Menos interessa a exposição em si, coisa minúscula e para esquecer, do que o que em volta dela e por detrás dela se encontra, com a gravidade que tem.

Estou falando da exposição «Artistas Portugais de Paris» que está aberta na «Casa de Portugal» da Rue Scribe, em Paris igualmente. É uma terceira exposição e não vi nem me dei conta das outras duas. Nenhum dos meus colegas, que sobre elas interroguei, delas sabia algo. Teriam sido melhores do que a terceira? — piores concerteza que não.

Os nomes que a actual exposição engloba são variados e de vária nomeada. O mais conhecido de todos: Manuel Cargaleiro, que não é por acaso o melhor dos presentes. Costa Camelo, mais modestamente conhecido, é-me familiar há longos anos, e um tanto também Henrique da Silva que encontrei como ajudante de Vieira da Silva, anos atrás. Bertino, já o conhecia também, de uma penosa visita ao seu atelier, há uns oito ou nove anos. Os outros — Rodrigo Ferreira (já nascido em Paris, há dezoito anos), Hélder Godinho, Aurélio Guerreiro e Salvador Vieira, vejo-os pela primeira vez. O penúltimo teve um 2.º Prémio Nacional no SNI em 1963 e o último já participou na 2.ª Exposição de «Artistes Portugais de Paris», nesta mesma Casa de Portugal — factos que, não abonando por um lado a qualidade dos prémios ditos «nacionais», desabona, por outro, a qualidade da exposição parisiense precedente. (Como teria sido a primeira?...)

O interesse dos quatro últimos jovens pintores citados (o mais velho tem trinta e dois anos) é mínimo — e nada se ganha em expô-los. S. Vieira frequenta as Beaux-Arts de Paris «et ça se voit». Por demais até, porque os seus esquemas pertencem ao passado desta triste escola; não se pode dizer que seja um aluno brilhante. A. Guerreiro joga medíocremente com uma caligrafia figurativa; H. Godinho com «matières» gordas, sem qualquer consciência do seu uso plástico, repetindo fórmulas de há mais de dez anos. R. Ferreira tem um desenho fácil que não chega ao fantástico onde gostaria de chegar, e se fica, com alguma sensibilidade, ao nível do exercício gráfico imediato, traduzindo forças mais físicas do que metafísicas. Os quadros minúsculos de H. da Silva são algo lembrados das naturezas-mortas de Morandi e de paisagens correlativas; os de Costa Camelo, ao cabo de perto de trinta anos de Paris, são maquetas onde os gestos se acanham — mas que revelam a qualidade sensível que sempre lhe conheci, e esta doce aplicação a um trabalho sereno, minucioso e amadorístico. Bertino, há longos anos lançado num jogo de objectos miserandos que lhe escapam, como num número de palhaço pobre, mostra pequenas composições ingénuas e indesejáveis, mas não por teor polémico, antes por se encontrarem aquém de qualquer processo significativo. Objectos «minables» — apenas por carência.

Gargaleiro apresenta uma série de composições recentes onde se inspira dos seus antigos azulejos, quadriculando a tela em pequenas casinhas de tratamento geométrico, sugerindo reflexos, relevos, luminosidades azuis — numa curiosa relação com o revestimento exterior da própria «Casa de Portugal»... O pintor parece arredar-se assim do formulário das suas pequenas paisagens abstractas imaginárias e das grandes formas fálico-vegetais mais recentemente mostradas, voltando à sua prática de ceramista, em mal de transposição de géneros.

...Mas *isto* está sendo «crítica de arte», fora do programa dos folhetins — e apenas desculposamente necessária para a reflexão que, afinal, se impõe.

Reflexão esta que, sublinhando a falta de qualidade do conjunto, terá que concluir por lamentar a realização da exposição — ou de exposições assim, terceira, segunda ou primeira, que só servem para dar triste ideia dos ditos «artistas portugueses de Paris». Que, feitas as contas, não são estes — que para tanto não chegam.

Objectar-se que sim, que são mesmo artistas nacionais trabalhando ou querendo trabalhar em Paris, é argumento meramente estatístico que não colhe. E logo porque aquilo que eles estão produzindo em Paris o teriam podido produzir em Moimenta da Beira. Nenhum deles aproveitou de Paris sequer a superfície duma excitação estética; e são ainda mais medíocres em Paris do que o seriam em Lisboa. Vê-se mais! Qual deles, de resto, poderia expor numa galeria decente de Lisboa? Um ou dois, no máximo.

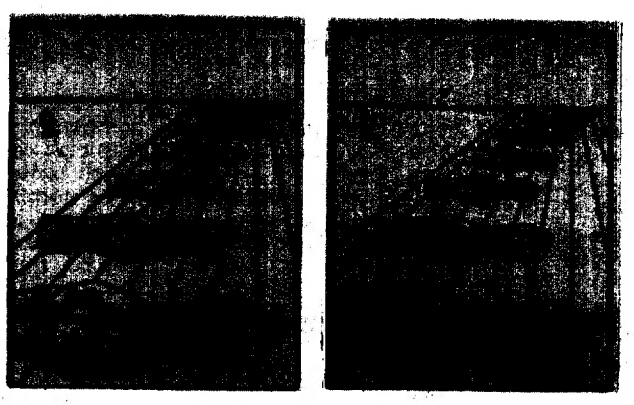
Não chega estar em Paris para estar em Paris — e ser um (ou oito) dos 35 000 pintores de Paris não pode ser programa para ninguém, com interesse ou com necessidade de ser pintor.

...Mas, mais grave que a ilusão destes moços é a ilusão dos organizadores da exposição. Ilusão, ingenuidade, ignorância, inconsciência? De tudo um pouco, à portuguesa...

Serviço de propaganda oficial, a Casa de Portugal tem, por isso mesmo ou apesar disso, responsabilidades culturais que não podem ser traduzidas por miseras manifestações deste género. Dar esta ideia da pintura portuguesa ou das possibilidades dos artistas portugueses aos parisienses, é o acto mais nocivo que contra os ditos artistas e contra a cultura que eles *não representam* se pode imaginar.

René Bertholo, Lourdes Castro, Júlio Pomar, José Escada, Jorge Martins — onde estão eles, senão em Paris? Mas não, certamente, nestas exposições. Contentarem-se estas com o que resta — que diabo de programa! O melhor que lhes é possível? Pois que façam o impossível e se não o puderem fazer, que estejam quietos nos seus limites turísticos, sem outras aventuras que resultam visíveis e, sobretudo, prejudiciais para todos os artistas nacionais.

...Como moral da história (triste história, e mesquinha) retenhamos que todo o cuidado é pouco quando se apresentam grupos nacionais. Se continua por fazer a apresentação conveniente da arte portuguesa moderna em Paris, iniciativas destas (em que a inconsciência absorve a boa vontade) só podem atrasar mais a sua realização. E mal, pèssimamente, predispór, o público que amanhã, ou depois de amanhã, possa vir a visitá-la.

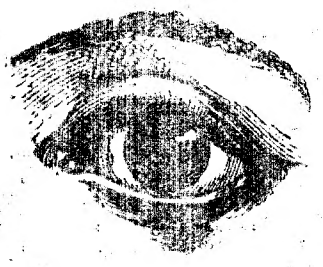


Porque não?

por Natália Nunes

HÁ TEMPOS, quando estava para apresentar, pessoal e publicamente, certo pequeno estudo meu sobre um colega romancista vivo, — o que não chegou a efectivar-se «por motivos alheios á minha vontade» —, um amigo sorriu, com complacente ironia, da minha insólita ideia, pois isso era dizia, coisa que não está nos nossos hábitos: um (ou uma) ficcionista, ainda no activo, ou seja, ainda insistente nas suas buscas e tentativas, propor-se falar de outro ficcionista da mesma geração e pertencente ao nosso meio literário contemporâneo.

Por outro lado, quando, antes de terem surgido os tais «motivos alheios à vontade», eu procurava um local onde apresentasse o



referido estudo, alguém a quem me dirigira se mostrara preocupado e receoso de aceitar a minha proposta: temia que outros pensassem tratar-se de negócio de elogio mútuo.

Nada disso me fez nem fará desistir de apresentar o meu trabalho, se não pessoal e oralmente, pelo menos por escrito e publicamente. E pode acontecer que a esse outros se sigam sobre outros camaradas meus, da minha idade, meus conhecidos ou amigos.

E é caso para perguntar: porque não havemos nós, os ficcionistas, de falar uns dos outros lealmente, «criticamente» e em público, em vez de o fazermos apenas adentro do nosso clã de íntimos e eleitos, ou em reuniões mundano-literárias, ou por partidarismo de escola ou de política?

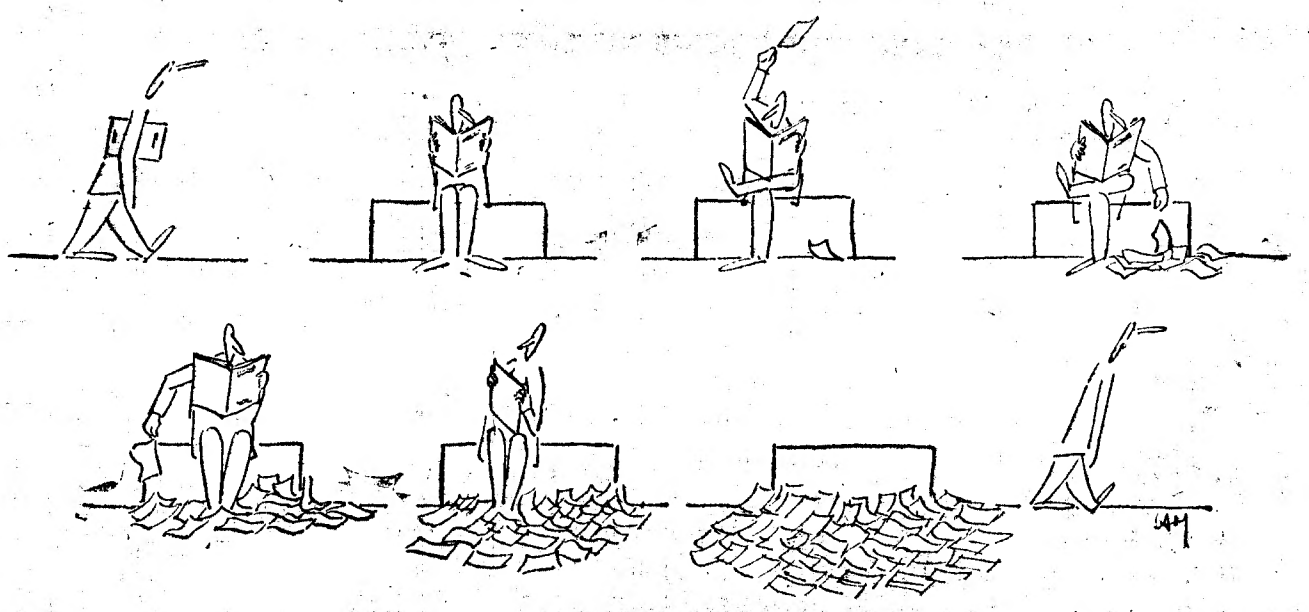
Com maior ou menor amplitude, todos nós acompanhamos os trabalhos dos nossos colegas contemporâneos, e os seleccionamos e «criticamos», segundo as preferências de todo género. Ora, se um deles ou alguns deles nos cativam, despertam o nosso interesse e a nossa adesão (ou também as nossas reticências), porque não havemos de estudar metódicamente, esmiuçar os porquês dessas apreciações e apresentar públicamente o resultado da nossa reflexão, excitando, assim também, a atenção dos outros leitores em geral? Desde que o nosso impulso e as nossas reflexões sejam movidos por uma profunda espontaneidade e isenção, sejam livres, parece-me até de muito interesse que nos passássemos a «criticar» mutuamente em público.

Afigura-se-me isso mais honesto, por mais responsável, perante nós próprios os nossos colegas e o público, do que a mera citaçãozinha em entrevista, dos nossos confrades de parcerias de vários tipos, ou do que o tal elogio mutuo, que existe, de facto, e é mercadoria de troca quando não de compra e venda.

Dar aos nossos camaradas, quando isso é da nossa vontade e do nosso gosto, um testemunho público e directo das nossas reflexões sobre a sua obra, parece-me acção justa e útil, um pouco a «fazer aos outros aquilo que gostaríamos que nos fizessem a nós», reconhecer e praticar aquilo que Miguel Torga, com dorida ironia, suplica na seu «Diário»: «Dai-nos, Senhor, um pouco de glória em vida!». Todos nós precisamos desse «pouco de glória», que é o estímulo e o amparo que vem de nos sabermos escutados e meditados. As palavras de benevolentes a migos ou de «comprometidos» camaradas; os cumprimentos de salão e as notícias mais ou menos simpáticas das folhas literárias; o aplauso daqueles que nos chamam «génios» ou enaltecem as nossas «obras-primas» quando nos encontram, por acaso, na rua, ou no-lo escrevem particularmente (pelo sim, pelo não, por causa da posteridade...); ou as atenções daqueles que nos hão-de engrandecer (a nós e a eles próprios), quando morrermos — nada disso é a migalha de «glória em vida» com que sonhamos. Essa só viria da conquista de um público verdadeiramente receptivo, interessado e comunicante, que se nos dirigisse depois de ler os nossos livros, que nos desse um sinal, nos transmitisse as suas impressões; e também do eco, desinteressado, puro, que encontrássemos nos nossos colegas contemporâneos. Toda outra «glória em vida» nos é (ou deve ser) suspeita, e não mata o sentimento de solidão em que vivemos.

Por isso, o testemunhar a um colega vivo, com publica responsabilidade, as reflexões resultantes da atenção que lhe dedicamos se me afigura acto de leal camaradagem e de boa ética «profissional», e, para aqueles que o pratiquem será o encontro de um momento de liberdade e autenticidade. Para mim, é-o.

Sociedade de consumo



Cartoon de SAM

Encontro com Maurice Nadeau

(Continuação da 1.ª pagina)

mo tempo eternos: o amor, a morte, o dinheiro. O testemunho impõe-se ao leitor, enquanto que a obra literária não tira conclusões.

— Que pensa da conciliação das pesquisas formais e de sua perspectiva socialista?

— O escritor (o artista) sente constantemente a necessidade de pôr à prova o valor do seu instrumento e dos seus materiais. É levado a aperfeiçoar o primeiro a torná-lo mais eficaz, a mostrar-se mais difícil na escolha dos segundos. É para ele uma questão pessoal, da qual será o único juiz, em conexão com toda a sorte de imperativos com os seus contemporâneos. Deve pois ter os movimentos livres, gozar de uma inteira disponibilidade naquilo que é o objecto específico do seu trabalho (e do seu prazer). Se lhe retirarem essa liberdade, se traçarem limites ao domínio que ele pretende explorar, não será mais do que um fabricante, um industrial das palavras ou do pensamento. Para que as suas faculdades de criação estejam sempre despertas, é preciso que sobre ele não pesem dogmas, imposições, palavras de ordem.

No entanto, o escritor não exerce uma actividade gratuita. Através das suas obras, age sobre os seus contemporâneos, tem o poder de modificar os seus sentimentos e pensamentos. Qualquer regime autoritário desconfiará dele e procurará ou calá-lo (ou reduzir-lhe o alcance da voz) ou utilizá-lo para os seus fins. Se ele protesta, será tratado ora de subversivo ora de decadente, de partidário de uma arte degenerada, de formalista. De qualquer modo, será posto à margem.

O socialismo, nos seus princípios e nos seus fins, visa a libertação do homem, não só no plano social e económico mas em todos os domínios. Não se compreende (apesar de alguns maus exemplos que actualmente nos são dados) que imponha moldes à criação literária e artística. Lembre-se da época que vai de 1917 a 1920 na Rússia e da explosão de talentos em todos os géneros (não penso apenas em Maïakovski) que marcou esse período, a audácia na novidade, as realizações exaltantes. «Total liberdade em arte» era ainda o voto que exprimia Trotsky, no exílio, em 1938. O ponto de vista do socialismo sobre a criação artística (e a liberdade das pesquisas formais) encontra-se claramente expresso em «Literatura e Revolução», de Trotsky.

André Breton, Diego Rivera, Trotsky e Jacqueline Breton no México, 1938

O SURREALISMO MODIFICOU O CLIMA INTELECTUAL E SENSÍVEL, TRANSFORMOU A MODA E OS COSTUMES

Maurice Nadeau

O grupo «Littérature» em 1922: Breton, Eluard, Tristan Tzara, Benjamin Péret

— Onde conduz o estruturalismo?

— Os estruturalistas, em literatura, são «formalistas» em estado puro, visto que para eles só a linguagem conta e toda a obra de arte (aliás, esta expressão está banida do seu vocabulário) se resume a uma «escrita»: pode-se «ler» uma pintura como se «lê» uma escultura ou um conjunto arquitectónico ou um texto literário. Para eles, não só cada arte tem a sua linguagem mas essa linguagem impõe-se ao artista, atravessa-o e fá-lo existir como artista. É essa linguagem que constitui a realidade primeira, com as suas estruturas particulares; e assim escrever, por exemplo, equivale a dar existência às estruturas (escondidas) da linguagem. Já não existe, a bem dizer, «autor» e *a fortiori* «criador», mas uma espécie de *medium* atravessado por uma corrente e cuja única tarefa reside na descoberta dessa corrente por meios particulares, em trazê-la para a luz do dia: através da utilização da palavra, no que respeita ao escritor, da cor e da linha no que se refere ao pintor, etc.

Até à data, os «textos» dos jovens escritores que se dizem estruturalistas não podem ser julgados em função de critérios ultrapassados (como o conteúdo e a forma, «a originalidade», o talento, etc.) se é certo que tais textos se parecem actualmente com jogos ou exercícios, não é, todavia, proibido pensar que possam chegar ainda a redes de escritas que, complicando-se e ramificando-se, venham a captar, para além da linguagem, uma certa realidade vivida. É naturalmente forçoso admitir que existe uma homologia entre a escrita e as estruturas do nosso mundo humano e que esse mundo poderia resumir-se num ou vários sistemas de escritas. Mas bem sabe que os estruturalistas pouco caso fazem do humanismo e que para eles não é o homem que dá sentido aos fenómenos, mas os próprios fenómenos que carregam consigo o seu sentido. Trata-se de o descobrir. A escrita seria um dos meios desta descoberta.

Parece-me, em todo o caso, que os escritores que se reclamam do estruturalismo negligenciam um aspecto importante, para não dizer essencial, da linguagem: que ela é igualmente um meio de comunicarmos com os nossos semelhantes. Por anónimo que se pretenda (ou por científico que se inculque) um texto está sempre ligado ao homem que o escreveu e que, no fim de contas, o escreveu para outros homens. Um extremo objectivismo pode ser apenas uma maneira excessivamente subjectiva de cada qual falar consigo mesmo. É presentemente o caso dos nossos jovens estruturalistas.

— Quais os seus projectos literários neste momento?

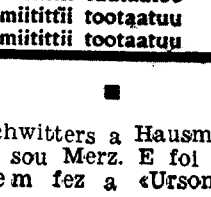
— Só escrevo livros por acaso, nos intervalos livres que me deixam as minhas actividades de editor e director de revistas. São formados por artigos que reuni como em *Le Roman Français après la guerre* (ao qual vou acrescentar novos capítulos para uma reedição) ou prefácios a «Obras Completas» como o meu *Flaubert*. Mas não me queixo desse destino. Descobrir escritores através da crítica ou da edição interessa-me mais do que publicar eu próprio. Estou em boa posição para saber que existem muito mais livros inúteis do que livros necessários e que não é indispensável acrescentarmo-nos à saturação do mercado.

URBANO TAVARES RODRIGUES

Schwittereana

(Continuação da 4.ª página)

te buraco de alfinete e verão que vale a pena».



«Nós, Raoul Hausmann e Kurt Schwitters, somos capazes de falar e de escrever porque ouvimos com os olhos e vemos com os ouvidos».

■

A «Sonata in Urlauten» de S., foi originalmente inspirada no poema de H. «fmsbwt». S. frequentemente escreveu variações sobre um tema (5).

priimiititttii.

priimiititttii tisch
tesch
priimiititttii tesch
tusch
priimiititttii tischa
tescho
priimiititttii tescho
tuschi
priimittii
priimiititttii
priimiititttii too
priimiititttii taa
priimiititttii too
priimiititttii taa
priimiititttii tootaa
priimiititttii tootaa
priimiititttii tuutaa
priimiititttii tuutaa
priimiititttii tuutaatoo
priimiititttii tuutaatoo
priimiititttii tootaatuu
priimiititttii tootaatuu

■

Schwitters a Hausmann: «Eu sou Merz. E foi Merz quem fez a «Ursonate», uma transposição sinfónica do teu poema *dada*. Tudo isto é um pouco triste, mas mesmo que o *dada* tenha criado a base para excelentes obras de arte — o que não era sua intenção na altura — de facto foi um meio para se atingir uma arte que não é *dada* mas o resultado dela».

ANA HATHERLY

(1) *In* «PIN», Gaberbocchus Press 1962
(2) Stefan Themerson, Gaberbocchus Press, 1958
(3) História de «PIN», por Jasia Reichhardt
(4) In, Schwitters in England
(5) Idem, reproduzido de MERZ, n.º 20, 1927

Citações e referências colhidas na bibliografia dada

o que é o calçado PODOLIZADO ?
CANAL I
MARCAS PODOLIZADAS
LUNIK
FADA
MANDARIM
HELIUS
MAGISTRAL
A GAIENSE
SÓMATOS
REGILDE
IMPÉRIO
CICONIA
PINT'OLIVEIRA
OLIVERSIL
NETO
PILAR
FINUS
NIMFA
ÁRTICO
TERMAR
GAIATO
S. L.

respondo...
é um tipo de calçado muitíssimo confortável, elegante e que não é mais caro
o segredo está aqui dentro
PODOLIZADO
sapato novo...conforto de velho
EXIJA O SELO DE GARANTIA

a eficiência da sua empresa aumentará
CALCULADORA ELECTRÓNICA

Canon Canola 163
Canon 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA
assistência total por técnicos especializados na fábrica
PREÇOS DESDE:
15.690$00
Em exposição no STAND CANON (565) — FIL
Representantes exclusivos Comundo
Av. 5 de Outubro, 56, Lisboa
Telef. 53 70 91
Telex 1906 Mundo — P

O novo Adão

(Continuação da 1.ª página)

dos os povos ditos «em vias de desenvolvimento», isto é, que procuram imitar o modo de vida burguês.

A aceleração do progresso tecnológico põe-nos portanto perante a perspectiva da aniquilação de todas as virtualidades não-úteis e não-rentáveis com que um Deus provàvelmente distraído ou talvez só desejoso de se divertir dotou os humanos. Ou, porventura, esse Deus não era ainda suficientemente «desenvolvido», conhecedor das leis da rentabilidade e da planificação. O facto é que ele não foi capaz de fabricar, logo de entrada, o *homo aeconomicus et planificator*. Passaram muitos séculos antes que o burguês procurasse corrigir a obra divina à imagem e semelhança de si próprio.

Mas os meios do burguês eram precários, e o combate tinha de ser incessantemente recomeçado, contra a prodigalidade e a preguiça, a anarquia, o espírito contemplativo, o capricho, o aventureirismo, a criancice, a ilusão. Era uma luta de jardineiro obrigado a podar todos os dias a estátua de murta, de que fala o Vieira. Alguns sucessos prodigiosos foram alcançados: a invenção do livro do Deve-e-haver, os bancos, os cheques, a revolução industrial inglesa, a unificação do mercado mundial, a exploração de matérias-primas desconhecidas, a contabilização geral da vida, a subordinação da Ciência à Técnica, os planos quinquenais, e semelhantes. Tudo passou a ter um valor contável na expressão quantitativa mais universal que existe: o dinheiro. Viram-se nascer cidades como Amesterdão em que os homens estão tão domesticados como o mar dentro dos canais. E civilizações fabulosas surgiram como a Norte-americana, em que ninguém pára de trabalhar; em que se almoça a correr, no bar; em que não se perde um minuto; em que tudo se capitaliza. Encontraram-se soluções admiráveis para tirar ao «sexual intercourse» o seu carácter mágico e sagrado assegurando ao mesmo tempo o equilíbrio higiénico favorável à produtividade. O erotismo substituiu o amor. Um aforismo sublime resume esta civilização: «time is money»: o tempo não é vida que se gasta, nem prazer que se goza, nem é tão-pouco desespero em que se perde; é capital que se acumula, que fica disponível e que serve para investir, multiplicando o mesmo tempo, em benefício individual ou colectivo.

Mas estas conquistas do *homo aeconomicus* ou *burgalensis* eram apesar de tudo frágeis. Viu-se isso em Maio em Paris em que Adão quase ressurgiu com a inocência e a força do Paraíso, e gritou: «Prenons nos désirs pour des réalités!»

Mas chegámos talvez à época em que ele vai desaparecer definitivamente. Pelo menos muito boa gente assim o pensa e deseja. O novo Adão, convenientemente seleccionado na semente e tratado *in vitro* será o arquétipo da civilização citadina, científica e burguesa, higiénica e indolor, podado de todos os impulsos insociais e improdutivos. Nem sequer terá a consciência de ser infeliz porque uma adequada intervenção na cadeia genética lhe tirará a memória do paraíso.

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

A nitidez da dor

(Continuação da 7.ª página)

A secura e aridez corresponde o motivo insistente da separação, que distribui os corpos em lugares dispersos (corpos desunidos, corpos isolados, despedida): «Outono do amor que folhas moves / na direcção dos corpos separados» (pág 11); «Como de noite se desmontam armas / como durante o dia o céu descreve / o seu sopro nos corpos isolados / e devagar desmonta os ossos móveis / e monta a solidão» (pág. 17).

OR fim, apontemos o que é o grande tema do livro: *a ruína do corpo*. Nestes versos, a dor não está presente Ela não é descrita. Ela *não pode* ser descrita. A dor fica sempre *para além* das palavras, no limite do inominável. Não é a dor que os poemas designam, mas a sua percussão, os seus efeitos. É como tonalidade generalizada a todo o espaço que a dor existe nestes versos (e daí o uso frequente da hipálage: «o voo *doloroso* da ave morta»). É a dor que eles contornam, é a dor que eles habitam, sem nunca a poderem nomear. Ela é a impossibilidade que move o poema.

O livro fala-nos da decomposição do corpo, da sua quase biológica desagregação, da sua lassitude. A ruína cresce, alastra: «Zona seca em clareiras onde incidem / os brilhos isolados / do sol que se despenha / no corpo separado e não distingue // a terra do céu ou o corpo / da vida arruinando / a solidão e separando mais / na zona seca o corpo das mortais // detonações da vida arruinado». O poema diz-nos o cansaço: «agora só conhece já e ouve / a própria voz descida com as folhas». Fala do sofrimento que as armas cavam no corpo: «Mesmo quando no corpo as armas cavam // o rumor dos seus tiros / e se reflectem nela ermos os ingremes / acentos do Outono // os fogos a contornam e desenhmam / / do sofrimento e ao rumor a unem / / agreste do amor». Fala-nos do corpo queimado, perdido o brilho e o reflexo que o ligavam ao corpo-outro. «Pele que não reflecte / nenhum corpo / pele coberta e vã pele privada». Ou ainda: «E nitidez de brilhos destruídos / do Outono do corpo e abatidos // sulcos do céu de encontro à terra gasta / E nitidez da dor na pele em vastas / zonas urdida». Fala-nos do apodrecimento íntimo, da sordidez das feridas, da ocultação das cicatrizes: «Não abre a sua palidez ao vento / e na dor encerrada / ao ar lento / apodrece despida // a cicatriz no corpo / fixa e sobre o corpo / movida da angústia / no ar apodrecida // Não abre a sua palidez mas contra / o corpo vive / morta // como uma despedida / enquanto o ar prossegue desferindo / no corpo cicatrizes».

morte rodeia, contorna, traça a terrível grafia do desaparecimento. Ela é morte simulada na inutilidade do exercício quotidiano, ela e a morte contida ou desviada no limite do absurdo: «rasga- / -se a luz vasta do ar e sob o céu // de súbito apagado ouve-se mais / que tiros e rajadas mas a morte / contida ou desviada e o desvio // das balas disparadas / penetra nos ouvidos / fundo e árido»

OMO em todos os anteriores livros de Gastão Cruz, também aqui existem elementos ambivalentes ou melhor, neutros, que oscilam entre o lado positivo e o lado negativo das coisas. O mesmo objecto pode servir para acentuar a morte ou acrescentar a vida. A ambiguidade provoca esse balanceamento que permite a esperança. Por exemplo. quem conhece da Primavera o movimento das aves ignora os prantos de quem desse movimento agora só conhece estas esperas: «aves apenas mórtas e sem nada / que lhes suprima a morte». Por sua vez, as armas podem ser de alegria ou de angústia, decidindo-se tudo no modo como delas nos apropriamos. É a crise em tudo: espaço de dúvida.

Em *As Aves*, a vacilação extingue-se por si: «há um cansaço envolvente a destruir e inutilizar todas as coisas. Tudo se vai reduzindo à sua miséria absoluta. A zona seca do poema inicial é agora «a solidão na zona destruída». O balanço é de «desgaste / da luz e das palavras». A pouco e pouco acumulam-se os resíduos. No último poema do livro, os sinais da crise multiplicam-se: é o crepúsculo, a poluição das terras, os «corpos ingremes», o «silêncio escavado» nas palavras, as «palavras soterradas», os «corpos hirtos», o «progresso da solidão». Itinerário desolado, errância absurda, a experiência que o poeta enuncia nestes versos (que a ela clarissimamente se opõem) é a esperiência, não da morte, que seria ainda demasiado simples e breve, mas da náusea e sordidez: isto é, da ruína da vida pelos mais intoleráveis instrumentos de perversão.

EDUARDO PRADO COELHO

(*) Gastão Cruz, *As Aves*, Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1969.

Os exércitos de Chicago

(Continuação da 8.ª página)

da mística, dirigiu algumas palavras às suas falanges. Mas cedo fizera saber que não atravessaria os infernos na barca comprometida de HHH (Hubert Horatio Humphrey).

Norman Mailer (aliás como Borroughs e Jean Genet) executa o seu trabalho quer nas batalhas campais da rua e dos parques, quer nos bastidores do Hotel Hilton, quer no anfiteatro. Mas evita a confrontação pessoal. Uma cacetada significaria não escrever durante uma ou duas semanas, um espancamento, uma imobilização durante um mês e o prazo para entregar as reportagens ao magazine *Harper's* era extremamente curto. E havia ainda Mace, um gás que entontece e provoca náuseas, dores e lágrimas, que a Polícia utiliza como um «spray». Mesmo assim acabava por ser preso quando tomava notas sobre um «jeep» especialmente equipado para distúrbios e não resiste a responder truculentamente a um provocador. Os bufos agarram-no acto contínuo para o provocador o poder socar.

Mas, por essa altura, McCarthy, McGovern e Edward Kennedy já nada faziam na Convenção. A banda tocava «Os bons tempos voltaram» e as unidades que tinham lutado pelas causas mais nobres tinham retirado melancòlicamente. Soara a hora dos tartufos, dos palhaços e dos tigres de borracha.

JOSÉ VAZ PEREIRA

Campanha de Férias

Barbo

APENAS 100$00 MENSAIS DURANTE OS MESES DE VERÃO

Frigoríficos - Televisores - Rádios - Gira-discos - Gravadores - Alta Fidelidade - Discos - Máquinas de Lavar Roupa e Loiça - Aspiradores - Enceradoras - Fogões - Esquentadores - Máquinas de Cozinha - Candeeiros, etc., etc. - Mobiliário de Campo e de Praia - Mobílias - Maples e Sofás - Colchões - Alcatifas e Carpetes - Rádios de Automóvel

7 AUTÊNTICOS SUPERMERCADOS DE ELECTRODOMÉSTICOS

Barbo

Av. Liberdade, 131 — Av. Almirante Reis, 124
Pr. Londres, 7 — Rua S. Bento, 55
R. 1.º Maio, 146 (Sto. Amaro) — R. D. Estefânia, 193
R. Gonçalves Crespo, 26 (ao cimo do C. Redondo)

CARAVANS INTERNATIONAL
O maior e mais experiente fabricante de caravanas do mundo

75% DA PRODUÇÃO MUNDIAL DE CARAVANAS SEGREDO DE UM GRANDE ÊXITO

14 MODELOS À SUA ESCOLHA

ECCLES EUROPE

FAIRHOLME SPRITE

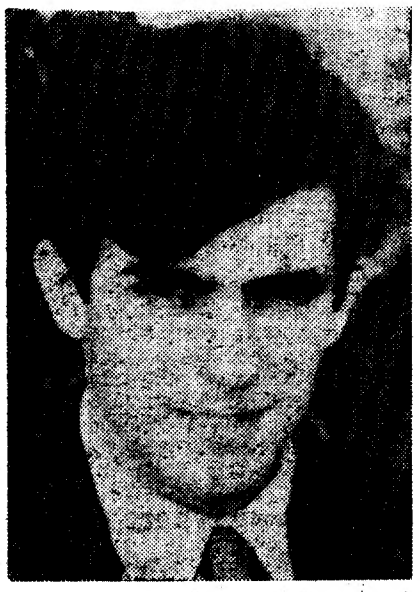
MARCAMPO
A MAIOR ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE CARAVANISMO

VISITE OS NOSSOS SALÕES DE EXPOSIÇÃO:
AV. ALMIRANTE GAGO COUTINHO, 56-A, B, D • TEL. 72 67 76 • LISBOA 5

A nitidez da dor

por Eduardo Prado Coelho

CADA livro de Gastão Cruz, sem recusar a experiência legada pelos livros anteriores, sem marcar uma ruptura na continuidade de um projecto, constitui sempre uma nova fase: um momento verdadeiramente novo na obra do poeta, um avanço. Não se trata de reunir poemas mais ou menos aparentados — mas de estabelecer conjuntos de versos que possuam a sua individualidade própria, as suas regras, os seus ritmos e os seus limites. Talvez isto aconteça pelo facto muito simples de cada um destes livros estar associado a *uma crise*, a um instante crítico, que é o lugar ausente da sua convergência. Hipótese que nos agrada pelas duas vantagens que possui: vinculando cada um destes poemas a um período de crise, asseguramos as *condições* do carácter *concreto* desta poesia. E ainda: definindo a crise (dúvida, oscilação, transformação, vertigem) como um processo de crítica e metamorfose, caracterizaremos a poesia de Gastão Cruz como *uma poesia de mudança:* a situações de «doença» ou «escassez» corresponde a necessidade de «outro nome» que a poesia reivindica.



Gastão Cruz

É talvez importante notarmos estas coisas. Para afastar o equívoco. Para que se não pense que esta é uma poesia feita no céu das ideias puras, por uma alquimia meramente intelectual, por uma intenção integralmente lúdica. Neste ponto, «As Aves» (*) é uma armadilha. É preciso que o crítico (que é um leitor mais reflectido, note-se bem, para que se não pense, como certo crítico pensava, que a crítica é uma invenção do século XIX...) esteja atento e não encontre a metáfora onde ela não está. *As Aves* é um excelente exercício para uma leitura literal: o que é é, e nada mais, no corpo articulado do poema. Este livro de Gastão Cruz é de uma invulgar transparência, tão acentuada, tão firme, tão tensa e tão límpida, tão ampla e tão clara, que o descobrimos subitamente frágil, dum dramatismo iminente e tão próximo que só o impede (no perigo da sua transbordância) o olhar vigilante da razão poética.

EM *As Aves*, o pessimismo é maior: desolação e desamparo que aqui se exprimem em versos de uma violência quase intolerável. Nunca a crise foi tão cruel e aguda, nunca ela emergiu tanto à flor das palavras. E é isso que torna (uma vez mais) *comovente* este livro de poesia: no sentido em que o termo designa um movimento em nós, uma deslocação de horizontes e utopias, marcas e caminhos. No sentido em que assim se diz a metamorfose intensa que a nós se comunica, a dor que nos contamina, o desespero que a pouco e pouco vai erguendo os ingremes muros da nossa asfixia.

Leia-se com atenção este poema constituído por vinte e oito quase-sonetos. Aqui o discurso é vagaroso e repetido, deliberadamente monótono, numa sucessão de imagens semelhantes que só muito lentamente se movimentam e diferenciam: «É um sopro de dias / movendo as suas lentas madrugadas / e nas manhãs e tardes repetindo // o céu cobrindo armas / o sol por entre as árvores deixando / soprar o movimento único imenso / da manhã e da tarde.»

O gesto sonâmbulo destes versos resulta duma primeira impressão; depois cabe-nos descobrir a tenacidade, a insistência, a amargura voraz que promovem a sequência das palavras, o seu ritmo sacudido e exausto, a sua forma de sobrevivência:

a voz própria cansada
quando a vida
e a voz lhas está a dor tirando.

Aqui são as palavras que resistem, às vezes atingidas (como um corpo que cai, às vezes fracturadas, às vezes lacunares, cobertas de manchas e silêncios: palavras onde se recolhe a força última e urgente da vida ameaçada.

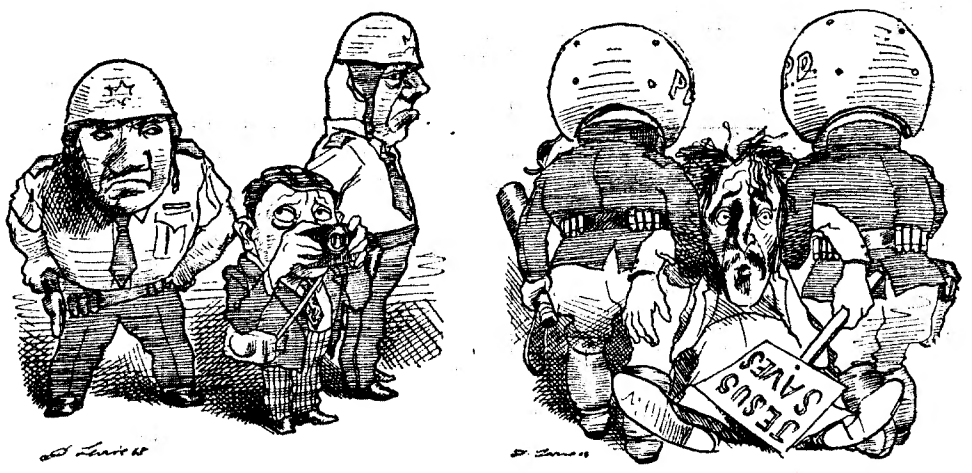
ESTA poesia enraíza-se num campo espácio-temporal determinado: entre o Outono e o Inverno, entre as aves e a terra. Espaço-tempo cerrado, alucinante, intransitivo: «É um Outono inteiro imerso em armas»; «ar morto». Lugar subterrâneo, aquário de ecos e sombras (tiros e corpos simulados). Existe uma casa, mas cercada, envolvida pelas telas do fogo ou da noite: «morte inútil // que cada noite a treva desenvolve e / nos muros desta casa / fustigada se expande»; ou «É húmido o Outono / / nesta zona de angústia aglomerada / fogo branco de névoa espesso e oco / em torno duma casa». Na casa se concentra a angústia e o espaço que nela se define é o de um lugar soterrado, submerso, asfixiante. Na página 20, encontramos a expressão «vida submersa». E na página 25, podemos ler: «E cada corpo vai-se // prendendo ao fogo raso / / pois só pode / arder imerso quando tudo arde.» Nesta conjunção da noite, de fogo e da névoa, neste recinto fechado e seco, nesta zona de escassez e garatujas de morte, abrem-se longos túneis de solidão:

Corredores por onde
os olhos se demoram
os dias e as horas que não bastam
para correr na sua luz estéril
as paredes amargas o traçado
lento e vertiginoso
da cidade coberta e lajeada
desta casa
Corredores extensos como um tiro
como clarões de pólvora fugidos
da boca duma arma
como profundos túneis
como fundas
ruas desamparadas

Zona de aridez, esterilidade e estagação:

Zona desaguada em céu sem folhas
zona coberta de ar
destituída
zona que a terra cobre só provida
de áridos ramos e da luz iníqua
com que trespassa o ar e rasga os troncos
pulu[dos
Zona desaguada no mês seco
e duro de Dezembro
desprovida de folhas
com os troncos
e os ramos imersos no céu ermo
tão rudes e inúteis que sofremos
a sua vida iníqua contra os olhos

(Continua na 7.ª página)



Como Levine «viu» o cerco de Chicago...

Os exércitos de Chicago

por José Vaz Pereira

MIAMI E O CERCO DE CHICAGO
(Miami and the Siege of Chicago)
por Norman Mailer
2.ª parte: «The Siege of Chicago»
Publicado pelos Signet Books

O REPÓRTER que foi a Chicago assistir à Convenção Democrática de 1968 era o escritor que combateu no Pacífico, na II Guerra Mundial. Por isso não teve muitas ilusões sobre o que ia passar-se: a polícia estava nos parques e a Guarda Nacional tomava posições, de capacete de aço e baioneta calada, junto do hotel Hilton. O «mayor» Daley, autopromovido a general dos exércitos de Chicago, preparava uma recepção em cheio à juventude dissidente, aos partidários do senador Eugene McCarthy e aos defensores dos direitos cívicos. Os olhos profissionais de Mailer repararam logo nos jipões carregados de guardas e com os guarda-lamas enrolados em arame farpado. Eram os mesmos que tinham entrado em acção, um ano antes, nos distúrbios de Watts, o bairro negro de Los Angeles.

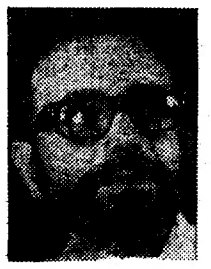
Se no anfiteatro da Convenção as «pombas» tinham poucas probabilidades, na rua um colete-de-forças asfixiava-as, impedia-as sequer de bater as asas. Nos próprios parques havia ordens para um recolher obrigatório — os manifestantes estavam encurralados, os jornalistas, os operadores de actualidades, os fotógrafos, as equipas da TV protegiam-se com capacetes antichoque. Pairava, na atmosfera densa de Chicago, a hipótese dum S. Bartolomeu. Os homens do uniforme estavam dispostos a iniciar a guerra santa contra os «yippies», «hippies» e estudantes — mesmo que as imagens da violência penetrassem em milhões de salas de estar, fossem transportadas a milhões de pessoas, a milhões de famílias («isto está a acontecer agora»).

Eugene McCarthy sabia, apesar do seu sucesso nas primárias, que se baseava numa plataforma demasiado liberal para poder ganhar a confiança e os votos dos delegados arquiconservadores que dominavam a convenção. Mas, aliando-se tal como Humphrey, à política da administração cessante, comprometeria irremediàvelmente o seu futuro. Por isso, McCarthy representou o papel do hóspede genial que nunca chega para jantar. Quando visitou os seus partidários, após a batalha com as tropas de Daley, encontrou-os destroçados, dispersos, gaseados e desiludidos. Ali mesmo, muitas vozes se ergueram afirmando que era preciso um 3.º partido que agrupasse os progressistas e os jovens, votados ao ostracismo pela oligarquia da máquina democrática. O senador de Minnesota escutou e desapareceu. Sabia também que, em 1974, continuava a não haver hipóteses fora da pendularidade dos dois grandes partidos. A verdade era conhecida mas não se podia enfrentar. Desta vez, a lucidez matava. O carisma de McCarthy morria num planalto de esperanças varrido por um ciclone de brutalidade.

Dentro do recinto da convenção as «pombas» tinham-se tornado beligerantes. Mas pràticamente só a delegação da Califórnia e a de Nova Iorque pediam a cessação imediata dos bombardeamentos no Vietnam e a retirada gradual das forças expedicionárias. Eram abafadas pela vaga gigantesca dos que defendiam Johnson e a sua política através de Humphrey. Alguns delegados queimaram os seus mandatos e, à medida que se ia sabendo o que se passava lá fora, outros subiam à tribuna para denunciar «as técnicas da Gestapo» utilizadas na rua. Mas a sua voz não se ouvia no pandemónio — o som era cortado, os microfones avariados sempre que se atacava o «mayor» Daley e os seus polícias de capacete azul, viseira de *plexiglas* e cacete de borracha maciça.

Alguns dos pacifistas propunham a retirada imediata das delegações não comprometidas, as imagens dos telereceptores provavam que os liberais perdiam a pugna com a máquina eleitoral e partidária e a confrontação com a máquina repressiva. A Convenção conheceu apenas um momento de paz: a projecção dum filme sobre Robert F. Kennedy assassinado em Junho, em Los Angeles. Como escreve Mailer, «o empirismo de políticos profissionais nunca é dirigido pelo idealismo mas é, ás vezes, perturbado pela emoção.» Edward Kennedy, o último representante

(Continua na 7.ª página)



OS MASTINS • O DISFARCE DE ÁLVARO GUERRA

A CRÍTICA FRANCESA FALA POR NÓS

«As duas narrativas de Álvaro Guerra, indissociáveis, mostram não sòmente as provas de um talento evidente mas ensinam-nos também que Portugal não é um longínquo arrabalde da Europa mas que os Mastins guardam sempre a porta do Solar: a parábola não poderá aplicar-se a um só país, mas a muitos, para não dizer a todos, cada um vivendo na sua aldeia, cada um vivendo, como diz Guerra no fim do mundo.»

Tristan Renaud
«Les Lettres Françaises»

«Para além da própria estrutura exemplar baseada no esventrar mítico do tempo e do espaço, esta narrativa transcende a alegoria política e social.»

A. M. Machado
«La Quinzaine Littéraire»

«Deste simbolismo sistemático não sofre o romance de Guerra, duro e seco, despojado, podendo ler-se como uma história simples.»

Gilles Lapouge
«Le Monde»

Cinco editoras estrangeiras pedem a opção dos direitos de publicação dos dois livros de Álvaro Guerra.

PRELO EDITORA
Rua Misericórdia, 87, 2.º Esq.º — Tel. 370691 — Lisboa